



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDOC  
LINHA DE PESQUISA: FORMAÇÃO HUMANA E  
DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE**

**De luta e de letra:  
A contribuição do Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do  
RN para a formação docente nas vozes das professoras militantes**

**MARIA DA CONCEIÇÃO FERNANDES DE FRANÇA**

**MOSSORÓ/RN, JUNHO DE 2015.**

MARIA DA CONCEIÇÃO FERNANDES DE FRANÇA

**De luta e de letra:  
A contribuição do Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do  
RN para a formação docente nas vozes das professoras militantes**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, à Linha de Pesquisa de Formação Humana e Desenvolvimento Profissional Docente, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Professora Orientadora: Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar.

MOSSORÓ/RN, JUNHO DE 2015.

**Catálogo da Publicação na Fonte.**  
**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

França, Maria da Conceição Fernandes de  
De luta e de letra: a contribuição do Sindicato dos Trabalhadores em  
Educação Pública do RN para a formação docente nas vozes das professoras  
militantes. / Maria da Conceição Fernandes de França – Mossoró, RN, 2015.

148 p.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar.

Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Rio Grande  
do Norte. Programa de Pós- Graduação em Educação

1. Educação - Movimentos Sociais. 2. Educação - Mulheres Militantes. 3.  
Formação Docente. I. Aguiar, Ana Lúcia Oliveira I. II. Universidade do Estado do  
Rio Grande do Norte. III. Título.

UERN/BC

CDD 370

MARIA DA CONCEIÇÃO FERNANDES DE FRANÇA

**De luta e de letra:  
A contribuição do Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do  
RN para a formação docente nas vozes das professoras militantes**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, à Linha de Pesquisa de Formação Humana e Desenvolvimento Profissional Docente, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.  
Professora Orientadora: Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar.

Dissertação aprovada em: 12 de Junho de 2015.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Ana Lúcia Oliveira Aguiar  
Orientadora – POSEDUC/FE/UERN

---

Prof. Dr. Francisco Ari de Andrade  
Examinador Externo (Titular) – PPGE/FACED/UFC

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Giovana Carla Cardoso Amorim  
Examinadora Interna (Titular) – POSEDUC/FE/UERN

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Kelma Socorro Alves Lopes de Matos  
Suplente Externa – PPGE/FACED/UFC

---

Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup>. Normândia Farias de Mesquita Medeiros  
Suplente Interna – POSEDUC/FE/UERN

## DEDICATÓRIA

Às mulheres.

Que fizeram das algemas e das mordanças adereços reciclados e transformados em estandartes e bandeiras de luta. Que carregam na alma o grito que não mais as emudece. Que aprenderam a não mais calar-se diante das injustiças. Que não mais respondem “sim, senhor”, mas questionam “por que senhor?” Que se apropriam da **letra** para contar e escrever sua própria história. Que nos ensinam a não fugir da **luta** e seguir sempre em frente com fé na **vida**.

(Naide Fernandes)

Que nada nos defina. Que nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa própria substância. (Simone de Beauvoir)

## AGRADECIMENTOS

Ao Ser Supremo. Um Deus que ama e acolhe os filhos e as filhas de tons, cores e sons diversos.

À minha família, meu pai Seu Nelson, minha mãe Dona da Paz que, com seu amor, preocupação, zelo e o aconchego de seus colos, me tiram o desânimo e me estimulam a vontade de seguir em frente. Através deles estendo o meu agradecimento às minhas irmãs Neide e Neuma e ao meu irmão Naelson. Irmãs e Irmão que me deram, ainda, de presente sobrinhos, sobrinhas maravilhosos/as, cunhada e cunhados que são, também, partes de mim. Amo vocês e trago sempre em meu pensamento.

À Flora, Lissa e Thaís. Além de filhas, são minhas amigas, cúmplices, confidentes e companheiras. Ajudam-me a enfrentar os desafios e fazem sentir-me cada vez melhor como ser humano. Dão-me a cada dia a certeza de que o amor não se explica, se sente. Obrigada filhas, pelo sentimento inexplicável de amar e ser amada.

À Cícero Lima, pela doação diária de seus afagos, risos soltos e pela partilha de bons momentos que me embalam e aquietam as minhas angústias e os meus cansaços do cotidiano.

Amigos e amigas a gente escolhe e procura acertar naqueles/as que queremos perto de nós a vida inteira. Tenho um bocado assim. O meu abraço apertado e afagador em cada um/a que me quer bem e me tem como amiga.

Agradeço, em especial, minha primeira e principal incentivadora que não me deixou desistir depois de duas tentativas frustradas para a seleção de mestrado. Daiany Dantas, a quem agradeço imensamente a paciência e a sabedoria ao me dar a sua escuta sensível e aguçada quando eu falava do projeto e do desejo de ser pesquisadora. Uma amiga que me fez brilhar os olhos quando me vi mestranda.

Maria, Marias. Tantas mulheres que tenho a agradecer por terem me deixado partilhar de suas vidas e vivenciar suas histórias, levando-me por maravilhosas viagens memorizadas e eternizadas em suas narrativas. Minha memória vem carregada de cheiros, cores, rostos diversos e ímpares que não esquecerei jamais.

Ao Centro Feminista 8 de Março, primeira entidade a me permitir entrar ativamente na luta feminista e, assim, adquirir um novo jeito de ver, viver o mundo e refletir sobre o que é ser mulher.

Companheiras e companheiros do Grupo Mulheres em Ação pelas valiosas contribuições profissionais e humanas no decorrer de um trabalho coletivo, especialmente a

Aparecida Silva, Dolores Gregório, Luzia Costa e Telma Marinho que, através de suas memórias e de suas histórias orais carregadas de significados e de aprendizagens, ajudaram para que eu pudesse refazer o trajeto percorrido com as mulheres no período deste trabalho.

Ao Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Estado do Rio Grande do Norte – SINTE, Regional Mossoró, pela importante colaboração em dispor tempo, espaço, registros, histórias orais e visuais que deram a condição necessária para o trilhar dessa pesquisa. Muito obrigada pelas portas abertas, literalmente!

Ângela Fernandes, Camila Santos e Genilda Maia. Mulheres, professoras e militantes que se deixaram ser sujeitos da pesquisa, emprestando suas memórias e me permitindo refazer com elas uma maravilhosa viagem pelos caminhos da luta coletiva, compreendendo que é no entrelaçar das mãos que formamos uma bela ciranda em que se movimenta a vida.

À Fundação de Apoio à Pesquisa do RN – FAPERN pela bolsa concedida a mim, proporcionando que eu me dedicasse com exclusividade às atividades do mestrado e, assim, cumprir com as atividades inerentes à pesquisa.

À coordenação e secretaria do Programa de Pós Graduação em Educação – POSEDUC/UERN pelo excelente trabalho desempenhado com responsabilidade, zelo e respeito com os/as mestrados/as.

Colegas do mestrado, obrigada pelos estudos e aprendizagens adquiridas. Mais do que isso, obrigada pelos momentos de solidariedade e construção coletiva. Não ousou mencionar individualmente seus nomes para não correr o risco da exclusão e, sobretudo, porque reconheço que cada um/a se faz presente na minha memória de acordo com suas limitações pessoais e conforme o nível de afinidade que fomos construindo de maneira reciprocamente natural. No entanto, reconheço também, aqueles/as que se fizeram bem mais amigos/as e mais próximos durante este tempo. Estes/as, sem dúvidas, têm assento vip na minha história de vida. De modo geral, nós fizemos a diferença, como bem nos disseram por onde passamos (desculpe aí!).

Muito obrigada professores e professoras do mestrado pelos ensinamentos e condução das disciplinas e pelas possibilidades de termos conseguido fazer as reflexões na direção de uma formação verdadeiramente humana.

Aos membros da banca de qualificação e defesa, pela disponibilidade em se fazerem presentes nessa viagem e pelas importantes contribuições trazidas em suas bagagens.

O meu mais afetuoso agradecimento a minha orientadora Ana Lúcia Oliveira Aguiar por ter apostado no meu trabalho e me ajudado a segurar firme a bandeira da luta e da letra. Um ser humano que nos ensina cotidianamente a não perder de vista o trem da vida e a seguirmos firmes com os pés no chão, vivos de olhos bulindo e acreditando que um mundo diverso e

inclusivo pode ser construído se tivermos a fé e a alegria de viver. Uma companheira que se faz presente em todas as dimensões de nossas vidas. Nos orienta profissionalmente e, também, de forma amiga, materna e humana. Você, Ana, é a fiel referência de ser humano solidário e honesto. Quero ser como você quando eu crescer.

Eu não teria conseguido encontrar-me no meu eu pesquisadora sem a grande e importante contribuição de cada um/a de vocês. Muito obrigada!

Falamos em ler e pensamos apenas nos livros. Mas, a ideia de leitura aplica-se a um vasto universo. Nós lemos emoção nos rostos, lemos os sinais climáticos nas nuvens, lemos o chão, lemos o Mundo, lemos a Vida. Tudo pode ser página. Depende apenas da intenção de descoberta do nosso olhar.

(Mia Couto)

## RESUMO

A pesquisa dissertativa aqui apresentada trata de um estudo sobre a relação sindicato/profissão docente, no sentido de compreender a contribuição do Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Estado do Rio Grande do Norte – SINTE/RN – Regional Mossoró para a formação de professoras em nível municipal, no que tange às questões pedagógicas e humanas essenciais para a prática educativa. Motivadas por uma inquietação que direcionou todo o percurso, nos questionávamos o tempo todo sobre *como as ações do SINTE/RN contribuem para a vida das professoras no sentido da formação para a prática da docência?* Buscamos encontrar as respostas no sentido de estimular para uma reflexão acerca do fazer pedagógico na perspectiva humana. Assim, traçamos como objetivo geral: refletir, a partir das narrativas das professoras militantes, a contribuição do SINTE/RN para a formação docente. Para alcançarmos este objetivo, delineamos a nossa pesquisa através dos objetivos específicos, em que pretendemos identificar as ações desenvolvidas pelo SINTE/RN para a formação docente no RN, inventariar com as professoras sindicalizadas e em exercício do magistério as suas histórias de vida dentro do sindicato e analisar, a partir das vozes das professoras militantes, a relação do sindicato com a formação docente e como este se constitui espaço formativo. O referencial teórico que fundamentou nosso trabalho foi apreendido a partir das leituras e estudos em autores como Arendt (2007); Bueno; Catani; Sousa (1998); Bueno (2002); Freire (1996, 1999, 2013); Germano (2011); Gohn (2011); Josso (2010); Nóvoa (1995, 2008); Oliveira (2010); Passeggi; Souza; Vicentini (2011); Rios (2001); Souza (2003); Thompson (1987); Vianna (1999); Vieira (2009); Louro (1997); Halbwachs (1990), entre outros. Utilizamos o método (Auto) biográfico por meio de narrativas de três mulheres professoras, militantes e em exercício da docência em escolas públicas do município de Mossoró/RN que, através de suas histórias de vida e num revisitar de suas memórias, nos deram a condição de uma maior compreensão no que diz respeito à formação política e pedagógica desenvolvida a partir de suas vivências nas atividades promovidas pelo sindicato. Como resultado, apontamos a valiosa contribuição que os movimentos sociais têm dado ao longo de sua trajetória para que a prática da docência perpassasse pela formação coletiva, social e humana, levando o sujeito a posturas reflexivas e autocríticas diante do outro e de si mesmo, no sentido da promoção de uma educação inclusiva e transformadora. Postura que adquiri quando mergulhei no universo da luta coletiva e me banhei nos momentos partilhados com os movimentos sociais, lavando a minha alma e me revestindo de sonhos possíveis, assim como é possível construir práticas pedagógicas voltadas para o sujeito e sua condição humana.

**Palavras-chave:** Movimentos Sociais. Mulheres Militantes. Formação Docente. (Auto) Biografia.

## RESUMEN

La investigación de la tesis que aquí se presenta es un estudio sobre la profesión relación unión / enseñanza, con el fin de entender la contribución de la Unión de Trabajadores de la Educación Pública de Rio Grande do Norte - SINTE / RN - Mossley Regional para la formación de profesores en nivel municipal, con respecto a los temas educativos y humanos esenciales para la práctica educativa. Motivado por la preocupación de que dirigió hasta el final, nos preguntamos todo el tiempo sobre cómo las acciones de SINTE / RN contribuyen a la vida de los maestros hacia la capacitación para la práctica de la enseñanza? Buscamos encontrar las respuestas para estimular una reflexión sobre la práctica pedagógica en la perspectiva humana. Por lo tanto, nos basamos objetivo general es reflejar, a través de los relatos de los profesores militantes, la contribución de SINTE / RN para la formación docente. Para lograr este objetivo, presentamos nuestra investigación a través de objetivos específicos, ya que queríamos identificar las acciones desarrolladas por SINTE / RN para la formación docente en RN, el inventario con los maestros y la práctica de la enseñanza de sus historias de vida dentro de la unión sindicalizados y analizar, a partir de las voces de los maestros militantes, la relación de la unión con la formación del profesorado y cómo es el espacio formativo. El marco teórico que justifica nuestro trabajo fue capturado en las lecturas y estudios sobre autores como Arendt (2007); Bueno; Catani; Sousa (1998); Bueno (2002); Freire (1996, 1999, 2013); Germano (2011); Gohn (2011); Josso (2010); Nóvoa (1995, 2008); Oliveira (2010); Passeggi; Souza; Vicentini (2011); Ríos (2001); Souza (2003); Thompson (1987); Vianna (1999); Vieira (2009); Louro (1997); Halbwachs (1990), entre otros. Utilizamos el método (Auto) biografía por tres profesoras narrativas, militantes y llevamos a cabo la enseñanza en las escuelas públicas del municipio de Mossoró / RN que, a través de sus historias de vida y una visita de sus recuerdos, nos damos la condición una mayor comprensión con respecto a la formación política y pedagógica desarrollada a partir de sus experiencias en las actividades promovidas por el sindicato. Como resultado de ello, señalamos la valiosa contribución que los movimientos sociales han dado a lo largo de su carrera a la práctica de la enseñanza impregna la formación colectiva, social y humano, lo que lleva al sujeto a posiciones reflexivas y autocríticas uno frente al otro y de sí mismos, en a la promoción de una educación inclusiva y transformadora. Postura que adquirí cuando se sumerge en el mundo de la lucha colectiva y bañado en momentos compartidos con los movimientos sociales, lavando mi alma y revestimiento sueños me sea posible, ya que es posible la construcción de prácticas educativas centradas en el tema y la condición humana.

**Palabras clave:** Movimientos Sociales. Mujeres Militantes. Formación del Profesorado. (Auto) biografía.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Foto 1:</b> Atividade na favela da Techint – Bairro Nova Vida, Mossoró – Mulher reivindica moradia.....	29
<b>Foto 2:</b> Reunião com mulheres rurais.....	30
<b>Foto 3:</b> Atividade com mulheres nas ruas marcando o 8 de março - dia internacional da mulher.....	31
<b>Foto 4:</b> Mulheres em marcha pelo fim da violência contra a mulher.....	31
<b>Foto 5:</b> Mulheres reivindicam o fim de uma sociedade machista e excludente.....	32
<b>Foto 6:</b> Mulheres pedindo a valorização do salário mínimo nacional.....	33
<b>Foto 7:</b> Momento da Entrevista com o Pe. Sátiro Cavalcanti Dantas.....	45
<b>Foto 8:</b> Ata de criação da Associação dos Professores de Mossoró – APM.....	46
<b>Foto 9:</b> Ata de criação da Associação dos Professores de Mossoró – APM.....	47
<b>Foto 10:</b> Ata de criação da Associação dos Professores de Mossoró – APM.....	48
<b>Foto 11:</b> Ata de criação da Associação dos Professores de Mossoró – APM.....	49
<b>Foto 12:</b> Sede onde funcionava provisoriamente a APM.....	50
<b>Foto 13:</b> Documento de doação de um terreno para construção da sede da APM.....	51
<b>Foto 14:</b> Documento de doação de um terreno para construção da sede da APM.....	52
<b>Foto 15:</b> Documento de doação do terreno/Início de construção da sede própria.....	53
<b>Foto 16:</b> Sede atual do SINTE Mossoró.....	54
<b>Foto 17:</b> Sede atual do SINTE Mossoró.....	54
<b>Foto 18:</b> Diretoria atual do SINTE/RN.....	56
<b>Foto 19:</b> Diretoria atual do SINTE/RN.....	56
<b>Foto 20:</b> Assembleias com os/as sócios/as na escola estadual Jerônimo Rosado.....	59
<b>Foto 21:</b> Assembleias com os/as sócios/as na escola estadual Jerônimo Rosado.....	60
<b>Foto 22:</b> Reunião de mulheres com professoras de escolas do bairro Nova Vida.....	62
<b>Foto 23:</b> Atividade de formação: gênero e educação com professores/as da rede pública.....	63
<b>Foto 24:</b> Simpósio de formação política com sócios/as.....	67
<b>Foto 25:</b> Simpósio de formação política com sócios/as.....	68
<b>Foto 26:</b> Momento da entrevista com dirigentes do SINTE Mossoró.....	69
<b>Foto 27:</b> Momento da entrevista com dirigentes do SINTE Mossoró.....	69
<b>Foto 28:</b> Encerramento do Encontro de Mulheres Trabalhadoras Rurais – 1999.....	85
<b>Foto 29:</b> Mulheres trabalhadoras rurais durante o Grito dos Excluídos – set. de 1999.....	86

<b>Foto 30:</b> Mulheres trabalhadoras rurais durante a marcha mundial das mulheres – Natal/RN, Out./2000.....	86
<b>Foto 31:</b> Marcha Mundial das Mulheres – Mossoró/RN, Out./2000.....	87
<b>Foto 32:</b> Marcha Mundial das Mulheres – Mossoró/RN, Out./2000.....	88
<b>Foto 33:</b> Mulheres do movimento de mulheres do bairro Nova Vida – Mossoró/RN.....	94
<b>Foto 34:</b> Mulheres do movimento de mulheres do bairro Nova Vida – Mossoró/RN.....	94
<b>Foto 35:</b> Mulheres do movimento de mulheres do bairro Nova Vida – Mossoró/RN.....	95
<b>Foto 36:</b> Mulheres professoras militantes durante a roda de conversa.....	118
<b>Foto 37:</b> Mulheres professoras militantes durante a roda de conversa.....	119
<b>Foto 38:</b> Mulheres professoras militantes durante a roda de conversa.....	119
<b>Foto 39:</b> Mulheres professoras militantes durante a roda de conversa.....	119
<b>Foto 40:</b> Da esquerda para a direita: Genilda Maia, Ângela Fernandes e Camila Santos.....	130

## SIGLAS

AACC – Associação de Apoio às Comunidades do Campo  
APLB – Associação dos Professores Licenciados da Bahia  
APM – Associação dos Professores de Mossoró  
APRN – Associação dos Professores do Rio Grande do Norte  
ASSOERN – Associação dos Orientadores de Educação do Rio Grande do Norte  
ASSERN – Associação dos Supervisores Educacionais do Rio Grande do Norte  
Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
CEBs – Comunidades de Base da Igreja  
CF8 – Centro Feminista 8 de Março  
CM8 – Centro da Mulher 8 de Março  
CNTE – Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação  
CUT – Central Única dos Trabalhadores  
INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais  
MEC – Ministério da Educação  
MMM – Marcha Mundial das Mulheres  
OLT – Organização Local de Trabalho  
ONG – Organização Não Governamental  
PDA – Programa de Desenvolvimento de Área  
PIB – Produto Interno Bruto  
PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro  
PROHACAP – Programa de Capacitação e Habilitação de Professores Leigos  
PT – Partido dos Trabalhadores  
SINDSEMP – Sindicato dos Servidores Municipais de Petrolina  
SINDSERPUM – Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Mossoró  
SINTE/RN – Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Estado do RN  
SINTEM/PB – Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Município de João Pessoa  
SINTEPE – Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Pernambuco  
SISPE – Sindicato dos Servidores Públicos da Educação  
UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte  
UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
UMES – União do Movimento Estudantil Secundarista  
VM – Visão Mundial

## SUMÁRIO

NAS VEREDAS DA VIDA AO ENCONTRO COM A LUTA.....	15
<b>CAPÍTULO 1: NA LETRA SE FAZ A LUTA: O SINDICATO E A FORMAÇÃO DOCENTE.....</b>	<b>20</b>
1.1 – Escrevendo a história com a luta: A organização dos profissionais de educação.....	23
1.2 – Sonho que se sonha junto vira realidade: Trilhando os caminhos da pesquisa.....	26
1.3 – Caminho se faz caminhando: O Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Estado do Rio Grande do Norte – SINTE/RN e sua construção política no município de Mossoró.....	42
1.4 – Politizando a prática: O Sindicato enquanto espaço formativo para a docência.....	63
<b>CAPÍTULO 2: NARRATIVAS DE SI: BANDEIRAS DE LUTA EM RETALHOS DE MIM.....</b>	<b>72</b>
2.1 – De mãos dadas com os movimentos sociais.....	74
2.2 – Na luta me fiz mulher: O trabalho com grupos de mulheres.....	80
2.3 – Mulher, professora e militante: A luta que nos une.....	96
<b>CAPÍTULO 3: VOZES QUE ECOAM: AS MULHERES E A FORMAÇÃO HUMANA.....</b>	<b>101</b>
3.1 – Professora-mulher: Uma função estereotipada.....	103
3.2 – Professora-militante: A história do SINTE/RN nas memórias das mulheres.....	109
3.3 – Bandeiras em punho: A participação das mulheres na luta sindical e a contribuição do sindicato para a formação humana e profissional.....	120
3.4 – Vidas partilhadas: Histórias na bagagem, jornada que se segue.....	131
<b>CONSIDERAÇÕES.....</b>	<b>140</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>146</b>

ANEXOS

## NAS VEREDAS DA VIDA AO ENCONTRO COM A LUTA

Ao longo da história a sociedade atribuiu às mulheres um lugar secundário e invisível ao definir os papéis que estas deveriam desempenhar, estabelecendo, dessa forma, a desigualdade entre homens e mulheres. Assim, a elas sempre coube o papel de cuidadora, protetora e tantos outros que estão dentro da função maternal, característica intrínseca do ser mulher. Tais papéis foram construídos e reforçados nas práticas sociais desenvolvidas pelas diferentes instituições. Assim como a família, primeira a estabelecer as relações desiguais a partir do poder patriarcal, a escola também é uma instituição socialmente constituída e está alicerçada nas distinções dos gêneros, visto que a atividade escolar é marcada pelo cuidado, pelo zelo e pela educação, tarefas tradicionalmente femininas.

Quando paramos para analisar as práticas e os discursos pedagógicos, podemos perceber que estes direcionam para posturas que muito se assemelham às relações familiares onde o afeto e o cuidar do outro são atividades das professoras, sobretudo na educação infantil. Posturas que podem ser vistas como reproduzidas daquelas que as mães e as esposas praticam dentro do lar com a família. Essas práticas vão sendo naturalmente absorvidas pelos diversos sujeitos que transitam o espaço escolar, contribuindo para o processo de *feminização do magistério*.

O magistério que ora trouxe uma nova identidade para as mulheres quando apontava como possibilidade de se verem enquanto profissionais fora do lar, passa a ter características tipicamente femininas, “paciência, afetividade, doação”, reforçando a ideia de que a docência deve ser percebida mais como um sacerdócio do que uma profissão, contribuindo, assim, para uma identidade de mulher dócil, dedicada e pouco reivindicadora, aprisionando as vozes das mulheres que sempre reivindicam seus direitos de existir, viver e ser.

Todas essas reflexões acerca da condição de vida das mulheres e a vivência nos movimentos sociais, em especial no movimento feminista, fizeram inquietar-me e aguçar o meu desejo de compreender quais os impactos na vida das mulheres militantes que vão às ruas na busca por mudanças na sociedade onde esta as veja e as considere sujeitos ativos, participativos e com direitos de oportunidades iguais e humanas.

Fiz-me adolescente nas lutas sociais e me tornei mulher ao me juntar a muitas Marias que, não aceitando passivamente uma condição desigual e desumana a que fomos impostas na sociedade, fizeram do seu cotidiano uma luta diária e incansável pelo fim de toda e qualquer forma de discriminação. Esses espaços me deram outro olhar diante de mim, do/a outro/a e das possibilidades que as adversidades apontam para a (re)construção das relações que se constroem na sociedade.

Por mais de uma década estive participante e ativa nos movimentos sociais. Diversas vezes com mulheres professoras nos eventos promovidos pelos sindicatos e movimentos representativos. Nestes, o Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Estado do Rio Grande do Norte – SINTE/RN me possibilitou mais uma reflexão, dessa vez tentando encontrar um nexo entre as ações do sindicato e o impacto destas na vida daquelas mulheres que ali participavam de maneira tão aguerridas.

Foram muitos os momentos compartilhados com as mulheres professoras na luta constante por melhores condições de vida e, particularmente nesse cenário, por uma educação pública acessível a todos/as. E foi, também, a partir dessa vivência que me vi mergulhada em vários questionamentos e inquietações que me levaram ao trilhar dessa pesquisa. Pois, queria descobrir qual a compreensão que aquelas mulheres tinham da sua participação e de que forma a ação do sindicato refletia no seu modo de ver e viver a sua prática docente e a sua vida enquanto sujeito social.

Refletir sobre a formação docente das mulheres professoras e militantes no sentido de desvelar a real contribuição que as ações do SINTE/RN trazem para a vida delas quanto à formação para a prática pedagógica é o ponto central da presente pesquisa. O nosso intuito é percebermos em que dimensão a relação prática docente e militância se configuram como processo de formação profissional, político, pedagógico e social, numa perspectiva de (re) construção das relações sociais e humanas. É preciso trazer as discussões do campo político para o acadêmico, na perspectiva de se considerar o profissional da educação na sua complexidade, e isso perpassa por refletir sobre as condições de vida e os reflexos que recaem sobre a prática da docência, na intenção de contribuir para novas práticas que apontem cada vez mais para a formação humana.

A presente pesquisa coloca o SINTE/RN como objeto de estudo, a partir das narrativas das professoras militantes, para investigar questões pertinentes à colaboração deste espaço representativo no que diz respeito à formação docente. Ou seja, compreender quais as contribuições das ações sindicais voltadas para a formação docente, a partir da reflexão coletiva das professoras acerca da realidade da profissão.

As situações vividas e presenciadas de histórias entrelaçadas em universos tão íntimos e unificados como o fazer educativo e a presença das mulheres na docência e na militância, se constituem como um costurar de uma gigante colcha de retalhos em que cada pedaço representa as mulheres e a educação na luta por uma prática educativa reflexiva e transformadora. Cores, texturas e dimensões diversas dão a beleza desta colcha que servirá para aconchegarmos nossas inquietudes e questionamentos que são trilhados no percurso da nossa caminhada investigativa.

As memórias e lembranças das mulheres professoras configuram-se como fios e agulhas que traçam ponto a ponto cada letra vivida na luta sindical.

Nessa perspectiva, o nosso estudo vem organizado em três capítulos em que procuramos contribuir para uma visão ampla e uma minuciosa reflexão das questões aqui apontadas e compartilhadas a partir das narrativas das mulheres professoras e militantes, sujeitos principais da presente pesquisa.

No **capítulo 1: na letra se faz a luta: o sindicato e a formação docente**, apresenta a história do movimento sindical, em especial a do sindicato de educação, que foi construída a partir das lutas por melhores condições de trabalho e de salários dignos. Nesse aspecto, pouco tem sido evidenciado acerca do seu papel formativo para a prática da docência. Isso tem se constituído como uma problemática investigada no decorrer desta pesquisa. Apresentamos elementos que nos dão o suporte do conhecimento e reflexão sobre o Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Estado do Rio Grande do Norte – SINTE/RN, sua construção e as ações por ele desenvolvidas no âmbito da formação humana e profissional. Para melhor detalhamento e compreensão desse processo, organizamos o primeiro capítulo em quatro tópicos assim definidos.

O primeiro, **Escrevendo a história com a luta: A organização dos profissionais de educação** traz um breve histórico sobre o processo de organização dos profissionais da educação pública e a relação dos movimentos sociais com a luta pela educação pública para todos e todas.

**Sonho que se sonha junto vira realidade: Trilhando os caminhos da pesquisa**, apresentamos os passos da pesquisa, as inquietações que nos levaram ao tema, o problema central, os objetivos, a metodologia que apontou as diretrizes do caminho percorrido e, sobretudo, a pertinência do estudo para a academia.

**Caminho se faz caminhando: O Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Estado do Rio Grande do Norte – SINTE/RN e sua construção política no município de Mossoró.** Esse terceiro tópico apresenta a trajetória do SINTE/RN, sua construção política, composição de seus/as sócios/as, principais ações e mobilizações políticas, no sentido de delinear os passos galgados para sua consolidação e, assim, um melhor conhecimento sobre este espaço de representação dos/as trabalhadores/as da educação no estado, mais descritivamente no município de Mossoró.

Concluindo o capítulo, nesse último tópico, **Politizando a prática: O Sindicato enquanto espaço formativo para a docência**, procuramos evidenciar as ações do SINTE/RN no tocante à formação docente, elencando as atividades promovidas e apoiadas que fomentaram

as discussões referentes à formação voltada aos educadores e educadoras filiados/as, percorrendo os registros documentais e memorizados ao longo de sua jornada.

**Capítulo 2: narrativas de si: bandeiras de luta em retalhos de mim.** Uma pesquisa surge de uma experiência vivida em que provoca inquietações carregadas de interrogações e reflexões. Esse capítulo permite o partilhar da minha trajetória de vida enquanto militante dos movimentos sociais e as contribuições que estes me proporcionaram para a construção da minha identidade enquanto sujeito reflexivo.

Organizado em três tópicos, o II capítulo chama a um convite para uma viagem de revisitação da memória e reconstrução da minha caminhada junto aos movimentos sociais e às mulheres, sujeitos dessa pesquisa. Começamos trilhando os momentos vividos e experimentados no interior dos movimentos sociais, a partir do tópico nomeado como **De mãos dadas com os movimentos sociais**. Aqui fica descrita a minha pertença ao universo das lutas sociais e as reflexões que me impulsionaram e alimentaram o meu desejo em buscar compreender os conflitos existentes na sociedade.

O próximo tópico, **Na luta me fiz mulher: O trabalho com grupos de mulheres**, de forma mais particular e específica, apresenta o desenvolvimento de trabalhos junto aos grupos de mulheres e a minha aproximação ao movimento feminista, no qual pude conviver com mulheres professoras e militantes, reforçando ainda mais o meu desejo de desvelar a interpretação que elas fazem da sua participação nas mobilizações populares e de que forma estarem dentro dos movimentos implica nas suas vidas pessoais.

Fechando esse capítulo, reforço a minha pertença ao projeto quando este traz as mulheres como protagonistas da pesquisa, por me fazer tão semelhante a elas no sentido das definições comuns que temos. São essas definições semelhantes que me deram condição de falar com mais propriedade das questões inerentes ao universo das mulheres, pois conhecendo é que compreendemos as aflições e indignações que carregamos nas nossas histórias de vida. **Mulher, professora e militante: A luta que nos une.** Como mencionado acima, este terceiro tópico do II capítulo versa sobre as situações comuns vividas e convividas. Assim, como tantas mulheres em que convivi e tantas outras que vieram nessa viagem investigativa, sou mulher, pedagoga e militante. Carrego em mim, assim como todas as outras mulheres, os anseios que me fizeram empunhar as bandeiras da luta por uma sociedade onde mulheres e homens sejam livres, iguais e reconhecidamente humanos/as na sua dimensão maior de ser.

No **capítulo 3: vozes que ecoam: as mulheres e a formação humana**, o SINTE/RN vem como objeto de estudo da pesquisa, onde lançamos nosso olhar para sua contribuição para a formação docente. No entanto, as mulheres é que são os sujeitos que nos dão, através de

diálogos, as reflexões que buscamos para tal compreensão. Nossa pesquisa se faz não na busca por verdades ou comprovações, mas nas interpretações de suas vozes e narrativas, onde as suas histórias de vida compõem a singularidade do nosso projeto.

Assim como os anteriores, este III capítulo está estruturado em tópicos, sendo em quatro, na intenção de que as vozes das mulheres permitam uma melhor compreensão do universo das professoras militantes, protagonistas da presente pesquisa. Começamos por fazer uma leitura sobre gênero e docência, pautando a discussão sobre a função estereotipada do magistério e outras questões que permearam ao longo da história das mulheres o cenário social e cultural em que foi se construindo as relações entre homens e mulheres. **Professora-mulher: Uma função estereotipada** é o título deste primeiro tópico e discute a definição dos papéis sociais atribuídos a mulheres e homens, trazendo os elementos anteriormente mencionados.

No segundo tópico, **Professora-militante: A história do SINTE/RN nas memórias das mulheres**, recontamos a história do SINTE/RN com as professoras militantes, destacando os momentos vividos por elas no interior do sindicato em que elas nos dão o verdadeiro “retrato falado” do sindicato, suas percepções e visões estabelecidas nesta relação.

Especificamente neste terceiro tópico está a contribuição mais significativa das mulheres para a pesquisa. **Bandeiras em punho: A participação das mulheres na luta sindical e a contribuição do sindicato para a formação humana e profissional**, vem recheado de narrativas das experiências das mulheres enquanto professoras militantes e ativas nas lutas do sindicato. Através das suas histórias de vida narradas e compartilhadas, buscamos perceber a real contribuição do SINTE/RN para a formação humana e profissional das mulheres professoras. Essa construção se deu a partir de suas narrativas que formam o subsídio primordial para a análise investigativa da pesquisa, pois elas é que nos apontam todas as reflexões acerca do SINTE/RN e seu papel formativo.

O quarto e último tópico, **Vidas partilhadas: Histórias na bagagem, jornada que se segue**, refere-se ao resultado das análises interpretativas feitas a partir dos levantamentos obtidos no decorrer da pesquisa. Aqui é o ponto de chegada da nossa viagem com as mulheres, professoras e militantes, onde trazemos nossas bagagens carregadas de saberes, memórias, esperanças, alegrias, conquistas e a vontade de prosseguir na luta por uma sociedade verdadeiramente humana.

## **CAPÍTULO 1: NA LETRA SE FAZ A LUTA: O SINDICATO E A FORMAÇÃO DOCENTE**

*Ando a procura do espaço para o desenho da vida. (Cecília Meireles)*

Em suas origens, o magistério era considerado um conjunto de sujeitos que se ocupavam do ato de ensinar e o faziam por vocação ou sacerdócio. Historicamente, no entanto, passou a ser representado por um conjunto de trabalhadores com formação específica, organizados socialmente em busca da profissionalização. Com o desenvolvimento da sociedade moderna, essa busca exigiu cada vez mais uma articulação dos profissionais do magistério com outros segmentos da sociedade civil organizada.

Neste capítulo apresentamos um breve histórico da organização dos profissionais da educação pública e a luta pela valorização do magistério, tendo o sindicato como espaço que representa e possibilita a consolidação das reivindicações da categoria, no sentido de compreendermos a importância da mobilização popular para o alcance de suas conquistas.

Nosso propósito neste momento é, através das informações obtidas a partir dos registros históricos, identificar as ações desenvolvidas pelo SINTE/RN para a formação docente no município de Mossoró.

Traçamos, a partir de quatro tópicos organizados sequencialmente, o caminho que conduziu a nossa viagem pelos movimentos sociais, a organização dos profissionais da educação, apontando as trilhas que dimensionam a nossa pesquisa, tendo como foco central a formação docente a partir da militância e da contribuição do SINTE/RN para esse processo.

Nesse sentido, entendemos ser necessário percorrer o universo dos movimentos sociais e a relação destes com a luta pela educação pública, haja vista ser essa também a bandeira que está nos estandartes empunhados pelos diversos sujeitos que acreditam e desejam uma sociedade humanamente solidária e justa.

Ao lançarmos um olhar sobre a relação entre educação e movimentos sociais no Brasil, nos deparamos a partir da segunda metade do século XX com alguns movimentos, como por exemplo, as Ligas Camponesas<sup>1</sup> e o uso do método Paulo Freire. Também nos anos 70, com a educação não formal, vem o movimento organizado pela Igreja Católica através das CEBs

---

<sup>1</sup>As Ligas Camponesas foram associações de trabalhadores rurais criadas inicialmente no estado de Pernambuco, posteriormente na Paraíba, no estado do Rio de Janeiro, Goiás e em outras regiões do Brasil, que exerceram intensa atividade no período que se estendeu de 1955 até a queda de João Goulart em 1964.

(Comunidades de Base da Igreja), que desenvolvia um processo de formação política de seus participantes para que estes desenvolvessem uma visão crítica do mundo. As CEBs eram consideradas a porta de entrada nos movimentos sociais urbanos na luta por creches, transportes, postos de saúde, moradia etc. Naquele período, o regime político vigente não permitia a participação dos professores nos sindicatos. Porém, estes participavam de movimentos de resistência nas associações de classe, como forma de uma articulação e organização da categoria.

Já nos anos 80 há um fortalecimento na relação entre educação e movimentos sociais, entre outros movimentos políticos da época, por meio dos trabalhos em educação popular, entre outros movimentos políticos da época. A luta pelas Diretas Já, as propostas lançadas para a Constituição de 1988, contribuíram decisivamente, via demandas e pressões organizadas, para a conquista de vários direitos sociais e serviram para por os movimentos sociais na pauta política do país, estabelecendo uma nova cultura política e alterando as políticas vigentes. A criação de conselhos e a formação de grupos temáticos passaram a fazer parte do cotidiano na transição do regime militar para a redemocratização. Nesse ínterim são construídas as redes de movimentos sociais temáticos, tornando a luta cada vez mais organizada e propositiva.

Ao final dos anos 80, e ao longo dos anos 90, o cenário sociopolítico brasileiro mudou radicalmente. Inicialmente houve um declínio das manifestações nas ruas, que davam visibilidade aos movimentos populares. Partimos da premissa de que eles estavam em crise porque haviam perdido seu alvo e inimigo principal - o regime militar. Na verdade, as causas da desmobilização popular são várias. O fato inegável é que os movimentos sociais dos anos 70/80 contribuíram decisivamente, via demandas e pressões organizadas, para a conquista de vários direitos sociais novos, que foram inscritos em leis na nova Constituição brasileira de 1988. Entre 1980 e 1999 outras formas de organização da sociedade civil brasileira foram surgindo de maneira mais institucionalizadas, como é o caso das Organizações Não-Governamentais, segmentadas por grupos específicos (negros, mulheres, homossexuais, etc).

Não se trata aqui de descrevermos de forma detalhada questões sobre a criação e a dinâmica funcional das Organizações Não-Governamentais. Reportamo-nos ao assunto para ilustrarmos como a sociedade civil buscou alternativas de institucionalização organizativa de suas ações na luta popular. No campo da educação, as ONGs passam a desenvolver ações de assessoria para os setores públicos na luta pelo acesso e qualificação dos serviços públicos de ensino destinados aos interesses populares. As discussões envolvendo temas sobre a melhoria da qualidade de ensino, a formação de professores, entre outros, passaram a ser contemplados pelo trabalho das ONGs.

Na atualidade, os movimentos sociais colocam como horizonte a construção de uma sociedade democrática. Suas ações são pela sustentabilidade, e não apenas pelo autodesenvolvimento. Lutam contra a exclusão e por novas culturas políticas de inclusão e pelo reconhecimento da diversidade cultural. Questões como a diferença e a multiculturalidade têm sido incorporadas para a construção da própria identidade dos movimentos. Resignificam os ideais clássicos de igualdade como justiça social, fraternidade enquanto solidariedade e liberdade baseada no princípio da autonomia. Nesse sentido, os movimentos sociais redefinem a esfera pública, realizam parcerias com outras entidades da sociedade civil, adquirem um grande poder de controle social e constroem modelos de inovações sociais. A participação dos sujeitos nestes espaços os leva ao questionamento da realidade, ao passo em que estes se afirmam como agentes políticos e sociais, gerando um empoderamento e legitimando a função educadora dos movimentos sociais, pois têm contribuído para organizar e conscientizar a sociedade, através do conhecimento dos direitos e a conquista destes por meio da pressão e da mobilização.

Ao discutir sobre a participação nos movimentos sociais e a contribuição destes no aspecto de formação educativa, Gohn (2011, p. 333) afirma que “a participação social em movimentos e ações coletivas gera aprendizagens e saberes”. Pois, compreende-se que a legitimação dos movimentos está na percepção da realidade em que estabelecem pertença às discussões que levantam e questionam.

Para a autora:

Os movimentos realizam diagnósticos sobre a realidade social, constroem propostas. Atuando em redes, constroem ações coletivas que agem como resistência à exclusão e lutam pela inclusão social. Constituem e desenvolvem o chamado *empowerment* de atores da sociedade civil organizada à medida que criam sujeitos sociais para essa atuação em rede. Tanto os movimentos sociais dos anos 1980 como os atuais têm construído representações simbólicas afirmativas por meio de discursos e práticas. (GOHN, 2011, p. 336)

Quando fazemos uma relação entre educação e movimento sociais, percebemos o caráter educativo que ambos têm ao tratarem a questão da cidadania, o contexto histórico envolvendo as lutas, os processos de alfabetização através dos movimentos populares, a luta dos professores e a articulação com os sindicatos, etc. Essa relação torna-se complexa quando possibilita participação dos sujeitos dentro e fora dos espaços escolares, numa visão de formação para a cidadania.

Ao pensar os movimentos sociais a partir de seus objetivos de lutar pelo interesse comum e reivindicar os direitos do coletivo, podemos compará-lo ao poder da escola pública, amparada pela participação da sociedade na luta pela adequação e organização do currículo, melhores condições de trabalho para os profissionais da educação, acesso gratuito e fácil a todos os educandos/as, dentre outras reivindicações. Da mesma forma que nas lutas sociais, os avanços em toda a esfera educacional se darão mediante a participação do indivíduo.

A educação aparece dentro dos movimentos sociais como uma questão fundamental para todos e todas. Os conteúdos trabalhados na educação dos movimentos sociais são os próprios conteúdos da vida, porém, enfatizando as condições e as dimensões necessárias para o pleno desenvolvimento como ser humano e como cidadão/ã. Pois, de acordo com Gohn (2011, p. 346) “lutas e movimentos pela educação têm caráter histórico, são processuais, ocorrem, portanto, dentro e fora de escolas e em outros espaços institucionais. Lutas pela educação envolvem lutas por direitos e fazem parte da construção da cidadania”.

Numa conjuntura em que emergem outras demandas a serem enxergadas e atendidas pelos espaços escolares, como é o caso das pessoas deficientes, há que se pensar numa educação voltada para a inclusão. A luta por uma educação inclusiva alia-se à luta geral dos profissionais da educação. Nessa perspectiva, uma formação que também aponte para a diversidade dos sujeitos, deve estar na agenda das lutas diárias. Constantemente professores/as empunham bandeiras nas ruas clamando por uma formação que lhes permitam atender de forma eficiente e adequada aquelas pessoas que a sociedade, assim como tem feito com as mulheres, tem excluído e as colocado à margem do preconceito: os/as portadores/as de deficiência. É necessário que as escolas passem por profundas transformações em suas práticas e culturas para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo. Daí a importância de se lutar por uma educação de qualidade junto aos movimentos sociais, buscando estreitar cada vez mais a relação entre ambos. Isso nos faz perceber que a complexidade e a dimensão da prática pedagógica exige cada vez mais uma formação profunda que trate o sujeito na sua completude humana e individual.

### **1.1 – Escrevendo a história com a luta: A organização dos profissionais de educação.**

Os sindicatos se organizam como entidades que agrupam trabalhadores em prol de uma regulamentação ética de seus direitos, ordenando-os enquanto categorias identitárias numa luta coletiva que visa defender a sua condição proletária, bem como, combater eventuais abusos e opressões praticados pela classe patronal.

De acordo com Thompson (1987), os sindicatos surgem em decorrência do capitalismo industrial, na Inglaterra do século XIX. O embrião das organizações que nós conhecemos hoje eram as corporações de ofício, que reuniam trabalhadores exercendo funções diversificadas (artesãos, tecelões, entre outras), e aqueles que não fizessem parte estariam abandonados à própria sorte.

Revisitando a história do movimento sindical na transição entre os anos 1970 e 1980, este desponta como um importante agente político nacional, contribuindo politicamente para o desgaste do regime militar e a abertura política. É nesse ínterim que se fortalece o debate acerca do que define a profissão docente (SADER, 1981 *apud* OLIVEIRA, 2010).

Em sua tese de doutorado, Vieira (2009) menciona a contribuição significativa dos sindicatos para uma mudança na cultura política da profissionalização docente, colocando-a no mesmo patamar de luta por outros direitos, superando, assim, a noção idealizada da professora como sacerdotisa ou cuidadora implicada pela sua vocação a atuar em função do outro. Essa identidade “maternal” atribuída ao ato de ensinar passar a ter outra dimensão que constitui uma nova identidade da professora. Enquanto espaço coletivo, o sindicato funciona como construção identitária do sujeito.

As identidades profissionais dos professores são frutos do agir individual associado às inter-relações que ocorrem no interior dos grupos sociais, que se formam movidos por interesses comuns. [...]os sindicatos e outras organizações com caráter associativista têm em comum a defesa dos interesses de seus associados, funcionando como rede de proteção nas situações conflituosas (VIEIRA, 2009, p. 35).

Nóvoa (2008), ao analisar o contexto europeu, reconhece que os movimentos associativos tiveram menor importância na profissionalização docente, diferente do que ocorreu no Brasil, no qual esta questão esteve vinculada ao protagonismo dos sindicatos. Na Europa, a organização de professores e professoras foi interna, desvinculada da comunidade, e acabou por separar a ideia do eu profissional de um eu pessoal. No entanto, este autor aponta uma questão que deve ser considerada para a análise de nosso contexto, que se trata da importância de uma reflexão sobre formação que considere a pertença desses sujeitos às suas comunidades.

Para ele:

O “novo” espaço público da educação solicita os docentes para uma intervenção técnica, mas também para uma intervenção política, para uma participação nos debates sociais e culturais, para um trabalho contínuo com as comunidades locais (NÓVOA, 2008, p. 229).

Da reivindicação organizada dos professores em prol de condições adequadas para o trabalho, no século XIX, derivam as primeiras ações voltadas exclusivamente para a formação docente. Em seu livro *Profissão Professor*, Nóvoa (1995) disserta sobre as concepções que originaram as primeiras escolas normais, destinadas a consolidar o “sistema de normas” e o “corpo de saberes” (p. 18) da profissão, constituindo, de acordo com este autor, uma etapa fundamental no processo de profissionalização da categoria.

O autor defende que:

O desenvolvimento das técnicas e dos instrumentos pedagógicos, bem como a necessidade de assegurar a reprodução das normas e dos valores próprios da profissão docente, estão na origem da institucionalização de uma formação específica especializada e longa (NÓVOA, 1995, p. 18).

Ou seja, o princípio formativo da categoria nasce em decorrência de sua organização, bem como de sua consciência social e ideológica. O autor afirma ainda que a luta pela constituição de uma categoria profissional respeitada, que culmina na década de 20, sofre uma série de recuos e rupturas, não apresentando de modo algum uma trajetória linear e ascendente. Sugere que, no caso de Portugal, tenha ocorrido inclusive uma desprofissionalização, com o maior controle do Estado sobre a formação e desmobilização da categoria, o que veio a contribuir com uma crise generalizada da profissão docente, a partir dos anos 70.

No caso do Brasil, observamos em Vianna (1999), que, ao realizar um estudo sobre a “crise e perspectiva da ação coletiva docente”, através de análises de teses e dissertações acerca do movimento docente em várias regiões do país, nos anos de 1980 e 1990, identifica uma alternância de percepção, na qual a década de 1980 é marcada por otimismo e reconhecimento quanto à importância dos sindicatos na organização das lutas da categoria. Já na década de 1990, há um esfacelamento dos movimentos de massa liderados pelos sindicatos devido a um esvaziamento por parte das bases. As greves desencadeadas praticamente não obtiveram vitórias expressivas. Com isso, grande parte dos problemas da educação permaneceu sem solução, ainda assim, os sindicatos seguiram – e seguem – como referência, sendo muitas vezes único meio de articulação, projeção e negociação possível para as bases.

Paralelamente, Nóvoa (1995), como dito acima, também aponta uma crise no cenário europeu da profissionalização docente, que se estabelece nos anos 70, terá prosseguimento nos anos 80, com a criação de mecanismos de controle e supervisão dos professores, e será acirrada nos anos 90, período do qual data este estudo. Mais adiante, ele revisita o seu pensamento apontando a necessidade de uma autorreflexividade e autopercepção dos professores em seus

processos de formação, afirmando que “os docentes são, ao mesmo tempo, objetos e sujeitos da formação. É no trabalho de reflexão individual e coletivo que eles encontrarão os meios necessários ao desenvolvimento profissional” (NÓVOA, 2008, p.228). O autor investiga a possibilidade de consolidação de um processo de formação que não dissocie o professor do lugar que este ocupa na sociedade, bem como, que considere sua condição humana e experiência de vida.

## **1.2 – Sonho que se sonha junto vira realidade: Trilhando os caminhos da pesquisa.**

Com graduação na área da Pedagogia, meu caminho enquanto educadora se deu no campo da educação popular através da participação nos movimentos sociais. Contudo, foi também a partir da relação com o mundo da educação formal que me fez interessar por questões pertinentes ao campo da educação. Enquanto pedagoga lancei-me em leituras sobre a docência, buscando entender a relação e/ou afinidades entre teoria e prática pedagógica, sobretudo como as posturas individuais se assemelham ou se distanciam do sujeito profissional.

O percurso enquanto militante e ativista social me fez adquirir um olhar em que abrangesse o entendimento às condições humanas e pessoais das professoras, tendo, contudo, algumas leituras específicas ao magistério aprendidas no decorrer da graduação – didática e metodologia da educação, por exemplo – e, desse modo, adentrar no universo de mulheres que são ao mesmo tempo professoras e militantes. E é daí que vem a grande contribuição destas duas esferas para que eu melhor compreenda ou, pelo menos, reflita sobre a condição daquelas que ocupam espaço na docência e nas lutas por condições de vida melhores e mais justas. Nesse aspecto, o sindicato se fez espaço fecundo para revelar situações que me proporcionaram ver e compreender a docência a partir da formação humana.

E assim fui me convencendo de que eu estava percorrendo por caminhos que me davam a oportunidade de um crescimento cada vez maior enquanto profissional e enquanto pessoa, pois me permitiam absorver novas leituras e adquirir uma postura para além da habilidade de ser professora. Estar num processo de formação acadêmica onde me regava de estudos do que é a prática do magistério – mesmo que muitas vezes fossem traduzidos em discussões meramente técnicas – e ao mesmo tempo numa relação íntima e direta com as professoras nos momentos de militância, homogeneizando os suores escorridos em nossos rostos através dos gritos em palavras de ordem e das mãos em movimentos pelo balançar das bandeiras em prol de uma luta maior: a luta pelo reconhecimento da nossa dignidade enquanto pessoas, enquanto gente, foi estabelecendo em minha vida o lugar em que estou até hoje.

A partir daí, o interesse em buscar compreender questões que são importantes de serem descobertas e que nos deem condições de percebermos em que dimensão a relação prática docente e militância se configuram como processo de formação profissional, político e social, numa perspectiva de (re) construção das relações sociais e humanas. Entendo que é extremamente necessário trazer as discussões do campo político para o acadêmico, pois buscar compreender o ser humano na sua complexidade perpassa por refletir sobre as condições de vida e os reflexos que recaem sobre a prática da docência, na intenção de contribuir para novas práticas que apontem cada vez mais para a formação humana.

Minha trajetória de vida vem sendo pautada nas vivências com os diversos setores dos movimentos sociais, a partir do engajamento nos movimentos estudantil e feminista. Isso me trouxe a oportunidade de conhecer e compreender como se constroem as relações dentro destes espaços, sobretudo, sobre o papel atribuído às mulheres nessa construção político-social.

Freire (2013), ao discutir sobre as relações do homem com o mundo, destaca a pluralidade de desafios que este o apresenta e a necessidade de se abrir o olhar para tais relações, nas quais as singularidades sejam partilhadas e compreendidas no seu universo plural. Pois, é a partir desse olhar plural que ocorre a ação reflexiva.

Para o autor:

Nas relações que o homem estabelece com o mundo há, por isso mesmo, uma pluralidade na própria singularidade. [...] A captação que faz dos dados objetivos de sua realidade, como dos laços que prendem um dado a outro, ou um fato a outro, é naturalmente crítica e, por isso, reflexiva e não reflexa, como seria na esfera dos contatos. (FREIRE, 2013, p. 56)

No decorrer dos últimos dezesseis anos participei como militante ativa, e como profissional contratada em Organizações Não-Governamentais – ONG's (Centro Feminista 8 de Março, Grupo Mulheres em Ação, Visão Mundial), onde realizei diversos trabalhos com mulheres (trabalhadoras rurais, professoras, sindicalistas), na perspectiva de contribuir para a desconstrução de uma cultura machista e excludente tão acirrada e reforçada dentro da sociedade. Também como possibilidade de incentivá-las ao papel de protagonistas de suas próprias histórias. Compreendo que, somente a partir da participação ativa das mulheres nos diversos segmentos sociais, é que se pode desconstruir preconceitos e construir novas relações, onde não haja qualquer tipo de discriminação e subordinação entre homens e mulheres.

Resgatando memórias, retomando conversas com algumas das mulheres que conviveram comigo em tantos momentos de construções pessoais e coletivas, como por

exemplo, as caminhadas pelas ruas seguindo em marcha com pés firmes na terra e mãos erguidas com bandeiras em punho, lanternas acesas e gritos ecoados pelo fim da violência contra as mulheres, pelo direito de liberdade destas, os encontros, as reuniões, as palestras e tantas outras atividades de formação política que nos deram a condição de um olhar para o/a outro/a de maneira mais humana. As várias ocupações nas escadas da prefeitura por uma audiência com a gestão municipal em que tivéssemos a oportunidade de sermos ouvidas e nossas reivindicações atendidas por uma saúde pública de qualidade e com programas específicos de atenção à saúde da mulher, pois a estas culturalmente foi atribuído o cuidado com a saúde da família como função maternal e feminina. De forma semelhante, a temática da educação pública também esteve presente nas nossas lutas em diversas mobilizações em que tinham como reivindicação a melhoria na qualidade do ensino através da estruturação das escolas públicas e de ações voltadas para a formação das professoras, em que elas se sentissem em condições de contribuir eficientemente para o processo ensino-aprendizagem.

As lutas travadas com o poder público local defendendo o direito à moradia e saúde dos/as moradores/as de comunidades populares, pois esse era o público que eu acompanhava quando estive na coordenação de um projeto junto à Visão Mundial.

Recordo no ano de 2002 de um confronto coletivo com a polícia em que alguns populares foram detidos por ocuparem umas casas que deveriam ser entregues às pessoas desabrigadas pelas enchentes e que não tinham moradia própria, mas o poder público, em comportamento extremamente desumano e de maneira de “judiar” delas teimava em adiar a entrega oficial, afrontando-as e desafiando os seus limites de paciência e tolerância. Tensões, medos, repressões, mas a bravura, a ousadia e a certeza de querer ter o direito de uma vida digna.

As mulheres estavam lá e eram muitas. Firmes, fortes e destemidas enfrentando as barreiras duras do poder. Após dias e noites de vigílias, vieram os ganhos. A intransigência do poder público foi desarmada e vencida por nossa resistência marcada no fervor do nosso sangue revolucionário.

As casas foram entregues e muitas pessoas tiveram seu direito à moradia conquistado e garantido. Uma vitória que reforça o desejo de se estar em luta sempre.



Foto 1: Atividade na favela da Techint – Bairro Nova Vida, Mossoró – momento em que discutíamos as estratégias de pressão e confronto com o poder público local.

Fonte: Arquivo Grupo Mulheres em Ação.

Poeira, vento, chuva, lama, sol escaldante, frio... Situações adversas em encontros calorosamente humanos e construtivos. Os trabalhos com as mulheres rurais, guerreiras e resistentes à vida dura e difícil do campo. Discutíamos sobre sindicalização, associação, documentação, alfabetização e, sobretudo, sobre a participação das mulheres nos espaços locais. Muitas das vezes as reuniões eram nas escolas e as professoras estavam lá para discutirmos também a educação e a formação docente, pois a situação das escolas em comunidades rurais era mais crítica pela falta de estrutura física e humana. Muitas vezes as escolas não funcionavam e as aulas não aconteciam por falta de material de limpeza, merenda para as crianças e quando se tinha inverno, as professoras não tinham condições de chegar até às escolas devido a não manutenção das estradas que eram carroçáveis e ficavam intrafegáveis nesse período. Muitas delas moravam na cidade e tinham que se deslocar até às comunidades.

Essas situações peculiares atingiam diretamente às mulheres que se viam responsáveis pela educação dos/as filhos/as e as mobilizavam para um processo organizativo e reivindicatório junto ao poder público.



Foto 2: Reunião com mulheres rurais em que conversávamos sobre os problemas relacionados à educação, como as dificuldades com a estrutura física da escola, a falta de merenda escolar e a ausência de uma política de formação para as professoras.

Fonte: Arquivo Grupo Mulheres em Ação.

Exemplos como esses reafirmam a importância dessa trajetória para a minha formação pessoal e justificam toda a sensibilidade em trazer essas vivências para a academia como forma de se discutir ações educativas que reflitam sobre as condições de vida das mulheres sob os diversos aspectos da subjetividade humana. Sendo estas historicamente discriminadas e aniquiladas de seus direitos, absorvidas em funções estereotipadas como é o caso da prática docente, vista por muito tempo como atividade estritamente feminina.

Repensar a educação no viés da condição humana perpassa por vivenciar situações e experienciar a dor e a delícia de se ser o que se deseja ser. Eu e tantas outras Marias, seguiremos sempre em marcha, pois aprendemos que “quem traz na pele essa marca possui a estranha mania de ter fé na vida”.

*A nossa luta é todo dia, somos mulheres e não mercadoria.* Palavra de ordem que expressava e externava os gritos num 8 de março, dia internacional da mulher, retratada na imagem abaixo, quando várias mulheres seguravam firmes uma faixa em que estava escrita a palavra liberdade, traduzindo de forma bastante significativa a luta diária das mulheres, percorrendo o centro da cidade e promovendo a visibilidade de uma data tão importante no calendário feminista. Ali estavam mulheres de Mossoró e de diversas cidades vizinhas que formavam um verdadeiro exército feminino ladeado por tons, sons e cores que pintavam e

davam um colorido de esperança num outro mundo possível, em que homens e mulheres vivam igualmente e humanamente livres.



Foto 3: Atividade com mulheres nas ruas marcando o 8 de março - dia internacional da mulher.  
Fonte: Arquivo Grupo Mulheres em Ação



Foto 4: Mulheres em marcha pelo fim da violência contra a mulher.  
Fonte: Arquivo Grupo Mulheres em Ação

O dia 25 de novembro, dia de combate à violência contra a mulher, vem marcado pelas vozes aguerridas das mulheres que pedem justiça para as várias vidas que foram tiradas de forma brutal e covarde por seus companheiros, esposos, namorados, numa demonstração violenta da relação de poder dos homens sobre as mulheres. Marchando pelas ruas do bairro em que moravam – a foto refere-se ao bairro Nova Vida, conhecido popularmente por Malvinas e com um histórico bem relevante de violência contra as mulheres – as mulheres seguram firmes as lanternas acesas que simbolizam a vigilância para coibir e combater essas situações. *O silêncio é cúmplice da violência*. Com o propósito de sensibilizar a sociedade e, principalmente as mulheres, a frase aparece como carro chefe para reforçar a necessidade da denúncia nos casos de violência contra as mulheres.

Balões, apitos e bandeiras formam um conjunto de adereços na foto que segue. Era uma atividade do dia 07 de setembro, “grito dos excluídos”<sup>2</sup>. Lá estavam elas, bravas e destemidas com suas bandeiras içadas e seus rostos marcados pelo sol e pelo suor que escorriam em seus corpos marcando a sua trajetória política e feminista na luta por uma sociedade mais justa e humana para todas e todos. Reforçavam uma atividade promovida pelos diversos movimentos sociais, entre eles o movimento sindical que na oportunidade pedia mais valorização do setor educacional no município de Mossoró. Constituíam-se como uma oportunidade de enfrentamento e pressão ao poder público, pois essa ação acontecia durante a realização do desfile cívico no município em que estavam presentes todas as autoridades locais e os gestores da secretaria de educação. Momento extremamente importante para a formação política das mulheres.



Foto 5: Mulheres reivindicam o fim de uma sociedade machista e excludente.  
Fonte: Arquivo Grupo Mulheres em Ação.

---

<sup>2</sup> Manifestação popular em que vários segmentos da sociedade brasileira se juntam na semana da pátria para protestar contra as diversas situações de exclusão social.



Foto 6: Foto tirada durante uma atividade realizada por vários movimentos sociais, em que as mulheres aparecem pedindo a valorização do salário mínimo nacional, visto que muitas delas eram responsáveis por toda a renda da família. Muitas mulheres professoras, com o apoio do sindicato e de outras entidades representativas, reforçavam a mobilização em prol de um salário que garantisse a condição de uma vida digna. A atividade aconteceu num dia 1º de maio, dia do trabalho no calendário brasileiro.  
Fonte: Arquivo Grupo Mulheres em Ação.

Na minha caminhada de mãos dadas com os movimentos sociais, estive em diversos momentos protagonizados pelo Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Estado do RN – SINTE/RN, onde percebi uma participação considerável de professoras tanto na direção do sindicato quanto nas mobilizações. Isso me fazia ver o quanto esse espaço era valioso e poderia servir estrategicamente para fortalecer a luta das mulheres, e como a participação delas poderia reforçar a luta por uma educação pública de qualidade, já que estavam proporcionalmente em vantagem quantitativa em relação aos homens profissionais da educação pública. A existência de mais mulheres do que homens dentro do sindicato não significa, necessariamente, que estas se encontram num processo de conscientização política mais avançado do que os homens. Algumas situações nos levam a tal interpretação. Entretanto, a partir de uma concepção histórica do magistério como função atribuída à habilidade feminina de cuidar do outro, muitas delas ainda carecem de ações que as levem ao despertar para a tomada de consciência.

É claro que há uma quantidade considerável de professoras que estão ali por terem conseguido conquistar espaço e voz, alcançando um grau de politização consciente ao assumirem o papel de sujeito social. Ou seja, umas estão meramente para dar peso quantitativo ao movimento, outras para reforçar o grito da luta sindical através de suas vozes ativas e ousadas, quando não se deixam intimidar e enfrentam firmemente o poder público e sua política repressora e excludente. Sua ousadia é expressada em palavras de ordem que dão o tom e a fala

da luta, e também na determinação que demonstram ao se disporem nos diálogos de negociação junto aos gestores das políticas públicas. A esperança na conquista de uma realidade mais humana e justa se faz maior do que a intimidação de um poder imposto e agressivo.

Quando falamos de uma educação de qualidade, nos reportamos a uma dimensão do ensino baseado na visão crítica da realidade e que leve a uma reflexão sobre a condição dos sujeitos envolvidos no processo ensinar e aprender, bem como através da valorização do profissional da educação com boa remuneração e uma política permanente de formação político-pedagógica, sem deixar de lado a importância de uma estrutura física adequada com materiais didáticos e equipamentos que garantam o acesso de todas e de todos. Uma educação de qualidade que nos faça refletir como as relações sociais são construídas e de que forma as escolas reforçam ou desconstróem papéis e funções atribuídas historicamente e que serviram para fortalecer a desigualdade entre homens e mulheres. Não se pode pensar numa educação de qualidade sem que volte o olhar para as questões sociais e humanas. De encontro a esse pensamento, Louro (1997, p. 89), destaca que “a escola é *atravessada pelos gêneros*; é impossível pensar sobre a instituição sem que se lance mão das reflexões sobre as construções sociais e culturais de masculino e feminino”. Nessa perspectiva, pensamos, ainda, uma educação de qualidade que atenda a diversidade dos sujeitos e suas condições individuais de ser, de pensar e de agir.

De acordo com Arendt (2007, p. 31), “nenhuma vida humana, nem mesmo a vida do eremita em meio à natureza selvagem, é possível sem um mundo que, direta ou indiretamente, testemunhe a presença de outros seres humanos”. Nesse sentido, ao observar a participação das professoras nas atividades promovidas e provocadas pelo SINTE/RN, me perguntava se elas de fato compreendiam o porquê de estarem participando, ou se estavam por cumprimento de uma convocação ou intimação – movidas pela possibilidade de um aumento nos salários – pois muitas delas sobreviviam e/ou sustentavam sozinhas casas e famílias com o que recebiam com a docência. Não me convencia estar no papel de mera expectadora, mas queria saber como elas se viam ali, e como a ação do sindicato refletia no seu modo de ver e viver a sua prática docente e a sua vida enquanto sujeito social. Qual o impacto das ações do sindicato na vida profissional e pessoal daquelas professoras? Que mudanças elas alcançavam pelo fato de estarem atuantes nos movimentos sociais?

Partindo da afirmativa de Freire (2013, p. 138), quando este aponta que “o homem, contudo, não capta o dado da realidade, o fenômeno, a situação problemática pura. Na captação, juntamente com o problema, com o fenômeno, capta também seus nexos causais”, o olhar se volta para a busca de nexos da participação das mulheres professoras nos espaços de lutas com

suas ações práticas na vida pessoal e no exercício da docência. Buscar compreender o que as motiva para essa participação nos espaços formativos não escolares. Nessa perspectiva, é lançado para a presente pesquisa um problema em torno do qual nos propomos investigar a partir do seguinte questionamento: **Como as ações do SINTE/RN contribuem para a vida das professoras no sentido da formação para a prática da docência?**

Fundamentado na necessidade de se pensar a formação docente a partir da participação das professoras nas ações promovidas pelo Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Estado do Rio Grande do Norte – SINTE/RN – Regional Mossoró, este projeto de pesquisa trata de um estudo sobre a relação sindicato/profissão docente, a partir das narrativas de mulheres, sendo elas professoras e militantes na luta sindical, buscando compreender a contribuição do SINTE/RN para a formação de professoras em nível municipal, no que tange às questões pedagógicas e humanas essenciais para a prática educativa.

Como forma de se buscar as respostas necessárias para tal compreensão, aponta como **objetivo geral: refletir, a partir das narrativas das professoras militantes, a contribuição do SINTE/RN para a formação docente.** Para alcançarmos este objetivo, delineamos a nossa pesquisa através dos objetivos específicos, de modo que a mesma nos dê condições de identificar as ações desenvolvidas pelo SINTE/RN para a formação docente no RN, inventariar com as professoras sindicalizadas e em exercício do magistério as suas histórias de vida dentro do sindicato e analisar, a partir das vozes das professoras militantes, a relação do sindicato com a formação docente e como este se constitui espaço formativo.

Nosso estudo parte de um resgate da trajetória dos movimentos sindicais, particularmente do SINTE/RN, posteriormente observando no interior da sede Regional Mossoró, qual o espaço destinado ao debate sobre a profissionalização docente e de que forma esta entidade, por meio do viés da formação, contribui para a prática docente.

Numa compreensão pedagógica e metodológica, procuramos organizar o nosso percurso teórico a partir de quatro vertentes, sendo que na discussão sobre **gênero e docência**, nos referendamos nas leituras e estudos em Louro (1997) e Vianna (2001-2002), nas quais as autoras nos levam a reflexões acerca da função docente estereotipada e condicionada ao cuidar do outro, sendo estes afazeres atribuídos às mulheres numa particularidade cultural que define os papéis masculinos e femininos numa sociedade. Na discussão em que versa sobre **educação e movimentos sociais**, nos reportaremos ao processo histórico e político da luta de professores/as, a organização destes/as nos espaços representativos, traçando um panorama reflexivo sobre a construção do sindicato e suas ações coletivas na luta pela profissionalização

e qualificação docente. Para isso, bebemos das leituras em Oliveira (2010); Thompson (1987); Vianna (1999); Vieira (2009) e Gohn (2011).

Discutir a **formação humana**, no viés da **docência**, buscando compreender e refletir sobre as dimensões que perpassam o sujeito pessoal e profissional, as contribuições dos processos formativos para a prática da docência, o olhar do e para o outro, são questões que consideramos ser o alicerce da pesquisa, ou seja, a própria alma do projeto a que nos propomos percorrer e interpretar. Nessa perspectiva, nossa fundamentação vem embasada em Freire (1996) e Nóvoa (1995-2008). Trazemos também algumas considerações baseadas em Arendt (2007), quando esta trata do homem e sua condição humana, na perspectiva de se perceber sujeito num contexto coletivo em que reconheça também a presença do outro. Ainda nos referendamos em Josso (2010), pois esta aponta, através das (auto) biografias, o encontro do humano em si mesmo quando faz suas narrativas pessoais numa perspectiva da (auto) formação. Falar de si mesmo/a é um exercício de (auto) reflexão, pois quando nos desnudamos e nos abrimos para outras possibilidades, nos dispomos a um olhar mais ampliado sobre a condição de ser humano internalizada na essência de cada um/a.

Ao apontar algumas considerações acerca da pesquisa qualitativa, Germano (2011, p. 230) afirma que “[...] o paradigma emergente caracteriza-se principalmente por uma nova postura diante dos saberes de senso comum”. Nessa perspectiva, a pesquisa qualitativa prima por uma realidade que não pode ser quantificada. Por isso, busca respostas para questões muito particulares, sequenciadas num universo de significados, crenças e valores que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Mais adiante, o mesmo autor traz uma melhor definição quando a descreve como “uma ciência que, além de outras características peculiares, pretenda-se comunicativa e popular.” (GERMANO, 2011, p. 215).

Certos controles das pesquisas quantitativas não devem ser aplicados a situações em que as pesquisas sociais se desenvolvem. Por exemplo, ao se tratar de histórias de vida, a operacionalização da pesquisa vai além de constatações científicas classistas. Aqui subjetividades ancoram todo o processo investigativo em que não se busca comprovações de fatos narrados, mas interpretá-los a partir de experiências vividas e partilhadas. De encontro ao nosso pensamento, e em se tratando da validação e veracidade das informações vindas dos conhecimentos próprios do cotidiano e das experiências pessoais de cada sujeito, Freire (1999, p. 43) diz que “o que não é lícito fazer é esconder verdades, negar informações, impor princípios, castrar a liberdade [...]”. É nesse jeito de se fazer pesquisa que o projeto trata as narrativas das mulheres professoras e militantes, que têm suas vozes libertadas e suas histórias de vida compartilhadas.

Partindo dessa compreensão, os **aspectos metodológicos** são subsidiados nos estudos sobre o método (auto) biográfico, sendo este o método adotado. Utilizamos os conceitos e definições em Josso (2010); Bueno; Catani; Souza (1998-2002); Passeggi; Souza; Vicentini (2011); Souza (2003); Germano (2011) e Freire (1999). Encontramos nestes autores uma maior clareza na análise interpretativa das histórias vividas e contadas pelas mulheres professoras e militantes.

Josso (2010, p. 141), ao descrever a abordagem biográfica como metodologia de pesquisa-formação, afirma que esta atividade permite aos envolvidos “uma reflexão teórica sobre a formação e os processos por meio dos quais ela se dá a conhecer”. Para a autora, as histórias de vida constituem processos de formação em que se possibilita situar histórias particulares em contextos coletivos. É através da mediação do trabalho biográfico que as experiências tornam-se significativas enquanto representações de si mesmas e do seu ambiente humano e natural.

O método biográfico (BUENO, 1998) surge para destacar a importância da subjetividade na coleta e análise dos dados de pesquisa, destacando as histórias de vidas dos indivíduos. Souza (2003) ressalta a importância desta renovação metodológica para a superação da objetividade imanente aos métodos e técnicas das ciências sociais aplicadas clássicas, provendo canais para a obtenção de respostas que passam por vivências humanas, históricas e sociais que não podem ser objetivadas. Ampliando estas noções, a metodologia da (auto) biografia (PASSEGGI; SOUZA E VICENTINI, 2011) dá a oportunidade de ouvirmos a voz do/a outro/a, de forma que seja respeitada a sua alteridade na reconstituição de sua memória.

Bueno (1998), em seu estudo de análise sobre o uso do método biográfico, destaca que no Brasil houve um crescimento significativo a partir dos anos 90. No entanto, como dispositivo de formação, essa metodologia foi se dando de maneira muito tímida. Na medida em que foi sendo utilizado, o método biográfico contribuiu significativamente para renovar a pesquisa educacional no que diz respeito à pesquisa e à formação, onde questões como profissão, profissionalização e identidades docentes passaram a ser pontos centrais nos estudos realizados com professores/as.

Mais tarde, a mesma autora afirma a consolidação do método (auto) biográfico na área da educação, de modo que seu uso tem sido bastante utilizado na formação contínua de professores/as. Para a autora, “no contexto do desenvolvimento atual das pesquisas educacionais, é inegável a presença e a importância cada vez mais crescente que os estudos com e sobre histórias de vida de professores vêm adquirindo” (BUENO, 2002, p.21).

É a partir de um conjunto de vivências sucessivamente trabalhadas que definimos o que chamamos de experiência. A interação entre o individual e o coletivo dá a dinamicidade complexa de uma experiência existencial. E essa interação se torna mais rica na medida em que lançamos um olhar no outro e buscamos nos colocar diante das interrogativas que o mesmo faz de si e do ambiente em sua volta.

Partilhar das biografias das professoras militantes permite explorar a dimensão de ser humano nas suas potencialidades mais complexas. Pois, segundo Josso (2010, p. 62:63): “A reflexão biográfica permite, portanto, explorar em cada um de nós as emergências que dão acesso ao processo de descoberta e de busca ativa da realização do ser humano em potencialidades inesperadas.”

Nossa caminhada permeia pelos espaços vividos e representados pelas professoras militantes, em que apontam situações da vida política e profissional, aqui representado pelo SINTE/RN, seja na sua estrutura física e/ou no acompanhamento de suas ações públicas, bem como as histórias de vida que partem delas e dão todo o arcabouço subjetivo e interpretativo da investigação. Conversamos com três mulheres professoras da rede pública de educação no município de Mossoró, de escolas municipais e estaduais, localizadas na cidade e que estão filiadas e participando ativamente das ações do sindicato. São mulheres que conseguem ser mães, profissionais e militantes ao mesmo tempo e que vêm carregadas de experiências pessoais que formam a identidade de cada uma. A seleção das professoras se deu em função de uma primeira aproximação com o sindicato – regional Mossoró, para o reconhecimento de seus quadros e processos formativos, priorizando, para isto, aquelas que partilham tanto da militância quanto da prática docente.

A pesquisa constou de três momentos. No primeiro, realizamos um levantamento histórico a partir de documentos e textos do sindicato e dos relatórios de seus eventos de formação. Este permitiu subsidiar a reconstituição das ações formativas do SINTE/RN, em seu contexto histórico e sócio-cultural. Num segundo momento, através do uso do método (auto) biográfico, foram exploradas histórias de vida das professoras filiadas ao sindicato que vivenciaram ou estão em processo de formação. Ao utilizar as histórias de vida de cada professora, interlocutora do estudo, enfatizamos a importância das análises, das observações e das reflexões acerca das histórias narradas. As narrativas servem como material de compreensão dos processos de conhecimento, de formação e de aprendizagem.

A análise e interpretação de suas histórias de vida deram-se por meio da conversa em grupos, por intermédio da qual as professoras foram guiadas por questões abertas em rodas de diálogos. Por fim, no terceiro momento, as reflexões das situações apontadas nas narrativas

personais. Nosso objetivo foi identificar de que forma ocorre a formação dessas professoras, buscando socializar a contribuição do sindicato para a formação docente no percurso de construção deste espaço representativo.

Nossa escolha pelas histórias de vida das professoras militantes partiu do pressuposto de que elas trariam outras situações e questionamentos a partir do que foi vivido e experimentado. Tal possibilidade se constitui como um processo de redescobrir significados a partir das reflexões de si e do outro, buscando ressignificar sua identidade humana e profissional, condições fundamentais para o processo de formação.

Com base em levantamentos realizados, a comunidade acadêmica carece de estudos que relacionem o papel dos sindicatos à tarefa da profissionalização, em seu aspecto mais incidente nos currículos e na prática das professoras que é a formação. Ainda não se tem conhecimento da realização de um estudo sobre a contribuição para a formação docente no âmbito sindical do Rio Grande do Norte. Tal tarefa constitui oportunidade de reflexão acerca da constituição da nossa cultura política em educação.

Este argumento se fundamenta nas pesquisas realizadas em instituições de ensino e pesquisa científica, como a UERN, UFRN e CAPES, no intuito de dar um maior e melhor aprimoramento ao caminho que percorremos, bem como para percebermos que há muito a ser explorado neste campo. Denominamos aqui este estudo como uma viagem ao universo acadêmico, nos constituindo enquanto caçadores de um tesouro a ser lapidado. Considerando ser uma época de eventos bastante significativos em virtude das greves da categoria, portanto com uma presença ativa e audaz do sindicato e das professoras nesse cenário, o tempo dessa viagem compreendeu o período de 2003 a 2013.

Visitando o banco de teses da CAPES, utilizando-nos do tema “mulheres professoras nos sindicatos de educação”, verificamos a existência de três trabalhos de dissertação de mestrado com discussões aproximadas, sendo dois no ano de 2005 e um no ano de 2007. O primeiro trata de uma pesquisa sobre “*O sindicato dos/as trabalhadores/as em educação do município de João Pessoa: Formação política de seus militantes (1980 – 2004)*”, tendo como autora Edna Eustáquio de Oliveira Bandeira, pela Universidade Federal da Paraíba, onde, numa abordagem sócio-histórica, buscou construir uma versão da história das práticas sindicais do Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Município de João Pessoa – PB (SINTEM), através de suas práticas organizativas em busca de melhores condições de trabalho e salário focalizando a formação política de seus militantes.

O segundo, intitulado “*A mulher migrante na fronteira da educação: alunas do PROHACAP em Rondônia*”, realizado por EurllyKang Tourinho, pela Universidade Federal de

Rondônia, discute sobre a construção da memória através da história de vida das professoras/alunas do Programa de Capacitação e Habilitação de Professores Leigos (PROHACAP). Trata-se de um programa nacional de qualificação dos professores, implantado em Rondônia numa parceria entre a Universidade Federal de Rondônia, Sindicato dos Professores e Prefeituras.

Concluindo a viagem ao banco de teses da CAPES, encontramos um trabalho que trata das *“Relações sociais de gênero entre mulheres/professoras na regional de Palmeiras de Goiás e sua repercussão no mundo do trabalho”*. Discute sobre as desigualdades sociais, o não engajamento da classe de professores/as nas lutas sindicais, a aceitação de uma realidade machista e principalmente a perpetuação destas posturas na sociedade do século XXI, particularmente na Regional de Palmeiras de Goiás. Tem como autora Kátia Pereira Coelho Camargo, pela Pontífica Universidade Católica de Goiás.

Chegando ao banco de dados de dissertações e teses da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, encontramos a tese de doutorado *“O sindicato como espaço de construção da profissão docente”*, de autoria de Josenilton Nunes Vieira. Esta tese examina a relação sindicato/profissão docente, procurando desvelar o importante papel assumido pelo movimento sindical no processo de profissionalização dos professores militantes. Para tanto, descreve e analisa as trajetórias históricas de três sindicatos representantes da categoria docente – Associação dos Professores Licenciados da Bahia – APLB/Sindicato, Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Pernambuco – SINTEPE e Sindicato dos Servidores Municipais de Petrolina – SINDSEMP. Essa tese serviu como fonte bibliográfica para aprofundar os estudos na construção do presente projeto.

Em visita à biblioteca central da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN encontramos um trabalho de monografia com maior pertinência para o trabalho a ser desenvolvido. O título chamou a atenção e nos levou a mergulhar em cada página folheada. *“A presença feminina no sindicato da educação em Mossoró/RN nas décadas de 1970 a 1990”*. Desenvolvido pelas alunas Kelly Jamara Sales da Silveira e Maria da Conceição Santos de Lima, para conclusão de graduação no curso de história, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Trata-se de um estudo sobre a participação e o desempenho das mulheres no setor sindical, sobretudo no sindicato de educação no município de Mossoró, abordando questões de gênero que permearam a vida das mulheres em diversos espaços da sociedade ao longo da história. Traz um levantamento quantitativo de mulheres que ocuparam cargos nas diretorias num período de vinte anos (1970 – 1990).

Num processo mais lapidado da pesquisa acrescentamos ao tema “mulheres professoras nos sindicatos de educação **do RN**”, refazendo o percurso anterior. De maneira geral, encontramos muitos tesouros, porém com pouca similitude ao que queremos discutir.

A relação docência e movimentos sociais traz novas perspectivas e se mostra como uma proposta de inovação para a formação de educadores/as críticos, reflexivos e (re) construtores de uma sociedade que inclua as pessoas nas suas mais complexas subjetividades.

Quando enxergamos essa relação e reconhecemos a importância dessa parceria, compreendemos melhor a luta dos povos pela sobrevivência, pela moradia e pela educação. No entanto, infelizmente observamos que muitos ainda não entendem que as lutas dos movimentos sociais fazem muita diferença na realidade em que vivemos e que é através delas que chegamos às reais mudanças sociais e políticas. Essas posturas evidenciam olhares de descrença e criminalização com os movimentos sociais, desestabilizando o seu poder mobilizador e articulação popular.

A educação tem sido, via de regra, o horizonte para o qual os movimentos sociais apontam ao reivindicarem que esta seja pública e de qualidade, e que atenda aos interesses das camadas populares. Assim, uma educação voltada para a construção da cidadania em que os sujeitos participem efetivamente das decisões políticas que os afetam, aparece nas ações dos movimentos sociais e se reflete nas práticas das professoras engajadas nos processos de formação política promovidos por estes espaços.

É preciso a imersão no universo das lutas sociais, através de grupos organizados, sindicatos e demais espaços representativos, sobretudo, é importante o despertar de um olhar com toda a sensibilidade para compreender como as mulheres, professoras e militantes assumem para suas vidas pessoais e profissionais as aprendizagens adquiridas com a vivência nos movimentos. E mais, de que forma estes espaços se constituem promovedores da valorização destas enquanto pessoas na sua mais complexa dimensão subjetiva.

Conhecer e compreender o universo subjetivo das professoras, suas histórias de vida trazidas para o coletivo, sendo este o sindicato de educação do RN, torna qualquer investigação científica mais complexa e inegavelmente mais sublime. Precisamos colocar as discussões das lutas sociais e as agendas dos movimentos sociais dentro da academia para que juntos busquemos dar-nos as mãos e seguir pelo mesmo caminho, onde a educação ultrapasse os discursos estáticos das teorias.

### **1.3 – Caminho se faz caminhando: O Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Estado do Rio Grande do Norte – SINTE/RN e sua construção política no município de Mossoró.**

No Rio Grande do Norte, o Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Rio Grande do Norte – SINTE/RN surge em 1989, como fruto dos debates nacionais promovidos pela categoria de professores e professoras da rede pública de ensino, no momento em que a sociedade se articula para dissipar a ambiguidade que cerca a percepção da docência e luta pelo reconhecimento da profissionalização docente. A entidade unificou questões trazidas por organizações precedentes, tais como Associação dos Professores do RN (APRN), SISPE – dos funcionários, UMES – dos estudantes, ASSOERN – dos orientadores e ASSERN – dos supervisores, congregando um grande número de profissionais que então poderiam reivindicar, de forma articulada, seus direitos no que dizia respeito ao reconhecimento da carreira docente, planos de carreira e modelos curriculares. Ou seja, a sua criação surgiu aliada às lutas que emergiram em prol do reconhecimento da profissão, dentre as quais está a luta pela profissionalização docente. Entretanto, o que mais tem sido evidenciado nas defesas do sindicato são as questões salariais e condições de trabalho.

Além de uma sede na capital do estado, conta com regionais nas cidades de Angicos, Apodi, Assú, Caicó, Canguaretama, Ceará Mirim, Currais Novos, João Câmara, Macau, Mossoró, Parnamirim, Pau dos Ferros, Santa Cruz, Touros, Umarizal, Potengi. Além de núcleos municipais como os de Afonso Bezerra, Almino Afonso, Baía Formosa, Boa Saúde, Caiçara do Rio dos Ventos, Lages, Lagoa de Pedra, Macaíba, Monte Alegre, Nízia Floresta, Pedro Velho, Pureza, Rio do Fogo, São Gonçalo do Amarante, São José do Mipibu, São Miguel do Gostoso, Tangará, Tibau do Sul e Vera Cruz.

Particularmente em Mossoró, locus da presente pesquisa, a organização de professores se deu inicialmente através da Associação dos Professores de Mossoró – APM, fundada no ano de 1966, num encontro de professores das redes municipal e estadual que aconteceu na data de 15 de outubro do referido ano, nas dependências do Clube Santa Luzia – Colégio Diocesano Santa Luzia, instituição escolar particular administrada pela igreja católica no município de Mossoró, quando se comemorava o dia do professor. O propósito da fundação da APM foi de aglomerar os professores dos níveis primário, secundário e superior com atuação no município, sendo estes lotados em escolas da rede pública e particular, como forma de unificar a categoria, já que estes encontravam-se “soltos” e sem nenhuma articulação.

Partindo do interesse em conhecer mais de perto a história da APM, buscamos a memória daquele que se constitui a história viva da Associação. Numa conversa calorosamente humana e recheada de emoção e alegria, tive a satisfação de ouvir as narrativas do Padre Sátiro Cavalcanti Dantas, idealizador da APM e que, aos 85 anos de idade e, destes, 65 anos dedicados ao magistério, é considerado um ícone na história da educação de Mossoró e do Rio Grande do Norte, sendo, inclusive, um dos responsáveis pela criação da Faculdade de Educação da Universidade Regional do Estado do Rio Grande do Norte, Hoje UERN, no ano de 1978 quando diretor daquela universidade.

Através de suas memórias, fomos reconstituindo a história da organização dos professores em Mossoró, particularmente através da APM. Segundo Pe. Sátiro, foi através da Associação que o movimento dos profissionais de educação no município deu seu pontapé inicial para todo o processo de mobilização na sociedade.

O mesmo relembra que:

Na nossa época o Brasil estava numa situação que o magistério sempre se movimentando, mas não organizado. [...] Na época que foi fundada a Associação dos Professores de Mossoró já havia um número bastante suficiente de professores desgarrados, sem ter uma proteção. Nem pensava em sindicato naquela época né? (Entrevista realizada com Pe. Sátiro Cavalcanti Dantas, em 07/07/2015)<sup>3</sup>

O sentimento de unificação dos profissionais de educação foi sendo alimentado e, a partir do engajamento do Pe. Sátiro no magistério, especialmente na condição de professor da Escola Normal de Mossoró, em que o mesmo, unindo suas ideias com outros colegas de profissão, fizeram nascer e se concretizar a organização dos professores de Mossoró.

[...] Então o movimento partiu dos colégios de uma maneira especial, estava no auge e iniciando minha vida de professor. Eu já era diretor do colégio, mas a minha iniciação do magistério foi na Escola Normal de Mossoró. Lá eu entrei em 1956, passei 23 anos na Escola Normal de Mossoró, então eu conheci mais pessoas, doutor Olavo lecionava no Colégio Diocesano, Machado lecionava [...] a gente teve uma ideia e todo mundo tava sentindo a necessidade e o movimento se tornou único em Mossoró. A Associação nomeando doutor Olavo, que era ao mesmo tempo Juiz de Mossoró, tinha essa força, né? Antônio Machado era um professor que lecionava em quase todos os colégios, Marlene Otto estava iniciando sua vida no magistério e tinha deixado a congregação das irmãs. Aí, também junto com essa Associação, veio a parte de recreação, sempre a recreação fizeram lá no sítio de Zé Carlos,

---

<sup>3</sup> Após leitura e recomendação da banca de defesa, atendemos ao pedido da mesma em trazer mais informações acerca da APM e, assim, buscamos as narrativas do Padre Sátiro Cavalcanti Dantas, idealizador da Associação.

ali na banda do Bom Jesus. Onde havia piscina a gente se reunia. (Entrevista realizada com Pe. Sátiro Cavalcanti Dantas, em 07/07/2015)

Naquele momento foi criada a primeira diretoria da Associação, composta por nove membros e tendo como presidente o Dr. Olavo Fernandes Maia e vice-presidente o professor José de Freitas Nobre, como secretária a professora Marlene Otto Krimmer e a professora Margarida Fonseca para tesoureira. Também a escolha de um orador oficial sendo eleito o professor Antonio da Graça Machado.

Esse foi o pontapé inicial para a construção da história da organização dos profissionais de educação no município de Mossoró e que se compreende como fato de extrema importância para a categoria, tendo a letra como via de mobilizar, contar, construir e fortalecer a luta por uma educação de qualidade.

Nessa perspectiva, questionado sobre a intenção da criação da APM e de como esta se transformou em sindicato, Pe. Sátiro destaca que, de fato, o motivo principal era criar um espaço de junção e discussão das questões pertinentes à educação no município e, nesse processo, a formação foi acontecendo e já se pensava em formação continuada, mesmo sem uma proposta elaborada. A partir, daí, foi fortalecendo a ideia de se tornar sindicato através do surgimento de outros setores organizados, como o movimento de estudantes, dos advogados, dos médicos, etc. Nessa conjuntura, percebeu-se a importância de um movimento organizado que se aliasse aos demais movimentos sociais.

E a meta era fazer reuniões, tratar dos problemas, não de salário, porque havia os professores da escola particular e a escola pública tudo era ali, era uma associação só, não havia distinção. E houve até algumas reuniões pedagógicas, exclusivamente pedagógicas. Assim já se falava na formação continuada, e aí com as ideias surgentes vão dando força ao movimento, né? [...] Então foi crescendo, foi crescendo com a maior liberdade de associação, criando-se os vários sindicatos e o movimento até a nível nacional. Então a associação se transformou justamente em sindicato. E tem essa força pro magistério hoje. (Entrevista realizada com Pe. Sátiro Cavalcanti Dantas, em 07/07/2015)

Em se falando particularmente sobre o SINTE/RN, fica evidenciada a importância e o real significado deste para a mobilização e atuação dos profissionais da educação na sociedade, de forma que constituiu-se como ganho político o fato da APM ter se tornado sindicato e aliado seu projeto político aos demais movimentos sociais.

Essa afirmativa pode ser verificada nas palavras do Pe. Sátiro, quando o mesmo aponta:

Olhe, eu digo o seguinte: que hoje o sindicato deu mais consciência de classe ao professorado. Hoje está bem distinto, professor se sente professor e luta por seus direitos. Antes ele era juiz e professor, padre e professor, freira e professora, dentista e professor. E hoje quase todo professor vive do seu magistério, vive da sua profissão. Isso deu uma clareza melhor à sua consciência e mais força para as suas lutas. (Entrevista realizada com Pe. Sátiro Cavalcanti Dantas, em 07/07/2015)

A conversa era sempre aquecida pelas boas lembranças e o brilho nos olhos da pesquisadora e do entrevistado reluzia a alegria da partilha do momento e nos fazia retornar no tempo e reviver todo o processo de organização e mobilização da educação no município. Sobretudo no tocante aos ganhos que a APM trouxe para os professores, o mesmo destaca a identidade do professor, a sua auto afirmação e valorização pessoal. O seu depoimento reforça a importância de se pensar uma formação pedagógica que enxergue cada vez mais o profissional e o humano de maneira indissociável, em que se estabeleçam práticas voltadas para esta perspectiva dentro e fora da academia. Nesse sentido, Pe. Sátiro enfatiza:

Eu acho que o principal foi o saber que eu estou aqui. Eu sou professor. A nossa afirmação como professor. Interessante, e já naquela época havia uma orientação bem acentuada, uma mentalidade de professor educador, muito interessante. Não se via um mestre não, era um educador. [...] Depois que eu entrei de corpo e alma na educação eu identifiquei agora sim o sacerdócio com o magistério. (Entrevista realizada com Pe. Sátiro Cavalcanti Dantas, em 07/07/2015)

Partilhar das memórias do Pe. Sátiro Cavalcanti Dantas é mais um ganho de aprendizagem que me dará, sem dúvidas, novas reflexões sobre a importância da organização e da mobilização dos profissionais da educação através dos movimentos sociais, e de como estes se configuram espaços de formação docente até hoje.

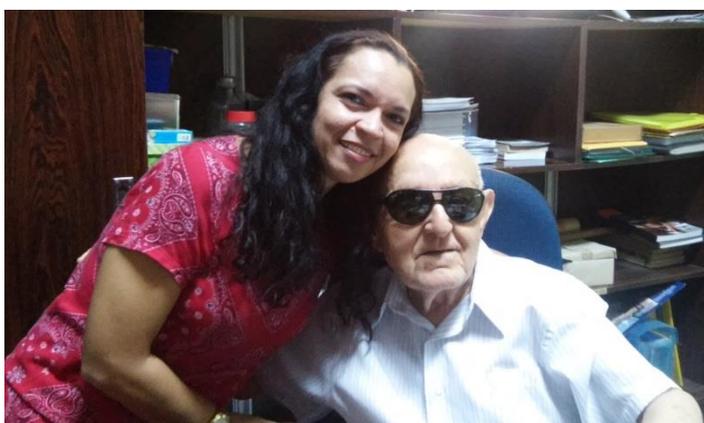


Foto 7: Momento da Entrevista com o Pe. Sátiro Cavalcanti Dantas.  
Fonte: Arquivo pessoal.

## Termo de Abertura

Este livro contém 50 (cinquenta) páginas, numeradas tipograficamente e servirá para o Registro de Atas da Associação de Professores de Mossoró - APM.

Mossoró, 15 de outubro de 1966.

ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES DE MOSSORÓ

Luiz Carlos de Mendonça Martins  
PRESIDENTE

Mossoró, 03/04/86.

Iniciado em: 15/10/66.

19

Foto 8: Ata de criação da Associação dos Professores de Mossoró – APM  
Fonte: Arquivo SINTE Mossoró

Ata da Fundação da "Associação de Professores de Mossoró" (A.P.M.)

Aos quinze (15) dias do mês de outubro de mil novecentos e sessenta e seis, pelas 20,30 horas, no Club S. Luzia do Colégio Diocesano desta cidade, perante aulta do número de Professores dos níveis Primários, secundários e Superior, foi realizada a 1ª sessão para fundação da Associação dos Professores de Mossoró.

Aberto os trabalhos o Diretor do referido Colégio, Revmo. Sr. Sátiro Dantas, fez uso da palavra inicialmente congratulando-se com os professores presentes pela passagem festiva do Dia do Professor, convidando em seguida o Revmo. Sr. Amílcar da Silveira, nota, representante do Sr. Bispo Diocesano, para presidir os trabalhos. Assumindo a Presidência este disse da sua satisfação de ali estar presente, inclusive na qualidade de Professor, exaltando a significação daquela efeméride e tendo elogiado a figura abnegada e sempre incansável do PROFESSOR na formação da juventude em seguida, concluída a sua oração facultou a palavra aos presentes, tendo feito uso desta o Professor José Freitas Nobre, que dissertou sobre a importância do momento e conclamou os professores para Tomada de posição de classe, dizendo ainda da necessidade da escola de uma Diretoria capaz de não só propter a Associação, como também marcar o seu momento inicial. Em face do exposto, o referido professor, na conclusão de suas palavras, levantou o nome do Sr. Cláudio

Foto 9: Ata de criação da Associação dos Professores de Mossoró – APM  
 Fonte: Arquivo SINTE Mossoró

Fernandes Maia como candidato a Presidente,  
 sendo inte calorosamente aplaudido por todos. Logo  
 após, fazendo uso da palavra, o Excmo. Sr. Sátiro  
 Dantas, apresentou a aclamação o nome do Prof.  
 José de Freitas Nobre para Vice-Presidente  
 cujo nome também foi recebido sob aplausos.  
 Continuando ainda com a palavra, o Excmo.  
 Sr. Sátiro Dantas reivindicou que a Associação  
 congregasse não só os Professores do Curso Secundá-  
 rio, mas também os dos cursos Primário e de  
 menor, ideia aceita por todos os presentes. Segue  
 mas da palavra falou também o Diretor do  
 Colégio Estadual, Sr. José Azevedo Araújo, manifi-  
 festando a sua solidariedade ao movimento  
 inicial e pedindo a manifestação dos presentes  
 sob o nome do prof. Antonio da Graça Maciel  
 para o cargo de orador oficial da republi-  
 cidade entidade, o que os presentes receberam  
 com calorosas palmas. O Presidente daquela  
 solenidade, falando em nome dos professores  
 presentes, delegou aos já escolhidos, plenos po-  
 res para escolherem os demais membros da  
 1ª Diretoria, incumbência aceita. Estes, de um  
 mesmo acordo, ainda naquela mesma sessão  
 escolheram os nomes das professoras Mercedes  
 Kummel e Margarida Fonseca, para Secretária  
 e Tesoureira, respectivamente, nomes também bastante  
 aplaudidos.

Composta assim a 1ª Diretoria, os  
 escolhidos fizeram uso da palavra agrade-  
 cendo a confiança nos mesmos depositada  
 manifestando ainda o desejo de desempenharem  
 com dedicação a porção específica a

Foto 10: Ata de criação da Associação dos Professores de Mossoró – APM  
 Fonte: Arquivo SINTE Mossoró

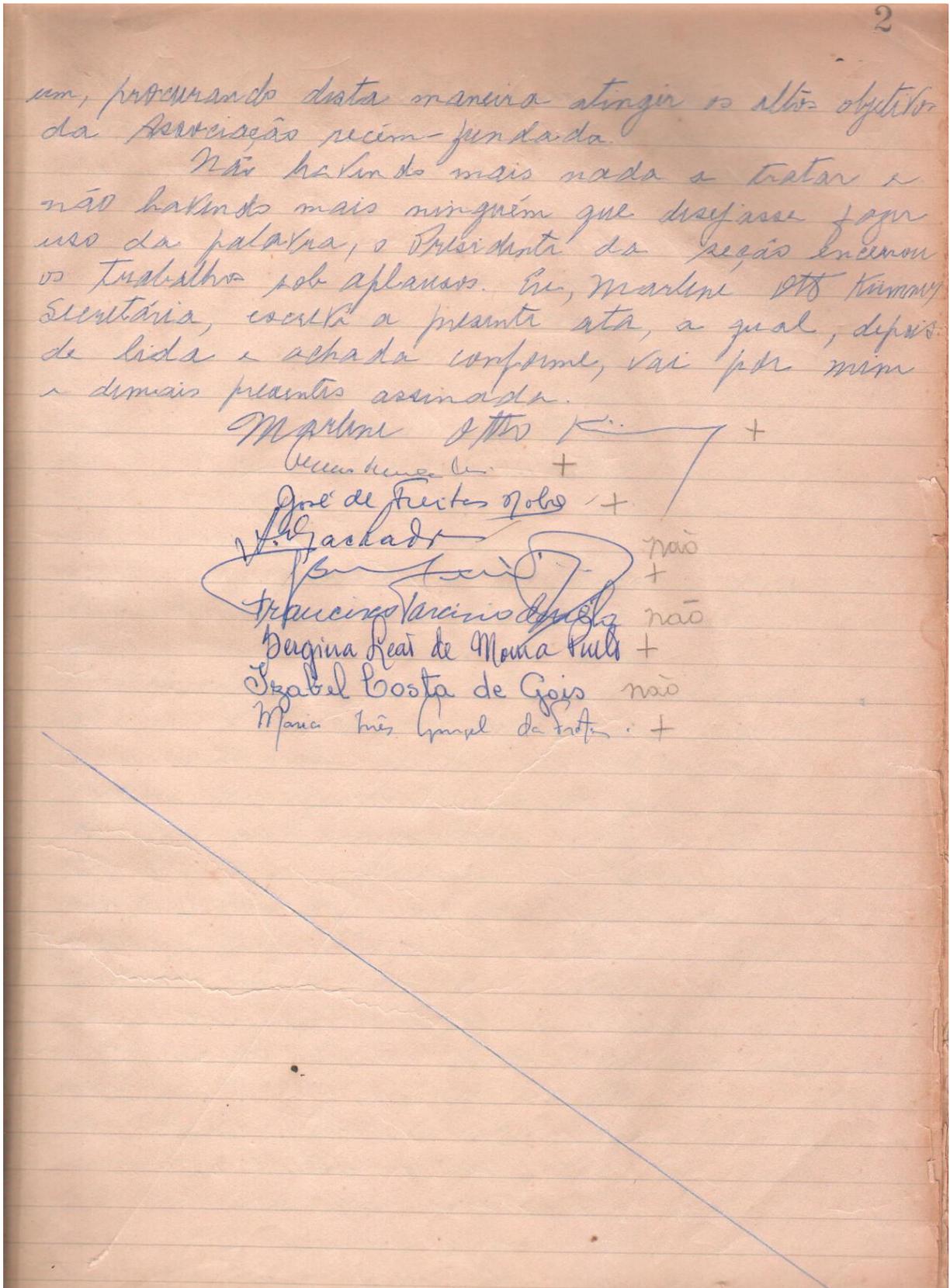


Foto 11: Ata de criação da Associação dos Professores de Mossoró – APM  
 Fonte: Arquivo SINTE Mossoró

Os escritos apresentados nas imagens acima nos levam a um retorno na história dos professores de Mossoró. Mesmo aqueles que já se foram em vida podem ser “vistos” nas suas assinaturas e escritas em documentos que dão o tom amarelado de beleza e cheiro de tempo vivido. São memórias ilustradas de um importante processo de fortalecimento da organização dos professores nos anos 60. Tantos punhos que deram seus movimentos caligráficos para que tenhamos e desfrutemos de histórias vividas e agora partilhadas.

Através das doações de seus associados, a APM funcionou até o ano de 1985 em sede provisória alugada no centro da cidade, onde realizava mensalmente suas assembleias. Um dos ganhos da associação foi a doação de um terreno pelo então prefeito municipal Jerônimo Dix-Huit Rosado Maia para a construção de sua sede própria, onde funciona até os dias de hoje o SINTE/RN – Regional Mossoró, estando esta situada na avenida prof. Abel Coelho, s/n, no bairro Abolição II, neste município de Mossoró, distante a 277km da cidade do Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte e a 260km de Fortaleza, capital do estado do Ceará.



Foto 12: Sede onde funcionava provisoriamente a APM  
Fonte: Arquivo SINTE Mossoró



Estado do Rio Grande do Norte  
**PREFEITURA MUNICIPAL DE MOSSORÓ**  
 Gabinete do Prefeito

LEI Nº 224/85

AUTORIZA DOAÇÃO DE TERRAS DO DOMÍNIO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE MOSSORÓ À "ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES DE MOSSORÓ", PARA CONSTRUÇÃO DE SUA SEDE PRÓPRIA, NO CONJUNTO ABOLIÇÃO II, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

O PREFEITO MUNICIPAL DE MOSSORÓ.

Faço saber que a Câmara Municipal de Mossoró aprovou e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º - Fica o Poder Executivo autorizado a fazer doação à Associação dos Professores de Mossoró, de um terreno do domínio da Prefeitura Municipal de Mossoró, encravado no Conjunto Abolição II, nesta cidade, com uma área de 7.600m<sup>2</sup> (sete mil e seiscentos metros quadrados) com os seguintes limites e dimensões:

- Frente com Av. Abel Coelho, 76,00m;
- Fundos com área livre, 76,00m;
- Lado esquerdo com a Av. do Contorno - Faixa de Segurança do DNER 100,00m;
- Lado direito parte da frente, com terreno do Poço da Petrobrás e parte dos fundos com área livre do Conjunto Abolição II 100,00m.

Art. 2º - O terreno de que trata o artigo primeiro destinar-se-á à construção da sede própria da Associação dos Professores de Mossoró, no Conjunto Abolição II, ficando estabelecido o prazo de 01 (hum) ano a contar desta data para início da construção da obra, sob condição de retorno do referido terreno

Foto 13: Documento de doação de um terreno para construção da sede da APM  
 Fonte: Arquivo SINTE Mossoró



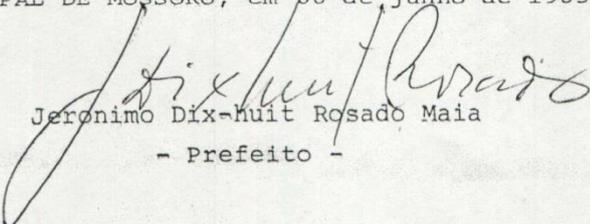
Estado do Rio Grande do Norte  
**PREFEITURA MUNICIPAL DE MOSSORÓ**  
Gabinete do Prefeito

ao donatário sem qualquer indenização por parte da municipalidade.

Art. 3º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º - Revogam-se as disposições em contrário.

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE MOSSORÓ, em 06 de junho de 1985

  
Jerônimo Dix-huit Rosado Maia

- Prefeito -

Foto 14: Documento de doação de um terreno para construção da sede da APM  
Fonte: Arquivo SINTE Mossoró

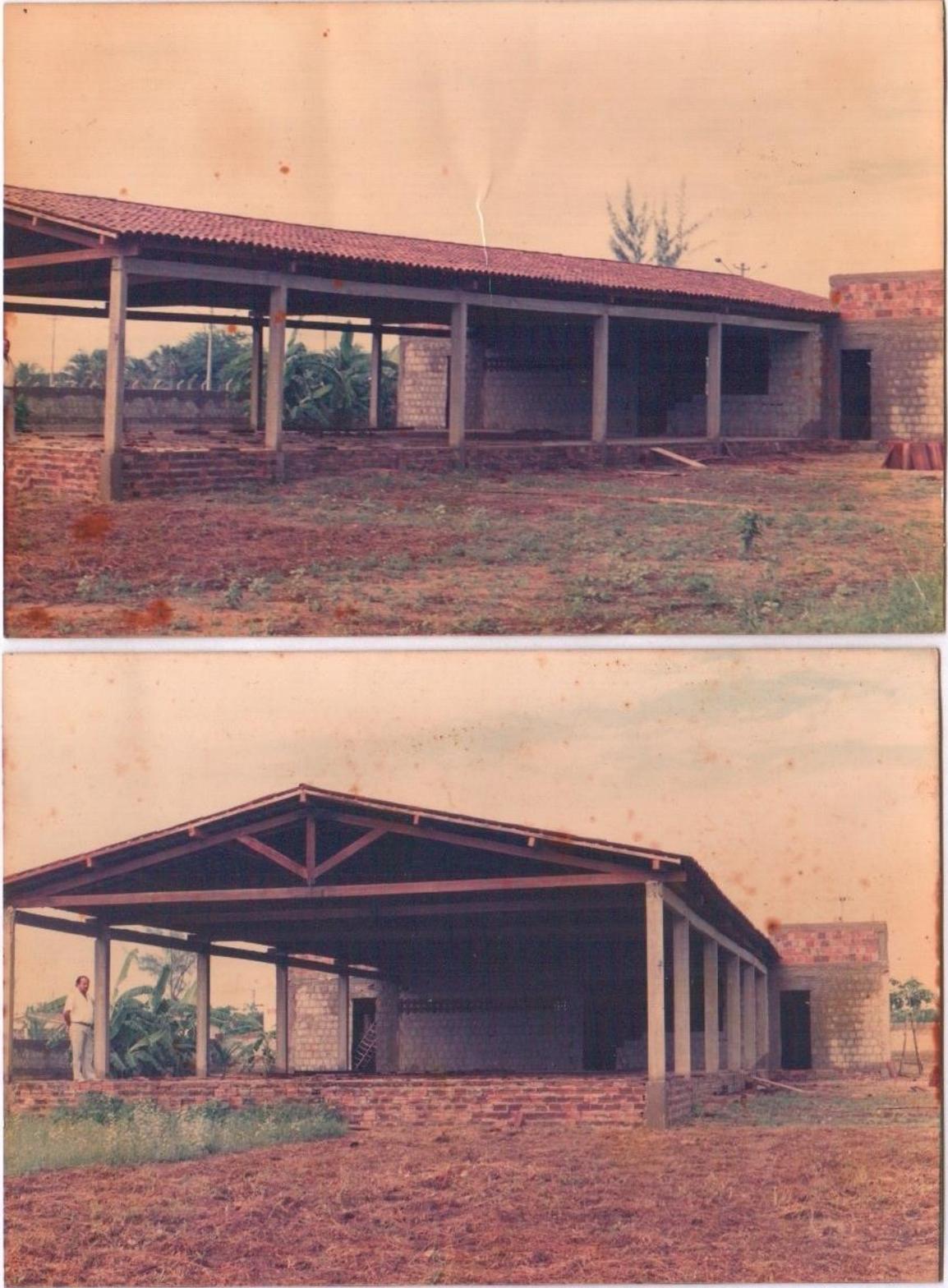


Foto 15: Terreno doado pelo Prefeito Jerônimo Dix-Huit Rosado/Início de construção da sede própria  
Fonte: Arquivo SINTE Mossoró



Foto 16: Sede atual do SINTE Mossoró  
Fonte: Arquivo pessoal



Foto 17: Sede atual do SINTE Mossoró  
Fonte: Arquivo pessoal

Na data de 02 de setembro de 1989, ano da criação do SINTE/RN, durante o I Congresso Extraordinário da APRN, a APM deixa de ser uma associação de professores e passa a ser sindicato, congregando não somente professores, mas todo e qualquer trabalhador da educação pública, e se instituindo enquanto representante regional de Mossoró.

Podemos visualizar essa transição nas imagens ilustradas anteriormente, em que apresentam uma importante conquista para o desenvolvimento das atividades do sindicato. A construção física de sua sede própria que, mais tarde, viria a ser um rico acervo histórico de suas lutas e momentos formativos arquivados em memórias escritas e visuais, através de seus documentos e álbuns fotográficos, bem como se constitui espaço de referência e acolhida para seus/suas sócios/as e para a sociedade em geral.

O SINTE Mossoró, além de representar os profissionais de educação pública do RN que atuam no município, também responde por outros municípios como Areia Branca, Serra do Mel, Upanema, Janduís, Caraúbas, Governador Dix-Sept Rosado, Baraúna, Tibau e Grossos. Dessa forma, os profissionais mesmo lotados nesses municípios fazem parte do quadro de sócios do SINTE/Regional Mossoró, onde contam sempre com o sindicato presente nas lutas locais destes municípios quando solicitado para contribuir com as discussões e negociações locais.

Atualmente a direção do SINTE/RN – Regional Mossoró é composta de 17 membros, dentre estes sete são mulheres, desempenhando funções importantes, sendo que uma faz parte da coordenação geral e as demais distribuídas na diretoria de organização, diretoria de legislação e defesa do trabalhador em educação, diretoria de aposentados, diretoria de gênero e na suplência da diretoria. No seu quadro total de sócios e sócias consta, aproximadamente, 3.000 trabalhadores/as da educação pública, sendo destes 70% mulheres.

A dinâmica da diretoria inicia a partir de seu planejamento logo após a eleição de seus membros, construindo as tarefas das diretorias e cada uma constrói o seu cronograma de atividades específicas. Como atividades sistemáticas, realiza anualmente a sua assembleia em que avalia as conquistas e as pendências do ano anterior, como também é lançada a campanha salarial, visando os novos reajustes aos rendimentos. Nessa mesma assembleia, é feita a construção de uma pauta de reivindicação para o indicativo ou não de uma greve, conforme as negociações feitas anteriormente com o poder público. Há, também, as reuniões ordinárias bimestrais em nível de SINTE estadual, sendo que as regionais realizam mensalmente, entendendo assim o SINTE Mossoró. Mesmo atuando na possibilidade de sua autonomia, as regionais devem seguir as diretrizes e algumas deliberações da estadual, como é o caso das campanhas de sindicalização e salarial.

As fotos a seguir são dos membros da atual diretoria em momento de posse em que também estavam presentes diversos representantes de outras entidades representativas, como por exemplo, o Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Mossoró, a Central Única dos Trabalhadores, entre outros.



Foto 18: Diretoria atual do SINTE/RN  
Fonte: Arquivo SINTE Mossoró



Foto 19: Diretoria atual do SINTE/RN  
Fonte: Arquivo SINTE Mossoró

No tocante às questões financeiras, o SINTE Mossoró se mantém através das contribuições de seus sócios, de maneira que estas são descontadas automaticamente de seus vencimentos, sendo o valor de 1% sobre seu salário base e este é depositado na conta do SINTE estadual que, posteriormente, repassa 50% para as regionais. Nos casos de eventos que requerem valores altos, como por exemplo, as extensas greves e as eleições da diretoria quando se tem mais de uma chapa concorrendo, o sindicato recorre às doações de outros sindicatos e/ou instituições ligadas à CUT – Central Única dos Trabalhadores. Mantém a dinâmica de funcionamento de sua sede com expedientes diários dos membros da diretoria, além de 03 funcionários contratados, sendo destes um pago diretamente pelo SINTE estadual, onde fazem os serviços gerais, administrativos e motorista.

Para Josué Damasceno e José Maria, ambos os membros da diretoria geral, a atividade mais expressiva do sindicato era o seminário de organização local de trabalho – OLT que servia estrategicamente para fortalecer a articulação entre sindicato e escolas, através da definição de representantes locais e, assim, toda e qualquer mobilização e comunicação era feita através dessa parceria. Infelizmente esse seminário não acontece há seis anos. “Uma pena, pois era um corpo a corpo que servia para aproximar mais os servidores das ações do sindicato”, ressalta Josué. Outro ponto importante é a manutenção da associação dos servidores aposentados que, mesmo não mais no exercício da profissionalização, continuam ativos nas contribuições financeiras e na participação das atividades promovidas pelo sindicato, através de encontros anuais em que se discutem assuntos específicos e acontecem atividades recreativas para este público.

A história do SINTE/RN se confunde com os demais movimentos sociais, quando nos reportamos à discussão sobre a conjuntura política do sindicato, sobretudo no que diz respeito às mobilizações populares e engajamento dos profissionais da categoria. Assim como nos demais grupos organizativos, houve momento de desencorajamento por parte de seus associados e ativistas, fruto do descaso do governo com as reivindicações advindas dos movimentos grevistas. Porém, podemos destacar que o ano de 2000 trouxe uma reanimação para o movimento da educação no estado do RN, a partir do ingresso de novos trabalhadores da educação através da aprovação no processo seletivo naquele ano. Segundo Josué Damasceno, membro da direção do SINTE Mossoró, “os/as novos/as educadores/as deram uma reanimada que motivou a velha guarda”. As últimas greves que contaram com a participação ativa desses novos sujeitos nos anos de 2001 e 2011 – esta última durou por setenta dias – trouxeram novos ânimos, impulsionando o movimento grevista, principal articulação e “arma” da categoria contra o poder hegemônico capitalista.

Ao conversarmos especificamente sobre os movimentos grevistas, quando perguntado sobre quais as mais destacadas, ou seja, as que trouxeram maior poder de articulação, envolvimento dos profissionais da educação e os ganhos importantes, Josué e José Maria enfatizaram as greves dos anos de 1993, 2001 e 2011. Os mesmos depõem que:

Eu destaco essas greves porque foram marcadas pela ousadia da categoria. [...] Elas trouxeram a categoria de volta à época da APM, na década de 80 quando era difícil você ver trabalhadores nas ruas, era proibido. Naquele tempo armavam barracas nas praças e realizam atividades culturais dentro das greves. [...] Nessas três greves, na minha opinião, o destaque foi exatamente a categoria voltar a acreditar nesse tipo de movimento. [...] Mesmo que você não conquiste todos os pontos da reivindicação, mas você ver a categoria indo pras ruas dizer pra sociedade, dizendo pro governo, dizendo pra todos o que é que está acontecendo ali naquele momento, já é uma grande conquista. E foi isso que aconteceu nessas três greves. (Entrevista realizada com Josué Damasceno e José Maria, membros da direção do SINTE Mossoró, em 24/04/2014).

Dos principais ganhos decorrentes destas greves para os/as trabalhadores/as de educação pública do RN, estes destacam a implementação do Plano de Cargos, Carreira e Remuneração, o retorno das eleições diretas para diretores/as e vices das escolas públicas (havia sido extinto e retomado com a greve de 2001), e ainda, o Plano de Carreira para auxiliares e técnicos (Auxiliares de Serviços Gerais), que ao concluírem um curso agregam títulos e, conseqüentemente, aumentam seus salários, mesmo que não possam mudar de função.

Outra conquista refere-se à redução da jornada de trabalho em sala de aula. Antes a distribuição era feita da seguinte forma: das 30 horas, 24 eram obrigatórias em salas de aula e 06 para as consideradas atividades extra classe (planejamentos, elaborações, etc). Com a greve, passou a ser da seguinte forma: 20 horas obrigatórias em sala de aula e 10 horas para as atividades complementares, e assim o/a professor/a terá mais tempo para estudar e preparar suas atividades. “Com isso, o/a professor/a se debruçará mais sobre a sua qualificação para a docência”, ressalta Josué. Nesse aspecto, é perceptível que a retomada do princípio mobilizador da educação reacendeu a luta e reavivou o desejo de continuar buscando melhorar a qualidade da educação pública no estado do Rio Grande do Norte.



Foto 20: Assembleias com os/as sócios/as na escola estadual Jerônimo Rosado – Mossoró, para definir as pautas que estavam sendo reivindicadas na greve de 1993, tendo como assunto principal a implementação do Plano de Cargos, Carreira e Remuneração.

Fonte: Arquivo SINTE Mossoró



Foto 21: Assembleias com os/as sócios/as na escola estadual Jerônimo Rosado – Mossoró, para definir as pautas que estavam sendo reivindicadas na greve de 1993, onde foi discutido sobre a implementação do Plano de Cargos, Carreira e Remuneração, o retorno das eleições diretas para diretores/as e vices das escolas públicas, e ainda, o Plano de Carreira para auxiliares e técnicos.

Fonte: Arquivo SINTE Mossoró

A retomada da história nos empolgava a cada momento, a cada dimensão das ações, do viver o sindicato na letra e na luta. Reconstituo fatos que ocorreram dentro do movimento grevista, lançando mão das fotografias guardadas zelosamente nos álbuns, eles foram recontando as situações de conflitos, estratégias, negociações, reuniões e encontros “clandestinos” nas casas dos/as companheiros/as para que não ocorresse qualquer desarticulação durante as manifestações da greve. Pois, infelizmente, era comum a infiltração de pessoas ligadas ao poder público para terem acesso às informações e com isso desmobilizar e enfraquecer a categoria. Desde a ditadura militar, as escolas tinham suas direções mantidas pelo governo que indicava seus “comparsas” para atenderem suas ordens e garantirem o cumprimento destas. Os sindicatos e os servidores da educação foram por muito tempo controlados por políticos que mantinham seus cabos eleitorais à frente das gestões escolares e, assim, garantiam as suas reeleições e de seus sucessores que muitas vezes eram aqueles que estavam nas direções e/ou que foram indicados para chefiarem as secretarias de educação no estado e nos municípios. “A punição para quem assinasse atas de reuniões do sindicato ou fosse visto nas reuniões em que discutíamos sobre a greve, era a perda do cargo de diretor/a e os seus vencimentos rebaixados”, relembra José Maria. Com isso, muitos deles morriam de medo de assinar a ata ou falar qualquer coisa sobre a greve. A volta das eleições diretas para diretores/as trouxe mudança nesse cenário e fez cair o controle que o governo tinha sobre os servidores públicos e sobre os sindicatos de educação.

Josué relembra:

Nós tínhamos muito medo, na década de 90, era de pessoas que tivessem infiltradas pra passarem informações pra lá. Então, nós temíamos isso, mas não tínhamos certeza e pra não correr o risco, nós fazíamos às vezes reuniões fechadas da diretoria com o comando de greve, onde muitas vezes não dizíamos onde era o local. [...] Pessoas que vinham orientadas pelos diretores de escolas, já que na época os diretores eram indicados, eram cabos eleitorais mesmo do governo e eles mandavam pessoas de confiança deles fazerem parte do movimento. [...] Era clandestino porque era preciso um grupo de pessoas de inteira confiança pra evitar que muitas informações vazassem. (Entrevista realizada com Josué Damasceno e José Maria, membros da direção do SINTE Mossoró, em 24/04/2014).

A atuação do SINTE Mossoró tem se destacado também na capacidade de articular outros segmentos da sociedade civil, como por exemplo, os grupos de mulheres que sempre estão nas ações promovidas pela categoria, no sentido de somar esforços e fortalecer a luta.

Nossas vozes engrossavam o coro e o refrão das falas gritadas pelos profissionais da educação. Juntávamo-nos às milhares de outras ‘Marias’ professoras, mães, mulheres e,

sobretudo, cidadãs que ali defendiam o respeito ao servidor da educação e a garantia de se ter um ensino público com qualidade.

Nesses contatos com o SINTE Mossoró ficou perceptível o nível elevado de entusiasmo com o movimento de educação no estado e a retomada do seu papel articulador, agregando novos sujeitos e realimentando a credibilidade na organização popular e na capacidade de enfrentamento a novos desafios, visando possibilidades concretas de negociações com o poder público, mesmo que seja na “marra” mediante as greves e mobilizações gerais. A greve continua sendo a principal ação de reivindicação por agregar a coletividade. Pois, é na ação coletiva que se pode concretizar o alcance de uma nova realidade, onde todos se percebam igualmente e lutem por direitos coletivos. Pois, segundo Arendt (2007, p. 31) “todas as atividades humanas são condicionadas pelo fato de que os homens vivem juntos; mas a ação é a única que não pode sequer ser imaginada fora da sociedade dos homens”.



Foto 22: Reunião de mulheres com professoras de escolas do bairro Nova Vida – Mossoró, para definição de uma agenda de atividades conjuntas com as famílias dos/as estudantes.

Fonte: Arquivo Grupo Mulheres em Ação



Foto 23: Atividade de formação sobre gênero e educação com professores/as da rede pública  
Fonte: Arquivo Grupo Mulheres em Ação

Por diversas vezes as mulheres colocaram nas discussões de suas reuniões o apoio aos movimentos grevistas do sindicato, pois compreendiam que a luta pela educação pública necessariamente está vinculada ao desejo da conquista de uma vida digna para todos e todas.

Discutir sobre gênero e educação e fomentar a articulação dos movimentos sociais com a gestão das escolas locais constituía-se um importante espaço de formação político-pedagógico para os/as professores/as. Momentos como esses estão eternizados não só nas memórias narradas pelas mulheres e/ou lidas em documentos arquivados. Mas, também, nas fotografias que revelam rostos e expressam o compromisso e a contribuição de cada uma numa luta coletiva.

#### **1.4 – Politizando a prática: O Sindicato enquanto espaço formativo para a docência**

De forma cada vez mais complexa, a realidade aponta a necessidade da construção de novas possibilidades que levem ao entendimento da condição humana das professoras, passando por processos de conhecimento e reflexão. No campo educacional, a formação docente é uma atividade especificamente humana.

Freire (1996), parte do princípio de que a formação docente se dá fundamentalmente na reflexão sobre a prática. Nesse aspecto, o autor prima por uma formação permanente como própria da natureza humana, intrínseca na infinitude do conhecimento e inclusão do sujeito, pautada, necessariamente, na reflexão sobre a prática.

[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunde com a prática (FREIRE, 1996, p. 39).

Todo processo de formação docente deve levar à compreensão de que a educação é uma forma de intervenção na sociedade, ou seja, possui um componente político indissociável. Esta intervenção se dá para além do acúmulo de conhecimentos, mas, sobretudo, através da prática educativo-crítica.

Rios (2001, p. 93), trata da docência pelo viés da competência e da qualidade e a define como “[...] um conjunto de qualidades de caráter positivo, fundadas no bem comum, na realização dos direitos do coletivo de uma sociedade”. Nessa perspectiva, a autora utiliza quatro dimensões – técnica, política, estética e moral – que se estabelecem e se relacionam de forma indissociável, visto que a ação educativa é complexa e deve ser atendida de maneira criativa mediante o pensamento crítico dos conceitos e que estes deem condições de inserir os sujeitos na sociedade numa perspectiva da construção de um bem estar coletivo.

A *dimensão técnica*, usada para descrever uma habilidade ou competência, corresponde à capacidade de construção e reconstrução dos conceitos, ou seja, está relacionada à realização de uma ação do/a professor/a. No entanto, essa dimensão precisa estar associada às demais para não correr do risco de cair no empobrecimento de seu significado e acabar sendo vista de maneira tecnicista. A arte de fazer docência precisa ser entendida e sentida além de sua competência técnica, vinculando-se totalmente ao contexto social e político a que está sendo desenvolvida.

Quando se refere à *dimensão estética*, a autora prima pela beleza e pela sensibilidade como elementos integrantes do saber e do fazer docente, numa perspectiva criadora do agir humano. Beleza no sentido de se promover o bem social e coletivo, e sensível quando “[...] está relacionada com o potencial criador e com a afetividade dos indivíduos, que se desenvolve num contexto cultural determinado.” (RIOS, 2001, p. 97).

A *dimensão ética* e a *dimensão política* são abordadas conjuntamente pela autora, na compreensão de estarem estreitamente ligadas entre si, cabendo à docência orientar para

posturas alicerçadas no respeito e na solidariedade, estimulando a participação dos sujeitos no contexto, nele interferindo e construindo relações coletivas. O fazer político da docência dever estar baseado numa ação que direcione na construção de uma vida digna e solidária.

É nessa direção que buscamos identificar as ações do sindicato junto às mulheres professoras, no sentido de percebermos um processo formativo que aponte para a dimensão do ensino com qualidade e competência através de posturas reflexivas e criativas sobre a condição do sujeito na sociedade.

Pois, segundo a autora:

O trabalho docente competente é um trabalho que faz bem. É aquele em que o docente mobiliza todas as dimensões de sua ação com o objetivo de proporcionar algo bom para si mesmo, para os alunos e para a sociedade. [...] e o faz de maneira crítica, consciente e comprometida com as necessidades concretas do contexto social em que vive e desenvolve seu ofício (RIOS, 2001, p. 107).

É por intermédio desta concepção, que associa a práxis ao aprendizado e o fazer político à vivência aprendiz que iremos delinear o nosso trabalho. Mesmo em face à descrença contemporânea, os sindicatos desenvolvem não apenas ações de mobilização e enfrentamento do patronato, mas também práticas formativas.

Especificamente em relação aos sindicatos de professores e professoras da rede pública de ensino no Brasil, estes têm se colocado como grandes articuladores das lutas em defesa dos interesses específicos da categoria, assumindo também um papel importante em lutas educacionais mais amplas. Muitos deles conseguiram avançar para uma nova concepção de prática sindical e oferecem propostas de formação mais estruturadas para seus associados/as, numa postura mais comprometida com a prática docente, contribuindo, dessa forma, para a melhoria da educação.

De encontro a estas ideias, ou seja, para Nóvoa (2008), a formação pressupõe um processo autorreflexivo, no qual o/a professor/a aprende a partir de suas vivências, ouvindo o relato de experiências alheias, bem como, exercitando a possibilidade de articular o vivido ao pensado, analisando de que forma sua trajetória se integra à experiência do coletivo.

A trajetória do SINTE/RN é pautada por ações de transparência política e luta salarial, como foi o caso da “Ação Geraldo Melo”, que reivindicava o pagamento de atrasos salariais durante o Governo Geraldo Melo – 1986 a 1989, onde se configurou como um importante enfrentamento à política de desvalorização da educação em âmbito estadual, fortalecendo o sindicato enquanto espaço representativo dos profissionais da educação pública. Também traz

em sua lista de eventos aqueles destinados à formação de professores e professoras, expressando o que consta em seu estatuto quando trata dos fins do sindicato. Destacamos do seu Art. 4º alguns itens que dispõem da formação:

[...] c) lutar pela garantia de qualificação, atualização, aperfeiçoamento e especialização profissional, científica e cultural da categoria; d) promover a formação político-sindical dos seus associados; [...] i) oportunizar o aperfeiçoamento e atualização científica, cultural e técnica dos seus sindicalizados (SINTE, 2005, pg. 5 - 6).

Podemos citar como exemplo de eventos promovidos pelo SINTE/RN no tocante à formação docente a realização do “I Seminário Internacional Diálogos com Paulo Freire – Angicos 50 anos depois: reflexões e contribuições à prática pedagógica”, cujo objetivo baseia-se em discutir e analisar sobre a qualidade na educação pública nos dias atuais. Neste ano estará acontecendo a segunda edição do referido seminário, em que serão rediscutidas as ações de fortalecimento da educação pública e os desdobramentos que deverão ser encaminhados através da elaboração de pautas de reivindicações junto ao poder público. É comum os eventos promovidos pelo sindicato terem cunho deliberativo e/ou propositivo, além das reflexões provocadas acerca da qualificação docente.

Ao questionarmos sobre as ações desenvolvidas pelo sindicato destinadas para a formação docente, o diretor Josué Damasceno nos informou de que estas atividades são pontuais e sempre agregadas aos congressos e eventos nacionais e estaduais. Ou seja, não há um plano sistemático de atividades de formação especificamente para a prática docente. O que se tem feito é a realização de grupos temáticos nos grandes congressos promovidos pelo SINTE estadual e nacional, onde se busca contemplar assuntos de interesse dos/as professores/as, trazendo discussões a respeito do magistério.

Estes eventos são realizados a cada três anos, mas há uma preocupação de sempre contar com a presença de palestrantes específicos da área do magistério e, ainda, a confecção e distribuição de materiais didáticos, como folderes e panfletos. Há muitos ganhos decorrentes desses eventos que trazem como pautas de reivindicações a serem negociadas com o governo. “O Plano Nacional de Educação, o aumento do PIB para a educação, são alguns dos resultados trazidos das discussões desses eventos”, ressalta Josué.

Porém, partindo da compreensão de que o sindicato atua fortemente na formação política, através de reuniões, debates, simpósios e as próprias assembleias, reconhecemos que este realiza sistematicamente ações voltadas para a aquisição de práticas reflexivas que apontem

para uma visão crítica da realidade por parte dos/as professores/as. Para Josué, “a prática pedagógica não pode estar distante da reflexão crítica da realidade, tão necessária quanto ensinar os/as alunos/as a ler e escrever”. O que se espera é que essa formação política seja absorvida e incluída nas ações práticas das professoras no exercício de suas atividades docentes, como também em suas posturas pessoais de forma que as direcionem para uma formação verdadeiramente humana.



Foto 24: Simpósio de formação política com sócios/as – 1989, em que os/as professores/as questionavam, refletiam e construíaam ações para o fortalecimento do trabalho docente. Essas ações são práticas comuns e que se fazem presentes em toda a trajetória do sindicato.

Fonte: Arquivo SINTE Mossoró

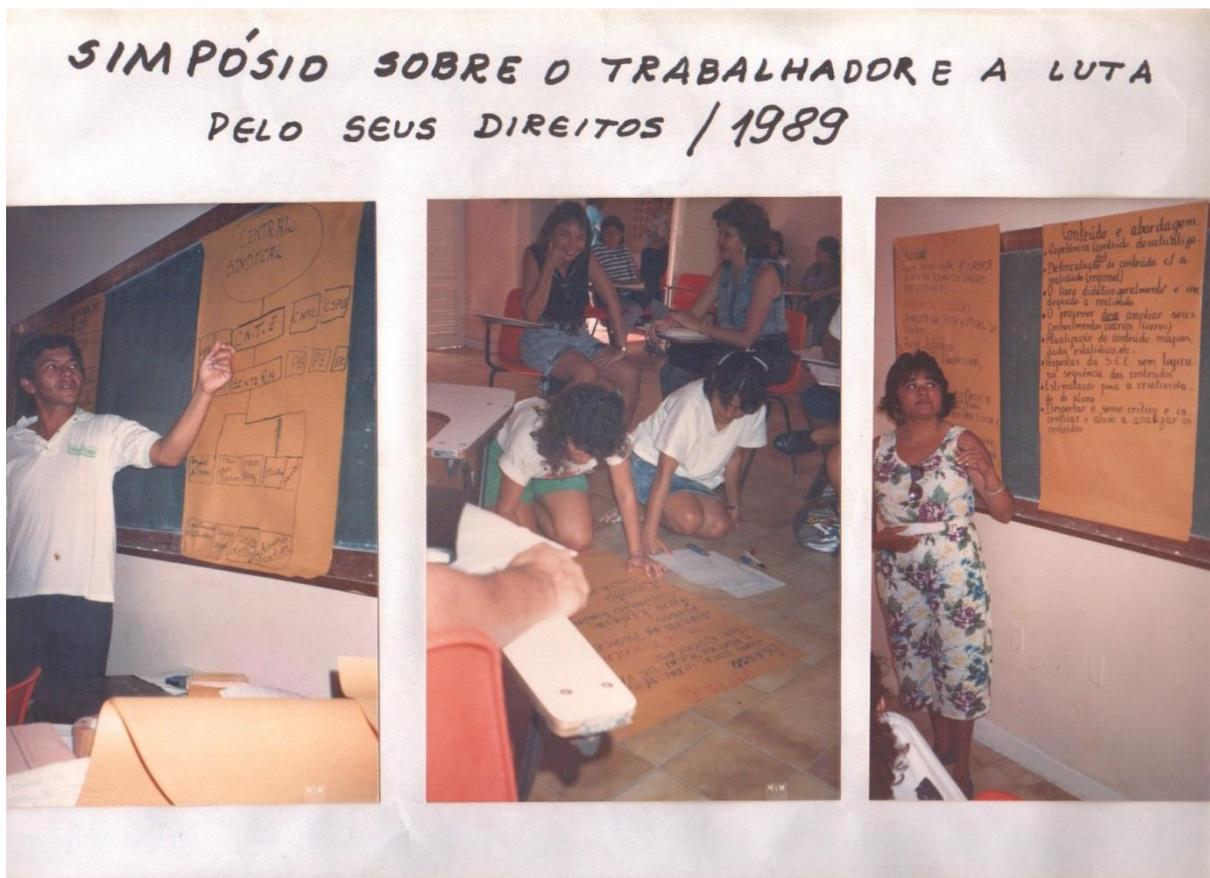


Foto 25: Simpósio de formação política com sócios/as para discutir sobre os direitos do/a servidor/a público/a e, assim, fortalecer a organização e mobilização da categoria.

Fonte: Arquivo SINTE Mossoró

A formação a que nos reportamos vai muito além da aquisição de técnicas e conceitos pedagógicos, mas fundamentalmente no tocante à absorção de novos valores e práticas em que a condição humana seja o requisito principal para o exercício da docência. O espaço que o sindicato destina para a formação de seus/as associados/as aponta para esta perspectiva, uma vez que desenvolve ações e atividades com foco nestas discussões.

Mesmo não sendo parte de suas ações mais notórias, a política de formação existe no cotidiano do SINTE/RN. A esta pesquisa cabe a tarefa de mapear como isso tem sido implementado no município de Mossoró, bem como, qual a percepção das professoras acerca de seu lugar enquanto militantes e docentes, e se este espaço sinaliza na direção de práticas transformadoras.



Foto 26: Momento da entrevista com dirigentes do SINTE Mossoró. Narrativas e histórias de vidas que me fizeram presente na trajetória de construção do movimento sindical de educação.

Fonte: Arquivo pessoal



Foto 27: Momento da entrevista com dirigentes do SINTE Mossoró. Histórias contadas, lutas partilhadas e memórias revisitadas.

Fonte: Arquivo pessoal

Acreditamos nos caminhos construtores desta pesquisa, entendendo as vozes das mulheres participantes como agentes formadoras no âmbito do sindicato de educação. A presente pesquisa coloca o SINTE/RN em nível municipal, como espaço a ser estudado, a partir das narrativas das professoras militantes e no exercício da docência, para investigar questões pertinentes à colaboração deste espaço representativo no que diz respeito à formação docente, buscando compreender quais os reais impactos das ações sindicais voltadas para a formação docente, mas também a reflexão coletiva das professoras acerca da realidade da profissão.

Compreendendo que a vivência nas lutas sindicais representa uma porta para a leitura do mundo a partir da prática, e permite ações de (auto) formação político-pedagógica, é de importância relevante trazer o debate para a academia sobre as ações sindicais voltadas para a formação docente. Essa relevância se estende para o SINTE/RN, pois terá a oportunidade de se perceber refletido nas falas das professoras militantes e, assim, poder refletir sobre suas ações.

As mulheres, professoras e militantes terão suas vozes protagonizadas e não mais silenciadas como foram ao longo da história. Retiraremos os chumaços de algodão dos ouvidos da sociedade para dar sonoridade às vozes das mulheres, lutadoras e determinadas na busca por uma (trans) formação que promova o seu crescimento e a prática da docência de forma humanizada, crítica e reflexiva.

Maria, Maria  
É um dom, uma certa magia  
Uma força que nos alerta  
Uma mulher que merece  
Viver e amar  
Como outra qualquer  
Do planeta  
Maria, Maria  
É o som, é a cor, é o suor  
É a dose mais forte e lenta  
De uma gente que ri  
Quando deve chorar  
E não vive, apenas aguenta  
Mas é preciso ter força  
É preciso ter raça  
É preciso ter gana sempre  
Quem traz no corpo a marca  
Maria, Maria  
Mistura a dor e a alegria  
Mas é preciso ter manha  
É preciso ter graça  
É preciso ter sonho sempre  
Quem traz na pele essa marca  
Possui a estranha mania  
De ter fé na vida

**Maria, Maria – Milton Nascimento**

## **CAPÍTULO 2: NARRATIVAS DE SI: BANDEIRAS DE LUTA EM RETALHOS DE MIM**

*Eu sou aquela mulher a quem o tempo muito ensinou. Ensinou a amar a vida e não desistir da luta, recomeçar na derrota, renunciar a palavras e pensamentos negativos. Acreditar nos valores humanos e ser otimista  
(Cora Coralina)*

A vida é mesmo uma imensa e colorida colcha de retalhos, em que cada retalho constitui-se de tecido variado, com textura e estampa delineada conforme o que se vive e o que se guarda na memória. A memória, esta vista como uma grande arca de madeira humana com um espaço infinito para se guardar as recordações, as lembranças, a saudade e as aprendizagens tiradas a partir de momentos partilhados com diferentes personagens em cenários individuais e coletivos.

Como afirma Halbwachs (1990, p. 54), “não é menos verdade que não nos lembramos senão do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento do tempo [...]”. Nesse sentido, procuramos aqui registrar vidas partilhas em momentos de lutas, conquistas, desafios e crescimentos pessoais, a partir de vivências nos movimentos sociais. São trajetórias narradas num eu particular, mas reconstruídas sempre através de resgates das memórias, em que outros tantos “eus” estão presentes.

Não há aqui a intenção de trazermos a discussão, e nem tão pouco aprofundarmos o que se compreende por memória, pois este não é o foco desta pesquisa. No entanto, para este capítulo, seria impossível a sua construção sem recorrermos às memórias, visto se tratar de situações e momentos que foram vividos, em que fatos poderão ser encontrados tanto em memória física (fotografias, relatórios, etc) e outros, talvez os mais significativos, nas memórias, nas lembranças e na subjetividade de cada sujeito protagonista desta história, através das narrativas reencontradas e partilhadas.

Não conseguiríamos reconstituir esta viagem sem a companhia de suas memórias, revisitadas em encontros calorosos, prosas infundáveis e alimentadas de saudades e alegrias do que foi vivido, as fotografias e os relatórios de campo. Esse recontar das nossas vidas coletivas, solidárias e construídas como um ir e vir de linha e agulha em retalhos de gente e que hoje podemos nos aconchegar numa enorme colcha de sentimentos, de aprendizagens, de lágrimas,

de risos, de derrotas e de muitas conquistas. Esta colcha que nos ajudou a moldar a nossa identidade enquanto sujeitos sociais, sempre prontos a erguer a bandeira da luta em prol de uma sociedade justa e humana em todos os sentidos.

Pois, como afirma Pollak:

Podemos portando dizer que *a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade*, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p. 05)

É nesse resgatar de memórias individuais (percepções e reflexões minhas) e coletivas (conduzidas pelas vivências em grupos e em sentimentos comuns) que reafirmamos o que somos hoje e realimentamos o desejo de seguirmos em marcha, bandeiras empunhadas e as vozes ecoando gritos por liberdade e direitos iguais.

Com o propósito de inventariar com as professoras sindicalizadas e em exercício do magistério as suas histórias de vida dentro do sindicato, este capítulo vem organizado em três tópicos e apresenta os sonhos almejados e vividos, alicerçados pelas lutas coletivas, ilustrados através das memórias pessoais e socializadas em narrativas sincronizadas nos sentimentos de bem comum.

Início trazendo a minha aproximação com os movimentos sociais, a ressignificação da minha identidade a partir desse contato, e a minha pertença ao mundo da ousadia, da resistência e da participação popular. Num segundo momento, relato a experiência com grupos de mulheres urbanas e de comunidades rurais, através de trabalhos de organização comunitária e formação de lideranças, utilizando da educação popular e estimulando as discussões acerca da condição da mulher numa sociedade historicamente construída em discursos e práticas machistas e excludentes.

Fechando este capítulo, o terceiro e último tópico, apresenta os diversos momentos em que estivemos todas unificadas numa luta solidária, o engajamento de mulheres professoras, a percepção e vivência destas nos espaços de mobilização social e as reflexões refletidas em suas práticas pedagógicas.

Compreendemos que as histórias de vida aqui narradas expressam a importância de se estreitar cada vez mais os laços entre os movimentos sociais e a academia, no sentido de reforçar a luta por uma educação inclusiva e participativa em que todos e todas sejam, de fato, agentes sociais ativos nas transformações necessárias para uma educação verdadeiramente humana.

Refaço caminhos trilhados durante uma viagem com companheiros e companheiras dos movimentos sociais, destacando o movimento feminista e o trabalho de mais de uma década com mulheres de Mossoró e região oeste do Rio Grande do Norte. Por tantas estradas por onde fomos deixando nossos rastros, levando o cheiro do chão pisado, o sal do suor escorrido em nossos corpos, as mãos calçadas pelas bandeiras empunhadas, carregamos também bagagens de lembranças históricas, que partilho aqui a partir das minhas memórias, mas também tomando emprestadas as memórias de várias mulheres guerreiras e destemidas, sempre com as mãos erguidas e os gritos bravos por vida digna para todas e todos.

## **2.1 – De mãos dadas com os movimentos sociais.**

Este tópico procura apontar algumas reflexões sobre o meu eu construído nas lutas sociais, buscando estabelecer uma relação com o estudo aqui pesquisado, no sentido da minha identidade enquanto sujeito social, político e humano.

Apresento vivências particulares que me deram todo o arcabouço constituinte das minhas experiências e demonstram expressamente a minha pertença ao universo dos movimentos sociais em momentos que partilho aqui. Situações que trazem pequenas ilustrações do que foi vivido, sentido e absorvido nas caminhadas de mãos dadas com os movimentos sociais, me fizeram construir uma identidade pessoal e trouxeram significativas contribuições para a minha formação enquanto educadora e sujeito consciente da importância da educação para as mudanças na sociedade.

Referendo-me nas afirmativas de Josso, quando a autora diz que:

[...] vivemos uma infinidade de transações, de vivências; essas vivências atingem o *status* de experiências a partir do momento que fazemos certo trabalho reflexivo sobre o que se passou e sobre o que foi observado, percebido e sentido. (JOSSO, 2010, p. 48)

Nasci no ano de 1971, numa cidade do interior do Rio Grande do Norte, de nome Upanema, distante a 48 km de Mossoró. Caçula de uma família de quatro filhos, meu pai comerciante e minha mãe dona de casa, ambos com o ensino fundamental incompleto. Naquela época, vivia-se basicamente de agricultura e comércio, sendo que, comerciante de cidade pequena era visto com um poder aquisitivo favorável, sendo considerado de classe média alta. É bem verdade que tive uma infância e uma adolescência fartas e tranquilas.

Nascidos em comunidades rurais e crescidos até a fase adulta no cenário camponês, sobrevivendo daquilo que era produzido na terra, meus pais resolveram tentar a vida na cidade e passaram a ser comerciantes. Meu pai tentou vários ramos e há mais de quatro décadas administra um comércio no setor farmacêutico, sendo proprietário de duas farmácias na cidade. Atividade essa que lhe proporcionou grande visibilidade local.

Era quase o “doutor” da cidade, pois raramente se tinha médico em atendimento diário nas cidades pequenas do estado. Cresci vendo as pessoas com dificuldades para acesso aos serviços de saúde e meu pai sendo solicitado para indicar um remédio que resolvesse as situações menos críticas. E bem que dava certo! Os anos de experiência e dedicação lhes deram o conhecimento das indicações dos medicamentos para determinadas enfermidades. Até hoje há quem diga que “seu Nelson da farmácia é melhor do que muito doutor. Não erra um remédio”.

Por suas popularidades, meu pai e minha mãe fizeram parte do cenário político de Upanema, chegando a se elegerem para o legislativo. Meu pai foi vereador por dois mandatos e minha mãe uma vez, sendo aliados das siglas de partidos coronelistas e burgueses – historicamente assim eram conhecidos os gestores públicos, velhos inimigos da classe proletariada – suas posições poderiam ter me impedido de aproximar-me das lutas dos menos favoráveis, a classe trabalhadora.

Meu pai, muito severo e conservador, não queria nem ouvir falar em filho/a dele participando de movimentações nas ruas. Porque quem participava dos movimentos populares era considerado como baderneiro, vagabundo, arruaceiro, contraventor e desordeiro. Cresci até a adolescência numa visão “quadrada” que me apontava somente para uma direção: obediência às leis e às ordens patriarcais. Não podia afrontar a moral política e o status social da família, pois meu pai jamais permitira que eu fosse uma militante.

As descrições familiares aqui feitas não representam nenhuma insatisfação pessoal com os meus genitores, e nem com o vínculo afetivo que tive e tenho com meu pai e minha mãe. Pois, mesmo com sua severidade, meu pai sempre expressou do seu modo o imenso amor, zelo e dedicação à família.

Retrato aqui, mas sem a intenção de um aprofundamento no assunto, a constituição de uma família tradicional e secular, moldada nos princípios morais instituídos por uma sociedade extremamente conservadora e repressora, tendo as ordens patriarcais a sua lei maior. Meu pai e minha mãe, em suas concepções de família, apenas reproduzem modos de ver e de viver numa época em que à família cabia o papel de ensinar aos/as filhos/as os princípios e regras condizentes ao nome ao qual pertenciam.

As questões sociais faziam parte do espaço externo e público, portanto, de responsabilidade dos gestores e da passividade daqueles que as aceitavam sem reclamar. Pois, como afirma Ariès (1981, p. 275), “À família cumpria uma função – assegurava a transmissão da vida, dos bens e dos nomes – mas não penetrava muito longe na sensibilidade”.

Ou seja, a minha sensibilidade com as questões coletivas e sociais não faziam parte da moldagem tradicional e patriarcal da família. Posto que, uma vez que a mim estavam asseguradas todas as condições de um bem estar estrutural, não justificava a minha fé numa utopia em que todos e todas também deveriam ter esses direitos assegurados e garantidos, pois a cada um/a lhes cabia a responsabilidade de criar as possibilidades de melhorar de vida. Se não tinha uma vida boa, era problema de cada um/a e ninguém tinha nada a ver com isso.

Não acreditavam na força coletiva como meio de pressionar e responsabilizar o poder público pela omissão aos direitos humanos para aqueles/as que não tinham nenhuma garantia destes e, mais conflitante para mim, defendiam e reforçavam os discursos injustificáveis e incontestáveis daqueles que, obrigatoriamente, eram representantes legais para zelar e assegurar o bem estar de cada cidadão e cidadã. Nesse aspecto, mesmo discordando e contrariando essa concepção de meus pais, os compreendia e os amava acima de tudo.

No entanto, esse mesmo espaço externo exercia grande influência nas questões íntimas da família, estabelecendo formas e padrões que deveriam ser obedecidos, sob pena das especulações e repressões da sociedade. Ou seja, ao mesmo tempo em que cabia à família – particularmente ao patriarca – os ensinamentos das boas condutas morais e estruturais, à sociedade cabia o direito de intervenção até mesmo nas questões particulares.

Enquanto sob a tutela ou dependência estrutural da família, o sujeito estava totalmente submisso aos ensinamentos transmitidos pela família e pela sociedade, não havendo a permissão da construção de sua identidade em outros espaços que não estivessem dentro das normas e regras dessa sociedade, pois, esta mesma sociedade era quem definia a infância e a adolescência, cabendo à família a reprodução dos valores determinados para a vida em sociedade. Como, ainda, nos aponta Ariès (1981, p. 277)<sup>4</sup> “A família deixou de ser uma

---

<sup>4</sup> Philippe Ariès (1981), famoso historiador francês, afirmou que a infância foi uma invenção da modernidade, sendo esta numa categoria social construída na história da humanidade. Para o autor, o surgimento do sentimento de infância, como algo peculiar à fase infantil, resulta de um longo processo histórico, não sendo uma herança natural. Essa sua afirmação trouxe grandes mudanças na compreensão da infância, pois esta era pensada como uma fase da vida, como qualquer outra, mas vista pelas “delícias de ser criança e de habitar no país da infância”, de um modo idêntico a si mesmo. Ele aponta, ainda, que os séculos XVI e XVII apresentam uma concepção de infância centrada na inocência e na fragilidade infantil. Já o século XVIII construiu a infância moderna, assumindo o signo de liberdade, autonomia e independência. Na verdade, o que Ariès quis dizer com a sua afirmação de que a infância foi uma invenção da modernidade, é que a infância que conhecemos hoje foi uma criação de um tempo histórico e de condições socioculturais determinadas, sendo um erro considerar todas as infâncias e todas as crianças da mesma maneira.

instituição do direito privado para a transmissão dos bens e do nome, e assumiu uma função moral e espiritual, passando a formar os corpos e as almas”.

Trago, ainda, fragmentos de situações em que reprimiam o meu desejo de ir às ruas em marcha e que poderiam ter me impedido de continuar buscando aliar-me àqueles/as que me estendiam as mãos e me davam a oportunidade de enxergar a realidade, adquirir novos valores e refletir sobre as questões que construíam e reforçavam as condições de desigualdade e injustiças que excluíaam e marginalizavam os sujeitos. E, assim, fui me reconstruindo numa identidade cada vez mais referendada nos princípios da solidariedade e do olhar direcionado ao/a próximo/a, me engajando com mais fervor e ativamente nos movimentos sociais.

Meu primeiro contato com as lutas sociais foi durante a adolescência – realmente a fase rebelde da vida – no movimento estudantil da escola em que eu estudava, ainda no período do ginásio<sup>5</sup>. A aproximação com alguns colegas me despertou a vontade de libertar o grito guardado dentro de mim. Uma voz adormecida e silenciada que nem eu mesma permitia escutá-la.

Achava lindo ver a juventude organizando eleições de grêmio, os debates, as discussões, os discursos e até os bate bocas dos/as estudantes com os diretores da escola e com o poder público local. Se isso era considerado rebeldia, eu queria muito ser uma rebelde.

Lembro-me de um fato em que a diretora que tinha sido eleita por votação entre os alunos foi substituída por não pertencer ao mesmo grupo político do prefeito da época. Por considerarmos uma atitude arbitrária, saímos em marcha pelas ruas pedindo o retorno da diretora da escola. Eu participava bem escondidinha por entre as pessoas, temendo que alguém me visse e me dedurasse pra meu pai.

Morria de vontade de ser presidente do grêmio estudantil, mas não tinha coragem de enfrentar as ordens paternas e temia a repressão que poderia vir a sofrer em casa. Assim, ficava só na organização dos eventos, como por exemplo, as gincanas e as palestras. Mas, era sempre a líder da turma em que eu estudava, e isso ia aumentando o meu desejo de estar dentro dos movimentos.

Essa busca constante por encontrar a minha verdadeira identidade enquanto sujeito social, em que eu pudesse explorar as minhas potencialidades e me visse capaz de contribuir com as transformações sociais desejadas e alimentadas pelos movimentos sociais. Essa necessidade de estar em movimento parecia ser o verdadeiro sentido da minha existencialidade.

---

<sup>5</sup> Hoje Ensino Fundamental II.

Eu queria me sentir útil e encontrar as respostas ou as reflexões para questões que me inquietavam e me impulsionavam a enveredar pelo caminho da luta coletiva.

Nessa perspectiva, encontro nas afirmativas de Josso (2010) uma melhor compreensão daquilo que eu sempre busquei como maneira de um novo jeito de ver e de viver a vida e suas complexidades. Pois, a autora aponta que:

O termo busca tem aqui vários significados: a procura de uma nova arte de viver em ligação, captando a vida em seu movimento; a procura de uma existencialidade encarnada; a aspiração a um sentimento de existência em transformação pela mediação da invenção de um “si evolutivo”; o desejo de uma identidade em constante vir-a-ser [...]. (JOSSO, 2010, p. 65)

Por intermédio de um namorado, me aproximei de um grupo de jovens que começava a se organizar em torno de um partido político de esquerda. Mesmo sem idade mínima para votar, frequentava assiduamente das reuniões do partido. Eram reuniões mensais em que se discutia sobre campanhas de filiação com os jovens, cursos de formação para os novos filiados e definições de candidaturas no município. No entanto, diversas vezes fui proibida por meu pai de ir ou de estar com o grupo em outras atividades. Mesmo assim, participei clandestinamente de muitas delas. Falava que ia à casa de uma amiga e ia mesmo era para as atividades com a turma. O coração palpitava entre a alegria de estar construindo o partido e o medo da bronca que receberia se fosse pega ali.

Sob a influência política do meu pai que pertencia ao mesmo grupo do prefeito da época, no ano de 1989 fui convidada a trabalhar numa escola do município aos dezessete anos de idade. Trabalhei como professora primária, auxiliar de secretaria e supervisora pedagógica. Nesse período, entro para a faculdade para cursar Pedagogia. Nascia aí o interesse nas questões relacionadas à educação.

O fato de estar trabalhando, ter meu próprio salário, me deu o sentimento de independência e a possibilidade de poder estar mais ativa nos movimentos populares, mesmo sendo oposição ao gestor local.

Ainda de modo tímido e meio escondido, passei a frequentar mais ativamente das atividades promovidas pelo grupo de jovens que se articulavam e fortaleciam a oposição no município. O impeachment de Collor no ano de 1992 foi o marco da época e reforçou a minha vontade de estar dentro das lutas sociais, ao ver a participação e a influência da juventude sendo decisivas para o desfecho do processo.

No ano de 2002, a primeira eleição de Lula marcou também a aliança dos principais grupos políticos de Upanema, composto majoritariamente pelo PMDB e DEM<sup>6</sup>, tendo o grupo do meu pai se juntado em torno dessa eleição. Porém, meu pai era declaradamente contra o Partido dos Trabalhadores – PT, partido a que eu acabara de me filiar, agora com dezoito anos e casada. Mas, nada podia fazer porque agora eu deveria acompanhar o marido, e esse era um ditado bem conhecido e respeitado nas cidades do interior.

No ano de 1997 chego a Mossoró para morar, pois além de ter tido o contrato de trabalho com a secretaria de educação do município encerrado, precisava acompanhar o marido que viera trabalhar numa ONG – Organização Não Governamental – que prestava assistência técnica aos agricultores de comunidades rurais de Mossoró e região oeste do estado. Gostei da possibilidade de ter maior liberdade para participar dos eventos, das atividades e, principalmente, de ir às ruas sem ter que me esconder ou de me constranger pelos olhares reprovativos das pessoas da cidade em que eu vivera até então. Porque essa reprovação respingava em cobranças à minha família, como se dissessem que não souberam me criar dentro das normas sociais. Eu não queria causar nenhuma situação desagradável para meu e para minha mãe, mas lutava para que compreendessem e aceitassem a minha percepção da vida e a minha fé na construção de outra realidade, mais inclusiva e mais solidária.

Como em Mossoró havia uma efervescência dos movimentos sociais, fiquei maravilhada e pude alimentar ainda mais a minha sede de estar nas lutas e poder soltar o grito da justiça, da liberdade e da solidariedade. Foi aí que me aproximei do movimento de mulheres e senti mais fortemente o calor das mãos que se davam em torno de uma luta coletiva.

Vi-me em meio a tantos rostos, tantos cheiros, tantos suores e tanta bravura unidos na certeza de se estar lutando por aquilo em que se acredita ser de direito para todo e qualquer ser humano: vida digna e igualitária! Foi assim que mergulhei no universo do movimento feminista e na sua luta pelo fim da opressão e da violência contra as mulheres.

Inicialmente entrei no movimento de mulheres como militante, através do Centro da Mulher 8 de Março, participando apenas dos eventos, atividades e mobilizações nas ruas. Logo em seguida, ainda neste mesmo ano em que cheguei a Mossoró, fui convidada para realizar um trabalho de acompanhamento e assessoria a grupos de mulheres de comunidades urbanas e rurais do município de Mossoró e algumas outras cidades da região oeste do estado, sendo elas Apodi, Baraúnas e Upanema, no sentido da sua formação política acerca das questões

---

<sup>6</sup> Partido do Movimento Democrático Brasileiro e Democratas.

pertinentes à condição de vida das mulheres e cujo propósito era fortalecer a participação das mulheres nos espaços coletivos de suas comunidades.

A realidade de antipatia do meu pai com os movimentos sociais e a não aceitação da minha participação foi sendo modificada à medida que o mesmo foi percebendo o meu crescimento pessoal e profissional, e isso o convencia dos benefícios que a luta popular trazia para o coletivo e, principalmente, para mim, porque o pai e a mãe sempre querem o melhor para seus/as filhos/as e verem sua felicidade é seu maior prazer.

Pois, enquanto fui demitida pelo governo local do qual meu pai era aliado, entidades dos movimentos sociais me acolheram e me deram a oportunidade de crescimento, e eu estava feliz e completamente apaixonada pela liberdade de poder soltar a voz marchar pelas ruas sem nenhuma repressão da família. Meu pai e minha mãe até se tornaram simpatizantes ao PT, partido político ao qual eu era filiada e ativista. E, até hoje, conversamos longamente sobre política e qualquer outro assunto, sem nenhum pudor ou medo de represália. Isso foi, sem dúvidas, mais uma conquista pessoal e particular que a luta nos movimentos sociais me proporcionou.

## **2.2 – Na luta me fiz mulher: O trabalho com grupos de mulheres.**

Voltar ao passado, rebuscar as memórias, reencontrar algumas das tantas mulheres que conheci e partilhei a vida, o retorno às entidades. Tudo isso representa um reencontro comigo mesma numa viagem carregada de subjetividades e ressignificações de um universo coletivo construído por cheiros, suores e mãos entrelaçadas em volta da luta por direitos negados.

Josso (2010, p. 84), ao afirmar que “[...] ir ao encontro de si visa à descoberta e à compreensão de que viagem e viajante são apenas um”, nos leva a compreender essa mistura de sentimentos e sensações, em que dor e alegria já nem podem ser diferenciados quando tantos “eus” se misturam em complexas subjetividades de sujeitos tão diversos, mas também tão homogêneos quando se dão as mãos e unificam os gritos em coros que ecoam e sonorizam os sonhos silenciados.

E nessa mistura humana vou refazendo o percurso de um trabalho realizado com mulheres de diversas comunidades de Mossoró e outras cidades do médio oeste do RN, recompondo bagagens, renovando o espírito da rebeldia e socializando histórias de vidas que se conheceram na luta e se mostraram com identidades semelhantes nas marchas por um ideal de vida humana para todas as pessoas.

Um percurso em que fui, também, encontrando mulheres professoras e que contribuíram significativamente para as reflexões que eu passei a fazer sobre as possibilidades que esse trabalho me dava quanto à minha formação pessoal e profissional, na medida em que compreendo a prática docente pelo viés da intervenção na vida dos sujeitos.

Comecei uma relação de amor às causas sociais com as mulheres a partir do meu engajamento no movimento de mulheres no ano de 1997, quando cheguei para morar em Mossoró. Por um curto período era apenas mais uma ativista do movimento e, através desse ativismo assíduo, iniciei o trabalho de forma sistemática com as mulheres de comunidades urbanas e rurais do município e de outros da zona oeste do estado, através de atividades de formação política e organização comunitária, enquanto funcionária contratada pelo Centro da Mulher 8 de Março, atualmente Centro Feminista 8 de Março. Militava e recebia remuneração pelo trabalho que exercia. Ou seja, estava no movimento pela paixão e tinha o salário mensal pelas atividades que realizava com as mulheres. Permaneci nesta função, alternando para um trabalho temporário na administração e coordenação da entidade até o ano de 2002.

O Centro da mulher 8 de Março, Organização Não-Governamental fundada em 11 de março de 1993, durante a I Semana da Mulher em Mossoró, a partir de ações voltadas à reivindicação da instalação da Delegacia Especializada em Defesa da Mulher (DEAM), em Mossoró/RN, no intuito de combate à violência contra as mulheres, haja vista o alto índice desse tipo de crime no município. Sua criação se deu através de várias discussões teóricas e de ações práticas, como as caminhadas, as palestras, as audiências com o poder público, entre outras atividades, de um grupo articulado de mulheres, sendo elas estudantes, educadoras, profissionais de saúde, militantes de partidos políticos e do movimento sindical. Embora a bandeira original do Centro da Mulher 8 de Março tenha sido o combate à violência contra as mulheres, a entidade surgiu de um desejo de se construir um espaço de defesa dos direitos das mulheres na cidade em todos os aspectos sociais e humanos.

Em 18 de setembro de 2003 o Centro da Mulher 8 de Março passa a ser Centro Feminista 8 de Março, em virtude da existência de uma outra entidade feminista no estado da Paraíba com o mesmo nome, e isso gerava algumas confusões de identificação para a efetuação dos contratos financeiros e até mesmo para a identidade do movimento em níveis estadual e nacional.

O CF8, sigla como é identificada, tornou-se referência no município como entidade de formação em gênero numa perspectiva de construção do movimento de mulheres em níveis local e estadual, e hoje é reconhecido nacionalmente por muitas das conquistas alcançadas pelo movimento e pelas mudanças que, conseqüentemente, vem contribuindo para a melhoria de vida de milhares de mulheres.

Durante o período em que estive na equipe do CF8, acompanhei inicialmente grupos de mulheres de comunidades rurais, a partir de um convênio com a AACC – Associação de Apoio às Comunidades do Campo, também uma ONG que prestava assistência técnica rural no tocante ao fortalecimento da agricultura familiar. Acompanhávamos, especialmente, as mulheres de áreas de assentamentos que estavam em processo organizativo. Em Mossoró, acompanhei a formação de grupos de mulheres dos assentamentos Independência, Cabelo de Negro, Mulunguzinho, Lorena e Jucuri. Em Apodi, Sítio do Góes e São Manoel. Baraúnas, os assentamentos foram Poço Novo e Rancho do Pereiro. No município de Upanema, os grupos de mulheres eram concentrados nos assentamentos Palheiros I e II.

Além desses assentamentos, realizávamos atividades de assessoria para outras entidades com cursos, oficinas e elaboração de projetos sobre formação em gênero e organização, tanto com o pessoal de suas equipes quanto para as mulheres de comunidades em que estas entidades prestavam acompanhamento técnico, pois como mencionado, o CF8 era a única entidade feminista com trabalho de formação em gênero no município.

Tínhamos encontros semanais em cada assentamento, em que discutíamos sobre a vida das mulheres e a construção histórica das relações de gênero e suas desigualdades sociais, saúde da mulher, sexualidade, violência contra a mulher e formação política. Essas atividades tinham como objetivo estimular a participação das mulheres na organização de suas comunidades, a partir do conhecimento e compreensão de seus direitos enquanto sujeitos sociais, como também levá-las à reflexão acerca de suas condições de vida como processo construído e não naturalizado como fora repassado por muitas gerações.

Essa complexidade das relações desiguais camufladas em argumentos alienantes de que a mulher por ser do sexo feminino já nascera inferior ao sexo oposto, visto que a sua fragilidade física a colocava nessa condição, foi sendo naturalmente absorvida pelas mulheres e reforçada por práticas cotidianas da vida doméstica e que condicionavam as próprias mulheres a essa compreensão e as levavam a reproduzi-las sem questionar ou procurar entender o porquê de estabelecer tal situação.

Foi a partir dessas reflexões que começamos a sensibilizar as mulheres na direção de um olhar voltado para essas questões, no sentido da não aceitação de uma condição imposta e, assim, buscarmos alternativas de superação e desconstrução de um contexto perverso e injusto.

Referendamo-nos em Nobre (2005), quando a mesma afirma sobre a necessidade do entendimento da situação para a busca pela superação. A autora destaca que “olhar para a complexidade das relações de gênero é querer, mais do que ver suas formas aparentes, entender sua

dinâmica, a forma como produzem e reproduzem desigualdades para poder superá-las.” (NOBRE, 2005, p. 44).

Naturalmente as diferenças entre homens e mulheres são perceptíveis e estruturadas nas questões biológicas, e isso é incontestável. No entanto, o que não justifica que essas diferenças sejam usadas para responder a uma relação de desigualdade entre o gênero masculino e feminino, em que se estabelece o poder do macho sobre a fêmea, usando das condições genéticas para isso. Ou seja, o que é biologicamente diferente não pode, jamais, ser visto ou aceitado naturalmente como diferença social, transformando, assim, em desigualdade sexista e atribuindo às mulheres uma condição de inferioridade e subordinação.

Compreender que as relações de desigualdade estabelecidas entre homens e mulheres foram, por séculos, construídas culturalmente e reforçadas pelos espaços representativos da sociedade, como a família, a escola e a igreja, por exemplo, significava nossa principal intenção com o processo formativo para as mulheres. Perceber, ainda, que alcançar nossos direitos sociais e humanos perpassa pela desconstrução dessa relação e reconstrução de novas relações de igualdade, respeito e solidariedade, constituía-se um grande desafio nesse trabalho.

Ao levantarmos questões como essas sobre as relações construídas no interior da sociedade, nos reportamos às discussões em Faria, quando a autora aponta que:

Se é uma relação construída, pode ser modificada. E se é uma relação de poder, trabalhar significa ter conflito, mas não necessariamente confronto. Um último aspecto que justifica uma intervenção é a compreensão de que esta relação é injusta e significa uma inserção das mulheres sem direito pleno à cidadania. (FARIA, 2005, p. 33)

No decorrer desse trabalho com as mulheres agricultoras, também foram realizados encontros anuais das trabalhadoras rurais, no intuito de se criar espaço de discussões coletivas sobre as questões específicas do meio rural, a estiagem, os programas de crédito destinados para a agricultura familiar, o movimento sindical, as políticas públicas para o campo, sobretudo sobre a participação das mesmas nos espaços representativos, como as associações de suas comunidades, os sindicatos dos trabalhadores rurais, entre outros. Esses encontros eram muito ricos, haja vista a participação de um número bastante expressivo de mulheres trabalhadoras rurais de todo o estado.

Eram encontros com duração de três dias e todas ficavam alojadas no mesmo espaço, garantindo o estreitar das relações e o fortalecimento da luta camponesa. Realizávamos palestras, oficinas, atividades lúdicas e, ainda como desdobramento, formávamos delegações

entre as participantes para a ida de um colegiado estadual à Marcha das Margaridas<sup>7</sup>, evento nacional que acontece em Brasília com representantes do Ministério da Agricultura e Secretaria de Mulheres, cujo objetivo é a efetivação de políticas públicas voltadas para a agricultura familiar, incluindo as questões de gênero e a garantia de programas voltados especificamente para a mulher agricultora. De um desses eventos, surgiu a campanha “*nenhuma trabalhadora rural sem documento*”, iniciada em maio de 2002 depois de um levantamento da situação documental das trabalhadoras rurais do nordeste, realizado em julho de 2001, em que foi constatado que do total de 3.071 mulheres entrevistadas - residentes em 25 municípios -, aproximadamente 1.500 delas não possuíam documentos pessoais e profissionais.

Os encontros das trabalhadoras rurais culminavam com uma caminhada pelas ruas, como forma dar visibilidade às reivindicações construídas durante o evento. Era um momento chamativo e de grande poder mobilizador, pois sensibilizava as outras pessoas e servia de pressão para o poder público e a sociedade em geral, no sentido de levar ao conhecimento público a situação de vida das famílias nas comunidades rurais e, assim, fortalecer a pressão pela efetivação da melhoria de vida para as famílias que vivem no campo.

A imagem a seguir retrata uma das caminhadas pelas ruas de Mossoró durante o encerramento do encontro de mulheres trabalhadoras rurais, realizado no ano de 1999 em Mossoró, que contou com a participação de mais de cem mulheres de diversas comunidades rurais do município e de outras cidades vizinhas. Era emocionante ver as caravanas chegando de Upanema, Apodi, Governador Dix-Sept Rosado, Janduís, Baraúnas, e a gente prazerosamente fazendo a acolhida para aquelas mulheres guerreiras que chegavam para o reforço necessário para a nossa luta.

Era uma verdadeira celebração com cheiros e aromas diversos, uma heterogeneidade de identidades prontas para seguirem firmes e fortes marchando, sem medir ou se preocupar com o caminho a ser percorrido. Quantas Marias cheias de raça e de fé na vida!

Carregavam consigo as vozes destemidas, as expressões de esperança e fé na luta, os cartazes e bandeiras com seus recados emblemáticos, clamando por justiça, igualdade e cidadania para as mulheres do campo.

---

<sup>7</sup> A Marcha das Margaridas é uma ação estratégica das mulheres do campo e da floresta que integra a agenda permanente do Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (MSTTR) e de movimentos feministas e de mulheres. É um grande momento de animação, capacitação e mobilização das mulheres trabalhadoras rurais em todos os estados brasileiros, coordenada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG), pelas 27 Federações de Trabalhadores na Agricultura (FETAGs) e pelos mais de 4 mil Sindicatos dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTRs), e por várias organizações de mulheres parceiras.



Foto 28: Caminhada pelas ruas de Mossoró, marcando o encerramento do Encontro de Mulheres Trabalhadoras Rurais – 1999.

Fonte: Acervo Centro Feminista 8 de Março

Muitos resultados foram alcançados no decorrer desse trabalho com as mulheres rurais, entre eles o ingresso das mulheres nas associações de suas comunidades, tendo, inclusive, algumas delas sido eleitas para diretoras de suas respectivas associações. Grande número de mulheres fizeram seus documentos pessoais e profissionais, e outras conseguiram acessar linhas de créditos nos bancos em seu próprio nome, coisa que antes elas faziam somente através de seus companheiros.

A organização das mulheres trabalhadoras rurais ultrapassava as cercas que as prendiam e elas não mais se intimidavam em falar em público, negociar suas dívidas com os bancos, votar e ser votada nas eleições de suas associações, organizar eventos em suas comunidades.

Em todas as marchas e mobilizações populares elas estavam lá, as peles queimadas da labuta na agricultura, as mãos e os pés endurecidos e marcados pela enxada e pelo barro batido, os rostos ainda que com os semblantes de tantos direitos negados, expressavam a esperança renovada e a alegria por estarem caminhando juntas a tantas outras mulheres com cotidianos tão parecidos: enfrentando no dia a dia as diversas situações de discriminação, mas buscando superá-las com a certeza cada vez maior de que somos iguais aos homens em direitos e oportunidades.

As imagens servem para demonstrar expressivamente o engajamento das mulheres trabalhadoras rurais nas mobilizações populares, fortalecendo as lutas sociais e evocando todas as mulheres num coro coletivo e emocionado, quando diziam “*Olê mariê, olê mariá. Mulher sai dessa cozinha, vem ocupar teu lugar*”. Porque, lugar de mulher é em todo lugar!

Assim, juntando-se a outros segmentos dos movimentos sociais, os sindicatos, o movimento estudantil, os profissionais da saúde e da educação, dando as mãos aos milhares de

companheiros e companheiras, formavam um enorme exército popular que iria ao combate a toda e qualquer forma de opressão e exclusão social.

O grito dos excluídos, as campanhas pela saúde pública e a marcha mundial das mulheres são alguns dos exemplos de mobilização e articulação dos movimentos sociais em que contava fielmente e fervorosamente com a participação ativa das mulheres trabalhadoras rurais.

Atividades coletivas memorizadas nas lembranças de cada uma e em algumas fotografias que seguem, registradas por lentes e olhares de pessoas que constroem e reforçam a nossa luta.



Foto 29: Participação das mulheres trabalhadoras rurais durante o Grito dos Excluídos – set. de 1999.  
Fonte: Acervo Centro Feminista 8 de Março



Foto 30: Participação das mulheres trabalhadoras rurais durante a marcha mundial das mulheres – Natal/RN, Out./2000.  
Fonte: Acervo Centro Feminista 8 de Março

De forma semelhante, as atividades com as mulheres na zona urbana de Mossoró foram acontecendo com o propósito de fortalecer o movimento de mulheres no município, tendo sido iniciado no bairro Santo Antonio, conhecido por seu alto índice de violência contra as mulheres, já que essa foi a mola mestra da criação do CF8.

As atividades foram de estendendo e outros bairros também começaram seu processo de organização e formação de grupos, sendo eles Nova Vida, Belo Horizonte, Estrada da Raiz e Costa e Silva. Assim como nas comunidades rurais, o primeiro contato se dava com uma mulher que fazia parte de algum espaço organizativo ou assistencial, como por exemplo, Pastoral da Criança, grupo religioso ou outro trabalho comunitário, e essa mulher, sendo constituída liderança em sua comunidade pelo seu potencial mobilizador usava de sua habilidade popular para articular outras mulheres a participarem dos eventos que eram promovidos.

O 8 de março, dia internacional da mulher, data marcada tanto pelo significado do dia, como pela realização anual do encontro de mulheres de Mossoró e região oeste do RN. Sempre dinamizado pelas discussões reflexivas e deliberativas, também traziam em suas edições as marcas da ousadia, da irreverência, da garra, do amor à luta, da solidariedade e da determinação de seguir sempre em marcha pelo reconhecimento das mulheres como sujeitos ativos e comprometidos com a justiça social. Assim, também, como acontecia durante a Marcha Mundial das Mulheres – MMM, movimento feminista que acontece em todo o mundo, através de atividades de mobilização das mulheres e de todos os segmentos dos movimentos sociais contra a pobreza e a violência sexista. Aqui, no ano de 2000, durante o encerramento da MMM em Mossoró.



Foto 31: Marcha Mundial das Mulheres – Mossoró/RN, Out./2000.  
Fonte: Acervo Centro Feminista 8 de Março



Foto 32: Marcha Mundial das Mulheres – Mossoró/RN, Out./2000.  
Fonte: Acervo Centro Feminista 8 de Março

E, assim, acompanhei por seis anos estas comunidades, vislumbrada por estar ativamente dentro das ações dos movimentos sociais e, sobretudo, poder dar a minha contribuição para a reconstrução da dignidade e conquista do direito ao exercício pleno da cidadania de milhares de mulheres.

No ano de 2003, através de uma parceria entre o CF8 e o Grupo Mulheres em Ação, grupo de mulheres do bairro Nova Vida que, como resultado do processo de organização das mulheres, constituiu-se entidade jurídica, vindo a firmar um convênio com a Visão Mundial para gerenciar um programa de assistência às famílias em situação de risco social, na modalidade de apadrinhamento de crianças, fui convidada a coordenar o referido programa.

O Programa de Desenvolvimento de Área – PDA Margarida Alves, era composto por uma diretoria – as mulheres do grupo eram os membros, uma coordenação administrada por mim, uma equipe de quinze profissionais, entre eles artistas de várias modalidades, que desenvolviam com as crianças e adolescentes atividades de arte-educação.

Como a entidade era gerenciada por um grupo de mulheres que originalmente veio do movimento feminista, não podia deixar de continuar o processo de formação de novos grupos e das discussões nas comunidades em que as crianças eram acompanhadas.

Entre os anos de 2003 e início de 2007, estive à frente da coordenação e realizando atividades tanto com o grupo Mulheres em Ação, no sentido de fortalecer cada vez mais a sua atuação no bairro, como também com as mulheres de diversas comunidades que faziam a composição do bairro Nova Vida e de algumas comunidades rurais em que tínhamos famílias assistidas pelo programa.

Eram encontros semanais, com discussões calorosas e descontraídas, reflexões e novas percepções do que ia sendo visto, vivido e observado. Ao mesmo tempo em que eram espaços de formação, procurávamos promover, também, um ambiente de lazer e bem estar, posto que a maioria eram mulheres com uma rotina comum, destinada ao gênero feminino, com toda a responsabilidade do lar, dos filhos e do esposo. A rotina repetitiva e a fadiga dos afazeres domésticos não lhes permitiam o prazer de relaxar tranquilamente e viver momentos que lhes possibilitassem a liberdade de ir ao encontro das amigas, jogar conversa fora, bater um papo.

Portanto, quando nos reuníamos, poderíamos falar das nossas intimidades sem pudores, sem repressões e com uma alegria enorme pela cumplicidade, companheirismo e solidariedade que se exerciam naqueles momentos.

Outras vezes, havia os desabafos daquelas que sofriam violência doméstica e, sem qualquer condição emocional e psicológica, não conseguiam expor para família ou para sociedade, e encontravam nos encontros o apoio e a confiança das outras companheiras. Esses laços que iam sendo construídos serviam para elevar a autoestima e autoconfiança das mulheres e, por sua própria vontade e determinação, chegamos a acompanhar algumas vítimas para a denúncia na delegacia de defesa da mulher.

Confesso que me vi várias vezes angustiada por sentir certa limitação com alguns casos de violência contra as mulheres, ao perceber uma mulher visivelmente violentada, ameaçada de morte constantemente pelo agressor, e sem nenhuma força interior para reagir. E aí, eu questionava a vida, as leis, o poder, o direito e, sinceramente, até à Deus. Por que, nós mulheres, somos obrigadas a nos submeter a situações tão desumanas e cruéis praticadas por aqueles a quem amamos, cuidamos e respeitamos?!

Essas reflexões eram levadas às reuniões e ali procurávamos compreender toda a dimensão das questões de gênero, produzidas e reproduzidas pela sociedade. De certa forma, as correntes que nos aprisionavam e nos abriam as feridas na alma, também nos aliavam num sentimento de solidariedade, nos tornando cada vez mais fortes e determinadas a enfrentar e toda e qualquer opressão. Mudar a realidade das mulheres era o nosso principal objetivo.

Para isso, era preciso mobilizar todas as mulheres e levar à sociedade nosso protesto e indignação. Com isso, tínhamos, ainda, todos os sábados a transmissão do programa *espaço lilás*, um programa de rádio dirigido e apresentado por mulheres do grupo. O intuito do programa era levar informações acerca da vida das mulheres, como também divulgar as ações que o grupo realizava. O programa existe até hoje numa rádio comunitária do bairro Nova Vida.

Quase oito anos se passaram, nesse período realizei outros trabalhos, percorri outras estradas, outras relações pessoais e profissionais, mas a caminhada com as mulheres continua

sendo minha viagem preferida. E nessa viagem, resolvi retornar não só na memória, mas para o calor do abraço, o cheiro da luta que carregam em suas essências, o reencontro vivo e presente com algumas mulheres com quem trilhei de mãos dadas pelas veredas do movimento feminista.

Porque, conforme Halbwachs (1990), eu não conseguiria reconstituir sozinha toda a história do grupo Mulheres em Ação sem os detalhes preciosos que, eu e outras mulheres, carregamos em nossas memórias. É como um quebra-cabeça que precisa das peças acertadas para o encaixe. Afinal, cada uma traz consigo sentimentos e compreensões individuais, porém constituídas dos momentos vividos coletivamente.

Para ele:

Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros [...]. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída. (HALBWACHS, 1990, p. 22)

Nosso reencontro foi marcado pela saudade das boas lembranças da construção do grupo. Lembranças contadas com o mesmo brilho nos olhos, a mesma alegria, mas ressignificadas pelas experiências e percepções pessoais que cada uma foi construindo sua identidade.

Mesmo não sendo os principais sujeitos da pesquisa, procurar as ressignificações de uma época em que estivemos de mãos dadas na construção e fortalecimento do movimento de mulheres é, sem dúvida, muito importante para reforçar a minha condição de compreender cada vez mais e de forma mais acertada o verdadeiro significado da minha participação nos movimentos sociais, e ser a mais fiel e coerente com os aprofundamentos levantados neste estudo. Esse é o principal motivo desse reencontro.

É compreensível, ainda, que não tenhamos conseguido articular um grande grupo de mulheres para esse momento. Pois, o tempo foi apontando outros caminhos para a vida de muitas, os contatos foram diminuindo e suas histórias passaram a conter novos capítulos. Porém, procuramos juntar uma parte daquelas que iniciaram a formação do grupo e que teriam condição de trazer a memória de toda a história do grupo.

A escolha pelas mulheres do bairro Nova Vida se justifica pela vivência de forma mais presente e orgânica entre mim e elas, dado o período em que acompanhei intimamente o grupo enquanto coordenadora de um programa que estava sendo gerenciado por ele.

Fizemos um exercício de recontar a história do grupo, desde o começo, as primeiras reuniões, a vida pessoal de cada uma antes de entrar para o grupo, as contribuições que o movimento de mulheres trouxe para elas. Que delícia de partilha! Quanta purgação! Não era um encontro entre pesquisadora e entrevistadas. Mas, um reencontro de amigas e companheiras. Aparecida Silva, Dolores Gregório, Luzia Costa e Telma Marinho<sup>8</sup>: as Marias da luta.

Enquanto uma ia narrando de si, trazendo sua (auto) biografia, as histórias individuais passavam a ser coletiva ao passo que a outra trazia um detalhe, um fato interessante que deixava a narrativa mais completa. Porque, conforme Halbwachs (1990, p. 17), “[...] encontro em mim muito das ideias e modos de pensar a que não teria chegado sozinho, e através dos quais permaneço em contato com eles”. Nesse sentido, essa partilha não teria sido tão rica e emocionante se não fosse plural.

Em depoimentos cheios de saudosismo e alegria, elas destacaram a importância da participação no movimento de mulheres e de como tinham mudado o jeito de ser e de compreender a vida e o dinamismo de se estar viva. Mais, ainda, reconhecem que adquiriram outro jeito de se comportarem diante das adversidades e não mais aceitarem passivamente as injustiças e a falta de respeito com seus direitos.

Quando falamos sobre o que significou ter participado do movimento de mulheres e as aprendizagens extraídas e absorvidas, as narrativas se constituíam num misto de felicidade e gratidão com a tristeza por não terem continuado (motivos pessoais que guardo em desabafos...).

[...] acho que o grupo, ele foi muito bom pra mim porque ele me formou, porque assim, eu estava uma pessoa muito vazia na vida, como eu falei, não tava estudando. E a gente quando ta em casa, só dona de casa, a gente começa a entrar num mundo pequenininho, e o grupo começou a abrir novas portas, eu perceber que podia fazer algo a mais, comecei a perceber que eu podia colaborar com algo mais a não ser só mãe, só dona de casa, só ficar em casa... Então, o grupo começou a despertar isso em mim. [...] as discussões que a gente teve lá, eu ainda trago pra minha vida hoje, porque hoje, a gente já tem uma visão diferente das coisas, a gente pode não conseguir mudar aquilo que a gente ta vendo que não é legal, mas a gente já consegue fazer uma avaliação daquilo que a gente ta vendo, que isso pra mim, pessoalmente, isso é um ganho. Então, o grupo, ele assim, ele foi e ele é muito importante pra mim, continua sendo, mesmo ainda não participando mais diretamente, mas ele faz a diferença na minha vida sim. (Entrevista realizada com Luzia Costa, Mossoró/RN, 15/01/2015)

---

<sup>8</sup> As mulheres autorizaram a publicação de seus nomes verdadeiros, bem como a exposição de suas fotografias aqui registradas.

Tenho pra mim que foi uma diferença também, porque eu tava em casa, com crianças, três filhos, né?! Pra mim, era muito difícil voltar também ao mercado de trabalho, porque fazia muito tempo que eu tinha parado, não trabalhava mais. Então, eu comecei assim, querendo no princípio, o emprego. Aí depois, quando eu entrei no grupo, eu vi que a coisa acontecia diferente, né?! Podia conhecer mais pessoas, que há muito tempo eu não socializava com as pessoas, e ali dentro, eu tava arrodada de muitas mulheres, e isso pra mim foi muito bom, porque consegui mudar a minha vida, o meu pensamento, meu olhar, assim, sobre a sociedade já era outro, né?! Então, pra mim, foi uma mudança muito boa [...] fui aprendendo à cada dia, né?! Só pensando se tinha mudado a vida delas, ia mudar também a minha. Então, nesse tempo todinho de grupo, acho que de 2004 pra cá, muito tempo, né?! Faz 10 anos... E pra mim, foi muito bom ter participado. (Entrevista realizada com Aparecida Silva, Mossoró/RN, 15/01/2015)

Eu sou Telma, entrei no grupo de mulheres em 2002. Hoje eu sou outra Telma, uma nova mulher. O grupo veio pra me resgatar, e como eu sempre disse, quando eu entrei no grupo, eu não me sentia gente. Hoje eu me sinto gente, e uma mulher decidida, que ainda tô enfrentando várias barreiras, mas posso lutar do meu jeito. Porque foi no grupo que eu me fortaleci, tenho o grupo, assim, como uma reciclagem, que veio me dar uma nova chance, uma nova mulher. [...] o grupo de mulheres foi importante pra mim e é, sinto muitas saudades, foi através de muitas mulheres que eu vi que a vida pra mim começou a ter sentido. [...] hoje eu luto pelos meus direitos. Sei que tenho ainda muita coisa pra aprender. (Entrevista realizada com Telma Marinho, Mossoró/RN, 15/01/2015)

[...] em 2003 comecei a participar do grupo. [...] foi uma experiência muito boa a questão do grupo, porque assim, a questão até das mulheres não saber, assim, nem conhecer nem seu corpo né. [...] a gente vai despertando a questão de se conhecer melhor, até o corpo da gente. [...] a questão da sabedoria também dos seus direitos né. [...] a questão do grupo foi uma coisa que eu nunca esqueci na minha vida. [...] eu penso ainda em participar de grupo, porque é uma coisa que você se sente bem e você aprende. (Entrevista realizada com Dolores Gregório, Mossoró/RN, 15/01/2015)

Fomos reescrevendo a história do grupo, enfatizando os momentos de crescimento e conquistas e, também, lembrando as dificuldades e os conflitos enfrentados e superados, ainda que temporariamente. Várias situações desafiadoras e que serviram para fortalecer o grupo e conquistar o respaldo e a confiança das pessoas do bairro.

Entre esses acontecimentos, destacamos *as lanternas lilás*<sup>9</sup>, movimento de protesto e combate à violência contra a mulher, e outra atividade que foi uma das primeiras mobilizações, quando fomos a uma unidade de saúde no bairro Nova Vida protestar e exigir um melhor atendimento para as famílias, pois era feito de forma totalmente desrespeitosa e desumana

---

<sup>9</sup> Recebeu esse nome por, simbolicamente, representar que a violência contra a mulher está sendo visibilizada e a cor lilás por ser a cor do feminismo.

porque as pessoas eram mal atendidas mesmo após pernoitarem para conseguir uma ficha para serem atendidas.

Diversas mulheres do grupo e outras pessoas do bairro, com faixas, cartazes e carro de som, se posicionaram na frente da unidade de saúde e protestavam contra o mau atendimento aos usuários do serviço. Com a mobilização e a pressão popular, o atendimento foi modificado e as famílias agradecidas pela conquista. Com isso, o grupo começou a se tornar referência no bairro.

Outra atividade bastante enfatizada, inclusive já mencionada no capítulo anterior, no tópico 1.2, foi a conquista de casas populares para famílias desabrigadas pela chuva e, depois de sofrerem repressão do poder público até com a força física da polícia, as casas foram entregues. As vivências foram retomadas das memórias e serviram como reforço para percebermos o quanto foi importante a caminhada junto às outras mulheres. O depoimento a seguir exemplifica e confirma essas conquistas que vieram a partir da organização das mulheres no bairro.

Uma luta também muito importante para as mulheres foi a campanha da saúde, aquela campanha saúde para todos e todas. [...] que deu também uma visibilidade grande no grupo [...] na unidade de saúde do nosso bairro, que a gente sentiu a diferença no atendimento, na preocupação de atender bem a gente [...] aquela campanha tava trazendo resultado, não só pra gente, não só pras mulheres do grupo [...] mas tava trazendo resultado pra comunidade [...] chamou a atenção do posto de saúde, do pessoal da saúde pra atender as pessoas com a preocupação de que o povo, as mulheres estavam vigilantes à saúde [...] a gente nunca tinha visto mulheres na rua lutando pela saúde. Ali no Nova Vida nunca tinha visto. (Entrevista realizada com Luzia Costa, Mossoró/RN, 15/01/2015)

Inevitavelmente o nosso imaginário era ativado e, com ele, trazendo os rostos, os cheiros, os gritos, as emoções, as alegrias e os malabares que precisamos fazer para seguirmos na corda bamba da vida. Histórias de vidas que trouxeram o imaginário no sentido das lembranças e das memórias, mas com toda a racionalidade do que foi construído concretamente. Porque, para Josso (2010), as narrativas nos dão, entre outras, a dimensão da afetividade que serviu de elo entre nós e nos ajudou a compreender e despertar outros sentimentos, como a solidariedade e o respeito ao ser humano.

Nesse sentido, a autora aponta:

As narrativas de histórias de vida que ouvimos, lemos, trabalhamos com os seus autores, dão-nos acesso a essas dimensões do sensível, da afetividade e

do imaginário, como tantas outras cores ou notas musicais que ganham forma na trama racional das narrativas. (JOSSO, 2010, p. 299)

O porta-retrato da nossa memória, antes vazio, agora está com belas paisagens das fotografias de um reencontro que fortalece os nossos laços de bem querer e nos pede outros retornos. Imagens que seguem e demonstram expressivamente a alegria pela oportunidade de nos vermos e trazermos as lembranças de tanta coisa vivida juntas. Essas são as imagens que agora embelezam as molduras das nossas memórias. São fotografias que registram este momento de grandes ressignificações.



Foto 33: Roda de conversa com algumas mulheres do movimento de mulheres do bairro Nova Vida – Mossoró/RN, 15/01/2015.

Fonte: Arquivo pessoal.



Foto 34: Roda de conversa com algumas mulheres do movimento de mulheres do bairro Nova Vida – Mossoró/RN, 15/01/2015.

Fonte: Arquivo pessoal.



Foto 35: Roda de conversa com algumas mulheres do movimento de mulheres do bairro Nova Vida – Mossoró/RN, 15/01/2015.  
Fonte: Arquivo pessoal.

Finalizo este tópico trazendo mais uma vez a frase célebre de Beauvoir, *não se nasce mulher, torna-se mulher*. Não tenho dúvidas de que a convivência com tantas mulheres, as trocas de experiências, a diversidade entre tantas histórias pessoais compartilhadas em vários momentos coletivos, contribuíram significativamente para que eu me defina como uma pessoa que, apesar dos muitos tropeços pelos caminhos, ainda sou aquela que acredita nas pessoas, acredita que lutar vale à pena sempre.

Estou certa de que a mulher que me tornei, capaz de enfrentar e superar as constantes situações adversas que vou encontrando durante a viagem desta vida, só consegui construir a minha identidade a partir do engajamento nos movimentos sociais e ao dar-me as mãos a outras Marias que lutaram para alcançar as mudanças que ocorreram na vida de várias mulheres. Eu poderia ser mais uma cúmplice da cultura machista que ainda continua fazendo reféns da injustiça e da desigualdade, se não fosse a vida dentro dos movimentos sociais, principalmente, a partir desse acompanhamento na organização das mulheres.

Mulheres simples, anônimas e quase esquecidas pela sociedade. Quase, porque mesmo tendo a sociedade lhes virado às costas por tanto tempo na história, vão às ruas mostrar que existem e querem fazer valer o direito de viver com dignidade. Mulheres que carregam consigo marcas e histórias de luta e resistência, que não deixarão jamais que a minha memória as esqueça. Portanto, não nasci mulher. A luta me fez mulher!

A luta me fez não somente mulher, mas ajudou a tecer os fios do olhar no/para o outro, numa compreensão de que a vida é uma constante aprendizagem e, por isso, há que se considerar o sujeito, sua história e seu universo particular. Fios que são a matéria prima também da minha formação profissional e, que, conscientemente, reconheço que a mulher educadora que carrego em mim é fruto dessa maravilhosa costura humana.

### **2.3 – Mulher, professora e militante: A luta que nos une.**

Compartilho aqui momentos com mulheres professoras e militantes. As mobilizações dentro dos movimentos sociais, as socializações da nossa formação acadêmica como pedagogas e as experiências com a prática educativa, enquanto processos de construção da nossa identidade pedagógica.

Os anos 80 foram marcados como o período de efervescência da mobilização popular e organicidade dos movimentos sociais, devido aos grandes conflitos sociais que emergiram no cenário brasileiro, como a crise econômica que afetou, principalmente, a classe menos favorecida, manifestada pelo desemprego, o arrocho salarial, o crescimento acelerado da inflação, entre outras. Período em que os profissionais da educação travam com a sociedade um debate acerca da profissionalização e qualificação docente, tendo a organização da categoria como ferramenta importante para a análise crítica da realidade da educação no Brasil e a construção de possibilidades de mudanças conjunturais. Nessa época, segundo Gohn (2012, p. 64), “A sociedade como um todo aprendeu a se organizar e a reivindicar”.

Mais tarde, a mesma autora considera que a década de 80 se mostra como a manifestação de forças sociais que se encontravam acumuladas e reprimidas até então. E assim, o período entre 80 e 90 configurou-se como marco fundamental para essa organização da sociedade. Também foi nesse momento em que me ingresso ativamente nos movimentos sociais, como também termino a graduação em pedagogia que, certamente, me deu alguns conhecimentos sobre as questões da docência. No entanto, somente a vida na militância me possibilitou adquirir um novo olhar para a educação, além da prática de saber ensinar.

Num cruzar de conhecimentos que eu carregava comigo entre os saberes da academia e as aprendizagens adquiridas nas mobilizações do sindicato de educação, eu ia construindo as reflexões e procurando encontrar respostas para minhas inquietudes, no sentido de compreender como a educação poderia contribuir para a formação de novos sujeitos que não fossem apenas habilitados para uma tarefa profissional, mas que desenvolvessem percepções e valores humanos para com o/a outro/a? E mais, por que a academia não procurava trazer as questões

que dizem respeito à vida individual e subjetiva dos futuros profissionais da educação, no sentido de fazê-los capazes de associarem os conhecimentos pedagógicos com a prática da docência voltada para uma formação verdadeiramente humana?

Embora eu estivesse participando das mobilizações do SINTE/RN na condição de solidarizar-me com o movimento e, também, acompanhando as professoras que eu convivia no trabalho com grupos de mulheres, o debate que ia sendo construído muito me interessava, pois se tratava de um tema do meu interesse profissional.

Ao ouvir as narrativas de algumas professoras sobre suas experiências em sala de aula, suas angústias pessoais com a profissão, a necessidade da formação para a o exercício de uma docência voltada para as transformações sociais e humanas, foi aumentando o desejo de querer compreender como era possível a existência desse espaço formativo que compreendesse o profissional e o humano ao mesmo tempo, sendo estes indissociáveis como vimos em Nóvoa (1992, p. 15), “é impossível separar o eu profissional do eu pessoal”. Isto é, é preciso que se considerem todas as dimensões de ser humano que o/a professor/a carrega em sua identidade como sujeito para que o/a estimule a sentir-se cada vez mais com condições de promover as transformações que a educação precisa.

E foi justamente a partir dessas inquietações que fui aguçando o desejo de perceber como os movimentos sociais podem contribuir para a formação das professoras, de maneira que elas se apropriem das experiências e reflexões vividas nas lutas e, sobretudo, como essas experiências têm se constituem enquanto formação para a prática da docência, e se isso é levado para a sala de aula, transformado em ensino-aprendizagem-ensino com seus/as alunos/as. Daí veio a ideia de transformar essa inquietação nesta pesquisa acadêmica.

Os movimentos se fortalecem mutuamente através da característica que lhes é peculiar e justifica a sua existência que é o sentimento de solidariedade. Cada movimento tem sua própria razão de ser e seus momentos particulares, mas promovem muitas vezes situações de ações coletivas e solidárias às suas lutas peculiares.

Sendo assim, enquanto militante do movimento de mulheres, estive em diversas mobilizações dos profissionais da educação, através do SINTE/RN. Porque, compreendia que a luta por uma educação pública com qualidade era uma luta de toda a sociedade que almejava o bem comum a todos e a todas.

As mulheres tinham vários interesses nessa conquista: ver seus/as filhos/as com uma boa educação e a certeza de um futuro com melhores perspectivas, haja vista serem elas as principais responsáveis pelo bem estar da família – função atribuída historicamente numa relação de desigualdade entre os gêneros – e a melhoria nas condições de trabalho e renda, uma

vez que as greves geralmente surgiam tendo esses dois sentidos, que lhes dariam melhores condições de sobrevivência. Essas eram, a meu ver, as mais fortes justificativas da participação em maior número de mulheres nas mobilizações que o SINTE promovia. E isso era perfeitamente compreensível do ponto de vista de usar as lentes para olhar o/a outro/a e suas necessidades humanas.

Essa dinâmica da partilha, da busca incansável por direitos negados, das narrativas socializadas, das purgações que fazíamos nos encontros, dos conflitos e das vitórias alcançadas. Tudo isso compreende aquilo que eu chamo de moldar a identidade, ou seja, as reflexões feitas a partir do que foi vivido traz um novo jeito de ver, sentir e agir diante de si, do outro e da sociedade. Em algumas experiências como professora, pude desenvolver uma identidade construída na vivência com outras professoras nos movimentos sociais, buscando fazer sempre o exercício de despertar no/a aluno/a uma postura crítica e reflexiva do meio em que está inserido/a.

Participar das mobilizações promovidas pelo sindicato em educação, o contato direto com as mulheres professoras, trouxeram para minha vida pessoal elementos fundamentais para a construção da minha identidade como sujeito e como profissional. O espírito da coletividade, da solidariedade e a capacidade de indignar-se com as injustiças, compõem o conjunto desses elementos que me levam à condição de mulher, educadora e humana.

E essa identidade foi sendo construída na medida em que os saberes da experiência pedagógica se articulavam com os saberes adquiridos nas lutas coletivas, e se constituíam naquilo que consideramos uma formação direcionada para a condição humana. Nesse sentido, é pertinente observar em Nóvoa, quando o mesmo aponta que:

A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz professor (NÓVOA, 1992, p. 16).

Recordo as lutas travadas com o poder público, os acampamentos dos/as professores/as em frente da prefeitura de Mossoró para que a administração municipal atendesse as reivindicações dos/as profissionais da educação em nível de município, e as repressões que eram cometidas contra a categoria naquele momento. O medo e a coragem eram sentimentos que se uniam em torno da nossa resistência e vontade de seguir a luta. Recuar era a reação esperada pelos policiais que usavam da força bruta para intimidar os/as participantes. Porém, estávamos convictos/as de que o caminho para a conquista do que deveria ser, de fato, direito

dos/as profissionais da educação enquanto exercício da cidadania, era a organização da sociedade e a pressão popular.

Apontando nessa direção, nos referendamos em Freire (2013, p. 127), quando o mesmo nos ensina que “a educação é um ato de amor e, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”. Compreendíamos, também, que era preciso estabelecer um diálogo permanente com o poder público, no sentido de se criar mecanismos que garantissem a efetivação das políticas públicas voltadas para a educação. A dificuldade desse diálogo levava ao planejamento e deliberação do movimento grevista, pois este, até hoje, representa a principal arma de pressão da categoria.

O mesmo autor vem e nos renova a esperança numa educação como prática de liberdade e justiça, confirmando sobre “[...] a necessidade de uma educação corajosa, que enfrentasse a discussão com o homem comum, de seu direito àquela participação.” (FREIRE, 2013, p. 122). A fé na possibilidade da concretização dessa educação e de ver os sujeitos livres e conscientes de seu papel na sociedade, nos motivava e nos dava cada vez mais a certeza de que somente a sociedade civil organizada pode intervir nas políticas públicas e fazer valer o direito à cidadania, negado secularmente para os/as trabalhadores/as da educação.

Nas mobilizações vivenciei com as mulheres professoras, momentos de dúvidas, angústias e incertezas durante as situações de conflitos, confrontos e negociações com o poder público, alegrias, certezas e conquistas quando alcançamos as vitórias, tendo a luta como elo que nos unia e fortalecia a nossa caminhada por uma educação humana e uma vida justa para homens e mulheres. A mulher professora que sou hoje, questionadora e capaz de inquietar-me com as situações adversas, sem acomodar-me diante delas e sempre com as mãos estendidas para o/a outro/a é, sem dúvida, fruto dessa relação que foi sendo estabelecida entre mim, as professoras e os movimentos sociais.

Pra mudar a sociedade  
Do jeito que a gente quer  
Participando sem medo  
De ser mulher.

Por que a luta não é só dos companheiros  
Participando sem medo ser mulher.  
Pisando firme sem pedir nenhum segredo  
Participando sem medo ser mulher.  
Pois sem mulher a luta vai pela metade  
Participando sem medo ser mulher.  
Fortalecendo os movimentos populares  
Participando sem medo ser mulher.  
Na aliança operaria e camponesa  
Participando sem medo ser mulher.  
Pois a vitória vai ser nossa com certeza  
Participando sem medo ser mulher.

**Sem medo de ser mulher – Zé Pinto**

### CAPÍTULO 3: VOZES QUE ECOAM: AS MULHERES E A FORMAÇÃO HUMANA

*Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam.*  
(Paulo Freire)

Este capítulo traz as vozes da pesquisa, manifestadas nas narrativas das mulheres e suas histórias de vida individuais e coletivas, as aprendizagens adquiridas na militância e utilizadas em suas experiências como professoras. As contribuições dadas pelo SINTE para a sua formação docente, e como essas contribuições têm refletido em seu modo de ver, viver e se perceber enquanto sujeito social.

Destacamos como objetivo, analisar, a partir das vozes das professoras militantes, a relação do sindicato com a formação docente e como este se constitui espaço formativo. Através de suas narrativas, procuramos compreender como a vivência nos movimentos sociais, em particular o contato com o SINTE, tem proporcionado uma formação direcionada para a aquisição de posturas verdadeiramente humanas, levando em conta o sujeito profissional e toda sua dimensão pessoal e subjetiva, enquanto identidades indissociáveis e complementares para o ser na sua totalidade.

Identidades construídas a partir de sua inserção nas lutas sociais e nas possibilidades de novas alternativas para a realidade da educação no país. Possibilidades que se levantam de acordo com o jeito de ver, refletir e relacionar-se nela. Freire (1979) aponta que somente através do conhecimento da realidade é que se pode intervir e alcançar as mudanças necessárias para sua transformação.

Para ele, “quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias.” (FREIRE, 1979, p. 30).

Considerar as mulheres, sendo elas – ou parte delas – mães, donas de casa e profissionais, como um grande exemplo da complexidade humana, é olhar para as professoras e vê-las nos diversos modos de ser e de viver. Elas trazem em suas histórias pessoais situações

vividas em seu mundo individual e outras partilhadas com tantos outros sujeitos semelhantes e tão diferentes e, nesse universo ímpar e plural ao mesmo tempo, vão constituindo suas identidades e suas ressignificações em olhares múltiplos e cheios de significados.

Trazem as marcas da resistência a uma sociedade historicamente machista e excludente, as imposições de relações desiguais construídas entre os gêneros masculino e feminino, em que a sua pertença ao sexo feminino a coloca numa condição de subordinação e violência. Carregam, também, as lutas, as conquistas e as alegrias de terem seguido em frente quando tantas adversidades a empurravam para trás. Traços como esses virão nas mulheres que protagonizam as narrativas desta pesquisa e dão voz, vida e cheiro às histórias contadas e revividas.

Por outro lado, por mais conflitante que a relação das mulheres com essa sociedade tenha sido, essa mesma relação nos impulsionou a organizar a luta e criar os caminhos que direcionem para outro mundo que compreenda e respeite todos e todas de maneira igual, mesmo sendo diferentes, no sentido das condições de se constituírem sujeitos capazes de intervir e decidir sobre suas próprias vidas. Porque, é a partir da adversidade que nos incomoda e nos agride que nos solidarizamos e nos enxergamos capazes de provocar reações e transformações na sociedade e nas relações construídas e reforçadas culturalmente.

Comprendemos, ainda que aquilo que foi construído pode ser desconstruído para que se nasça um novo, assim como num processo de reciclagem. Reciclar a vida e as relações que nos fizeram inferiores mesmo sendo tão competentes na arte de fazer ressurgir a esperança e a fé na vida.

De acordo com Freire, é na relação que se estabelece entre o sujeito e o mundo que a sociedade deixa de ser imóvel e passa a se perceber flexível e dinâmica. A partir da capacidade humana de criar e recriar o mundo, através das relações que vai construindo com o mundo e as outras pessoas.

Segundo o autor:

[...] o homem vai dinamizando o seu mundo a partir destas relações com ele e nele; vai criando, recriando; decidindo. Acrescenta algo ao mundo do qual ele mesmo é criador. [...] E é o jogo criador destas relações do homem com o mundo o que não permite, a não ser em termos relativos, a imobilidade das sociedades nem das culturas. (FREIRE, 1979, p. 64)

Esse dinamismo construtivo entre o meu eu, as mulheres professoras e militantes, suas histórias de vida apresentadas em narrativas das experiências e aprendizagens extraídas do cotidiano nas lutas sociais e na docência, compõem este capítulo que vem estruturado em quatro

tópicos. Iniciamos pelas reflexões acerca da definição dos papéis sociais atribuídos às mulheres, trazendo os estudos sobre o cenário social e cultural em que foram sendo construídas historicamente as relações entre homens e mulheres, a discussão sobre gênero e docência e a função estereotipada do magistério, associada às mulheres por sua condição de saber cuidar do outro.

No segundo momento, as professoras militantes nos dão as informações necessárias para fazermos a reconstituição da história do SINTE/RN, a partir dos momentos vividos por elas no interior do sindicato, suas percepções e visões estabelecidas nesta relação, e de como se veem nesse percurso de organização e mobilização popular.

No terceiro momento, destacamos a contribuição mais significativa das mulheres para a pesquisa, porque traz suas experiências enquanto professoras sindicalizadas e ativas nas lutas do sindicato. Suas histórias de vida narradas e compartilhadas nos dão uma melhor condição de percebermos de que forma o SINTE/RN tem contribuído para a formação humana da prática docente. Esse estudo parte de suas narrativas e são o subsídio fundamental para a análise investigativa da pesquisa, posto que são as narrativas das professoras que nos apontam todas as reflexões acerca do SINTE/RN e seu papel formativo.

Concluindo o capítulo, apresentamos o resultado das análises interpretativas feitas a partir dos levantamentos obtidos no decorrer da pesquisa. Como ponto de chegada da viagem feita com as mulheres, em que percorremos muitos caminhos pelas lutas coletivas, vamos desfazendo nossas bagagens que vêm cheias de histórias, memórias, lembranças, alegrias, saudades e esperanças.

Não as desfazemos pelo fim da viagem, porque a viagem na luta pela vida, com dignidade e fé, não se encerra nunca. Ela continuará doce e prazerosa para aqueles/as que não se cansarão de continuar refazendo os caminhos com novos olhares e novas significações. Desfazemos nossas bagagens trocando os antigos discursos e as velhas posturas, repondo nelas as energias necessárias para a construção de uma nova realidade em que as relações entre homens e mulheres sejam verdadeiramente livres e humanamente respeitadas.

### **3.1 – Professora-mulher: Uma função estereotipada.**

Nesse tópico apresentamos a discussão sobre gênero no sentido de desconstrução histórica, cultural e social, a fim de superar as explicações que utilizam das diferenças biológicas entre os sexos para se constituir as relações entre homens e mulheres num modelo de relações de poder entre ambos. No processo de desigualdade entre homens e mulheres, a

escola não foge da responsabilidade com a construção dessa relação de diferenciação. Por séculos, as mulheres foram mantidas longe das instituições escolares. O acesso aos diferentes níveis de ensino foi acontecendo gradativamente e, mesmo com algumas mudanças, ainda hoje carregamos estereótipos de carreiras femininas e masculinas.

No decorrer da história da academia as questões de gênero têm sido bastante trabalhadas no âmbito das ciências sociais e humanas. Ambas têm procurado investigar como certas características e condutas são construídas historicamente através dos processos sociais e culturais e são identificadas como masculinas ou femininas. Já em outros campos do conhecimento, há muito se vem discutindo sobre a desigualdade de oportunidades e de tratamento para homens e mulheres, usando de argumentos biológicos, psicológicos e sociais.

As pesquisas sobre a feminização do magistério no Brasil e no mundo têm mobilizado importantes estudiosos da educação, no sentido de compreender como as mulheres foram ocupando espaço na sala de aula, e como foram se constituindo em maior quantidade na função do magistério.

Especificamente no Brasil, a partir dos anos 80, várias transformações ocorreram no terreno da história da educação com o surgimento de novos objetos de pesquisa que incorporavam outras categorias de análise, entre elas a categoria de gênero, no intuito de entender como se deu o processo de feminização do magistério e as razões que levaram a um constante crescimento de mulheres na docência, bem como que mudanças o magistério sofreu ao ser exercido pelas mulheres. Sendo assim, utilizar o discurso de gênero como categoria de análise nos possibilitará compreender como se desenvolve a divisão sexual do trabalho expressada através da feminização da docência.

Vianna afirma que a feminização do magistério é uma forma de reproduzir os preconceitos que reforçam a desigualdade entre homens e mulheres. Ou seja, essa reprodução manifesta-se através das péssimas condições de trabalho, rebaixamento salarial e até mesmo a reprodução dos estereótipos que são manifestados pela escola. Para ela, “a primeira decorrência indica que o sexo da docência se articula com a reprodução de preconceitos que perpetuam práticas sexistas” (VIANNA, 2001, p. 90).

Durante o século XX, o magistério foi assumindo um caráter especificamente feminino e, ainda hoje, é grande o número de mulheres na docência, principalmente na educação básica, que compreende a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio. E mais ainda na educação infantil onde se expressa mais fortemente a habilidade do cuidar de crianças. Outro fator relevante é que, mesmo com a feminização do magistério, os homens continuam ocupando as funções de maior prestígio social e recebem salários mais altos do que as mulheres.

Segundo estudos em Vianna (2001), no ano de 1997, através do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – Inep, o Ministério da Educação – MEC realizou o Censo do Professor<sup>10</sup>, e o referido Censo apontou que 14,1% da categoria é constituída de homens e 85,7% de mulheres. Nesse mesmo estudo encontramos dados em que a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) afirma que 97,4% dos docentes de 1a a 4a série do Ensino Fundamental são mulheres. Elas ocupam 80,6% das 5as até as 8as séries desse ensino, e 60,8% do Ensino Médio. A pesquisa da CNTE mostra, ainda, que entre diretores, coordenadores e supervisores ligados à Educação Básica 90,1% são mulheres.

É importante lembrar que esse processo tem sua história e no Brasil a presença de mulheres exercendo o magistério é iniciada no final do século XIX, sobretudo quando o ensino público primário foi se expandindo, intensificando ainda mais no século XX quando, no final da década de 20 e começo da década de 30, as mulheres já eram maioria na docência.

Estudos revelam que no Brasil a responsabilidade educativa das crianças foi transferida às mulheres moldada na cultura portuguesa, influenciando excessivamente na definição dos papéis entre homens e mulheres. Pois, para a cultura lusitana, a função das mulheres não deveria ultrapassar as fronteiras do espaço doméstico, nem ser remunerado, porque a liberdade econômica das mulheres poderia promover uma desordem social, e isso comprometeria a dominação dos homens sobre elas. Do mesmo modo, elas não poderiam frequentar escolas, já que ao serem instruídas também viriam a ameaçar o conforto das relações sociais estabelecidas.

Essa concepção portuguesa foi sendo desconstruída conforme os discursos dos positivistas, que pregavam que a mulher era a principal responsável pela família e pela pátria, já que procriava e estava em contato constante com as crianças. Assim, o magistério passou a ser visto como bastante pertinente ao papel da mulher, por desempenhar muito bem a função de cuidadora e protetora. Com isso, foi aceito que ela trabalhasse como professora, considerando os termos sociais e familiares, pois isso garantia que a família e a sociedade seriam beneficiadas.

Historicamente a educação e a profissionalização das mulheres foram sempre relegadas a um plano secundário. Nesse sentido, podemos dizer que isso contribuiu significativamente para que as relações de poder entre homens e mulheres fossem sendo construídas, impondo as mulheres na condição de obediência e inferioridade, uma vez que conhecimento e poder estão

---

<sup>10</sup> O levantamento abrangeu 1.617.611 professores das redes pública e particular de ensino básico – mais de 90% da categoria, conforme dados do Inep – e teve como objetivo contribuir para um diagnóstico que orientasse as políticas educacionais. O Censo foi divulgado somente em 1999.

intimamente ligados. Quanto menos conhecimento e saber tem quem é dominado, mais fácil de ser controlado. Manter as mulheres longe do saber foi, sem dúvida, a maior estratégia de dominação sobre elas.

Mesmo com a educação e a profissionalização das mulheres tendo sido conquistadas, as mulheres continuaram submetidas a situações de opressão, porque elas eram limitadas a exercerem determinadas e restritas profissões, como foi o caso do magistério, em que os homens eram quem detinham o controle da educação e, assim, ditavam as regras e as normatizações das instruções das mulheres, como também o ingresso delas nas profissões eram eles que determinavam.

Para Almeida, a permissão das mulheres ao magistério continuava como uma forma de controle dos homens sobre elas, pois eles ainda determinavam o seu acesso à educação e as restringiam no campo da profissionalização. Ou seja, era uma extensão da relação familiar e, para as mulheres, romper com isso era sofrer a condenação da sociedade.

A autora afirma que:

Disciplinada pelos homens, a educação das mulheres continuou um prolongamento da educação familiar e, enquanto estudavam, as jovens aguardavam o casamento – o que *realmente importava em suas vidas*. Deixaram de ser as procriadoras incultas para tornarem-se as futuras esposas educadas, conhecedoras das necessidades do marido e dos filhos, alicerces da moral e dos costumes, fiéis guardiãs do lar cristão e patriótico. (ALMEIDA, 1998, p. 35)

Louro (1997) nos remete à segunda metade do século XIX e nos apresenta algumas questões que nos levam à compreensão do processo de entrada das mulheres na docência, particularmente no Brasil. A autora destaca a questão da crescente urbanização do país e, com isso, a presença de outros grupos sociais – por exemplo, os imigrantes – que trouxeram outras expectativas e práticas educativas, apontando o magistério como uma oportunidade de trabalho. Nesse sentido, o magistério passa a ser uma atividade permitida, porém bastante polemizada quanto a quem seria destinado o desempenho da função.

Mesmo tendo homens e mulheres desempenhando a função, as tarefas são distribuídas de maneira distinta, separadas por gênero. As mulheres tidas como honestas e “direitas” ensinavam meninas, os homens ensinavam meninos. E aí, os currículos eram também diferenciados, pois as habilidades femininas eram consideradas específicas, portanto, diferentes das habilidades masculinas. Assim como eram diferenciados os salários, em que as mulheres recebiam em valor menor.

Aos poucos o magistério vai adquirindo o caráter excepcionalmente feminino, vinculando-se à educação dos filhos e das filhas. Ou seja, sendo as mulheres dotadas de características maternais, estas passaram a ser vistas como habilitadas para a educação das crianças, porque esta estava intimamente relacionada ao cuidado e vigilância infantil. Nesse aspecto, inicia-se a feminização da docência.

Sobre tais argumentos, a autora destaca:

Os discursos que se constituem pela construção da ordem e do progresso, pela modernização da sociedade, pela higienização da família e pela formação dos jovens cidadãos implicam a educação das mulheres — *das mães*. A esses discursos vão se juntar os da nascente Psicologia, acentuando que a privacidade familiar e o amor materno são indispensáveis ao desenvolvimento físico e emocional das crianças. (LOURO, 1997, p. 96)

Enquanto os homens ocupavam diversos espaços profissionais, às mulheres cabia somente a sala de aula, e isso só era possível pela sua condição de ser a responsável pelo bem estar psicológico e afetivo da família. Os seus atributos maternais as tornavam aptas para o desempenho da profissão. Portanto, a carreira profissional das mulheres estava particularmente associada ao casamento e à maternidade, bases da constituição familiar. E elas não poderiam ser desviadas de tais funções.

Encontramos estes argumentos em Louro, quando a mesma afirma que:

Já que se entende que o casamento e a maternidade, tarefas femininas fundamentais, constituem a *verdadeira carreira* das mulheres, qualquer atividade profissional será considerada como um desvio dessas funções sociais, *a menos que* possa ser representada de forma a se ajustar a elas. Em seu processo de feminização, o magistério precisa, pois, tomar de empréstimo atributos que são tradicionalmente associados às mulheres, como o amor, a sensibilidade, o cuidado, etc. (LOURO, 1997, p. 96)

Nesse cenário, a representação do magistério é, então, transformada. As professoras são consideradas como mães que adotam cada aluno/a como filho/a e passa a ser responsável pelo zelo com a sua educação e conduta. Com essa característica, as escolas de formação docente são frequentadas por mulheres e seus currículos são produzidos e transmitidos de acordo com as concepções predominantemente femininas. Disciplinas como Psicologia, Puericultura e Higiene constituem-se como conhecimentos fundamentais para as professoras – especialistas da educação e da infância.

Quando buscamos fazer uma relação direta da escola com as questões de gênero, no sentido da sua responsabilidade enquanto espaço reprodutivo das relações que foram sendo

estabelecidas entre homens e mulheres, os papéis estabelecidos na sociedade, encontramos em alguns autores questionamentos e afirmativas com certo nível de divergência de opiniões.

Por exemplo, alguns consideram a escola um lugar extremamente feminino, pois é neste espaço em que as mulheres desempenham atividades de cuidar, vigiar e educar, tarefas tradicionalmente femininas. Outros apontam que, quando lançamos o olhar para as questões referentes à elaboração do conhecimento que é desenvolvido na escola, esta é considerada um espaço masculino. Esse argumento se fundamenta baseado no discurso de que a seleção e a produção do conhecimento são feitos por homens. Mesmo que as mulheres sejam as transmissoras do conhecimento, elas ocupam um universo marcadamente masculino.

Sobre esses posicionamentos, uma coisa é consensual: a feminização do magistério não impede que as mulheres sejam colocadas numa situação de subordinação nas relações de gênero, sendo que os homens continuam determinando seu status na sociedade e a escola continua, ainda, sendo um espaço marcadamente machista e legitimador das relações desiguais entre homens e mulheres.

Nessa perspectiva, é necessário que chamemos a atenção para os sistemas simbólicos e as representações que a escola e a sociedade fazem do gênero e de como se servem dele para articular as regras que vão sendo estabelecidas nas relações sociais.

Tendo em vista as questões aqui apontadas, consideramos importante e necessária a discussão acerca das questões de gênero na formação de professores/as, no sentido de formar profissionais reflexivos que sejam capazes de repensar sobre sua própria prática pedagógica, analisando a sua importância para a construção das identidades de gênero e para a reprodução e/ou desconstrução dos estereótipos sexuais.

Nesse sentido, devemos assumir a responsabilidade de apontarmos novas metodologias escolares, baseadas num novo jeito de ver, considerar e respeitar as mulheres enquanto sujeitos sociais e plenos de direitos sejam enquanto professoras ou em qualquer outro espaço de desempenho de sua profissão.

Contribuir para que futuros/as professores/as consigam clarificar os mecanismos ocultos da escola e compreendam as dimensões ideológicas da educação, no sentido de descobrir como as diferentes manifestações culturais que produzem os diferentes grupos sociais, reforçam ou coíbem os discursos e as práticas sexistas, é um compromisso que temos enquanto responsáveis pelos processos formadores. A feminização do magistério é um desses mecanismos que, através do discurso de possibilitar oportunidade da profissionalização para as mulheres, esconde práticas que reforçam e mantêm as mulheres em condições de desigualdade e inferioridade social.

### **3.2 – Professora-militante: A história do SINTE/RN nas memórias das mulheres.**

Trazemos neste tópico as narrativas de três mulheres professoras que tiveram sua formação política e humana a partir da vivência nos movimentos sociais, em que vários momentos coletivos foram construídos, reforçando suas identidades de sujeitos sociais politicamente ativos e reflexivos quanto à sua condição de educadoras.

Através do método (auto) biográfico, cada uma recontou a sua trajetória pessoal e sua experiência dentro do movimento sindical, especificamente no SINTE/RN. Em rodas de conversas, as histórias pessoais foram se diluindo e se complementando pelos tantos acontecimentos construídos junto a outras pessoas que fizeram e fazem parte da trajetória do sindicato.

As histórias orais contadas por essas três professoras nos ajudam a ter uma maior dimensão do processo histórico da organização dos profissionais de educação e da contribuição do sindicato para sua formação pessoal e profissional.

A riqueza desse recontar da história do sindicato sob as lentes das professoras está na diversidade das percepções, compreensões e vivências pessoais, visto que cada uma vivenciou épocas alternadas, ou seja, há entre elas quem está desde a fundação do sindicato e outra que mergulhou no movimento quando a ciranda prosseguia em ritmos, cores e sujeitos que iam e viam, dando-se as mãos e fazendo crescer o desejo da partilha e da construção solidária de um mundo melhor para todos e todas.

A escolha pelas professoras se deu a partir do contato com o sindicato e do perfil antecipadamente definido, em que são mulheres que dividem seu cotidiano entre a docência e a militância, estando ativas e assíduas nos espaços da sala de aula e das mobilizações populares. A contribuição da direção do SINTE Mossoró foi fundamental para o nosso encontro com as professoras, uma vez que este carrega em seus registros a presença constante, cheia de vida, corpo e alma dessas três mulheres e suas histórias de luta, determinação e resistência.

As mulheres professoras, a quem me reportarei de agora em diante, trazem a trajetória do SINTE Mossoró em retratos de testemunhos obtidos em suas memórias e lembranças, a partir do que viveram e sentiram no decorrer de seus percursos. Suas vozes ecoam nestas páginas e revelam um universo dos movimentos sociais, particularmente do sindicato de educação, em que suas vidas são diluídas no cotidiano de suas particularidades e nas lutas coletivas dentro e fora das salas de aula.

Recuperar a história do SINTE Mossoró através das narrativas delas traz a singularidade e a alteridade daquelas que têm conseguido administrar e equilibrar a “corda bamba” de serem, ao mesmo tempo, mulheres, mães, professoras e militantes.

Vejo-me num papel de extrema importância ao ser porta voz das histórias verbalizadas num partilhar de situações experienciadas por três mulheres militantes que amam a docência e carregam as aprendizagens extraídas da presença ativa nos movimentos sociais, carimbando os bilhetes que nos asseguram os assentos em suas viagens pelas lutas sindicais.

A mim cabe, ainda, o zelo e a fidelidade ao transcrever tanta riqueza de histórias de vidas que seguem seus caminhos duplicados entre ser mulher e professora e, ao mesmo tempo, unificados numa luta maior, que é a luta pela efetivação de uma docência com a formação e a prática apontadas para a reflexão crítica e o olhar para os sujeitos com lentes humanizadoras.

Na função de tornar as histórias orais em narrativas escritas sem deixar escapar todos os detalhes de valoração daquilo que foi vivido, me reporto à Josso (2010, p. 203:204), quando esta afirma que “[...] as narrativas de vida, espontaneamente enunciadas, mesmo que se pretenda ter sido geradas no seio de uma subjetividade, elas se inspiram em modelos sociais do gênero, valorizados pelo narrador.”.

Nesse rico exercício da partilha de histórias de vida, também alimento a minha fome de busca por processos que apontem para uma formação democrática, solidária e verdadeiramente humana.

Os registros da história do sindicato que aqui ficarão cumpre o papel de tornar visível a história do sindicato contada por mulheres professoras e militantes e, assim, assumir a condição de dar acesso para o conhecimento de outros processos de formação docente que ultrapassam as cadeiras da academia. Porque, de acordo com as afirmativas de Josso (2010, p. 298), “[...] a educação tem, entre outras funções, a de assegurar a transmissão do capital cultural e das memórias do coletivo.”.

Estar nos movimentos sociais, sem dúvida, representa uma aprendizagem não apenas para um sujeito único. Mas, é nas relações sociais que o processo de formação política e humana se desenvolve. Somente na coletividade nos construímos indivíduos reflexivos e perceptivos aos contextos que emergem no nosso cotidiano, de maneira a perceber situações adversas e passíveis da nossa intervenção.

Para Gohn (2012), o resultado mais importante de todo o processo de formação da identidade individual do sujeito se dá mediante as relações sociais estabelecidas pela organização e mobilização popular. A mesma considera ser essa uma das maiores contribuições

que os movimentos sociais dão para o sujeito: a possibilidade de se estabelecer diversas formas de relações sociais, sobretudo fundadas no diálogo coletivo.

Segundo a autora:

O ponto fundamental de alteração que a prática cotidiana dos movimentos populares opera é a natureza das *relações sociais*. Não se trata de um processo apenas de aprendizagem individual, que resulta num processo de politização dos seus participantes. [...] Trata-se do desenvolvimento da consciência individual. Entretanto, o resultado mais importante é dado no plano coletivo. (GOHN, 2012, p. 58)

Nos capítulos anteriores destacamos a construção histórica dos movimentos sociais, o processo de organização dos profissionais da educação, a constituição do SINTE em nível estadual e municipal nas histórias contadas por membros da diretoria do sindicato. A partir de agora, são as mulheres professoras e militantes, sujeitos principais da nossa pesquisa, que nos dão a oportunidade de nos aconchegarmos nas tessituras de suas narrativas e, assim, compreendermos como as mesmas trazem em suas memórias e no seu processo de formação a contribuição do sindicato para sua vida pessoal e profissional.

Os encontros com as professoras Angela Fernandes, Camila Santos e Genilda Maia<sup>11</sup> ocorreram no interior da sede do SINTE Mossoró, localizado na avenida prof. Abel Coelho, s/n, no bairro Abolição II, neste município de Mossoró. A escolha pelo local foi sugestão das próprias entrevistadas, pois compreende um perfeito cenário para se narrar a história do sindicato e suas vivências de militância.

Apesar de estarmos cercadas pelas paredes de concreto, estáticas e duras, o espaço físico do SINTE Mossoró, através das fotografias e documentos registrados e arquivados, exala cheiros, vozes e suores daqueles/as que deram suas contribuições para que o mesmo se fizesse de luta e de letra. O prazeroso (re) encontro com diversos/as militantes nas idas e vindas que fomos fazendo à sede do sindicato, a alegria em seus rostos, a pertença àquele local, o cafezinho fresco e os cumprimentos sinceros nos aconchegaram e permitiram uma roda de conversa tranquila e cheia de riqueza humana.

As falas foram sempre num plural coletivo, de forma que, mesmo sendo narradas na primeira pessoa, conseguíamos ver em nosso imaginário a presença de tantas outras pessoas que, assim com elas, se doavam para construir a luta do sindicato e manter firme a organização da categoria.

---

<sup>11</sup> As professoras autorizaram a publicação de seus nomes verdadeiros, bem como a exposição de suas fotografias aqui registradas.

E, assim, fomos aguçando as memórias, explorando o sensível e o imaginário, como num túnel do tempo em que fomos levadas de volta ao passado, sentindo novamente o peso das bandeiras em nossas mãos e as vozes roucas de tanto gritarmos por respeito ao profissional da educação. Que sensação mágica!

Dava pra ouvir os sussurros das vozes quase findadas de tanto gritar aos ouvidos do poder público, o calor das mãos dadas e o cheiro do suor que cada uma banhava em seu corpo. Narrativas que trazem a marca de educadoras militantes que socializam nestas páginas as aprendizagens e contribuições que os movimentos sociais têm dado para suas vidas. São lembranças individuais destiladas nas memórias coletivas.

Sobre aquilo que viveram e absorveram enquanto militantes que vêm acompanhando o cotidiano do sindicato, as professoras narram a partir de seu ingresso e apresentam trajetórias guardadas em suas memórias e resgatadas nas histórias que seguem.

Para iniciar a nossa roda de conversa – sentamos em círculo, lado a lado, formando literalmente uma roda – pedi para cada uma contar a história do SINTE, a partir da vivência e do que cada uma tem acompanhado da trajetória do sindicato. Obviamente que as falas se misturavam em coro coletivo ao passo em que uma ia complementando e reforçando a narrativa da companheira.

Aqui era uma associação dos professores, a APM. Quando eu entrei mesmo foi lá em Santa Cruz, eu não era nem funcionária, mas já entrei na APM. É tanto que eu não sou daqui, né? Eu sou de Natal porque lá era referência a Natal. [...] Quando passou a ser sindicato, aí eu já estava em Mossoró, já estava aqui dentro fazendo os reboliços todim. Foi quando Luiz Carlos, foi na época da APM, aquele outro menino, Felipe Caetano. Acho que em 80. (Entrevista realizada com Angela Fernandes, Mossoró/RN, 03/02/2015).

Quando eu entrei em 1978. Eu entrei no estado em 1978 né? Foi quando começou os nossos movimentos. Não digo que foi nessa data, mas foi nessa época. Eu me lembro bem que foi quando surgiu o Partido dos Trabalhadores. Quando a gente começou a andar nos nossos movimentos né, assim bem forte mesmo, a gente ia às ruas e até hoje os governantes ainda não cumprem com os nossos direitos. E aí por conta disso a gente ia às ruas reivindicar. É uma história, assim, que já veio de muito tempo que a gente luta. Mas em relação à Associação dos Professores de Mossoró, ela tem mais de 35 anos. [...] Então, quando eu entrei, as pessoas já tinham iniciado, Felipe Caetano, Luiz Carlos, aquele lá da livraria... Capistrano, Gilberto, Diógenes, aquela menina bem feminista do 8 de março, Telma Gurgel. Eles já estavam no movimento. Faziam parte da direção do sindicato, eu lembro demais. Ainda era APM. Eu procurei lá em casa agora e encontrei a minha carteirinha de APM. Eu tenho ainda. (Entrevista realizada com Genilda Maia, Mossoró/RN, 03/02/2015).

Assim, diferente das meninas que estão há muito tempo, conhecem realmente a história que foi vivenciada, estou recente, sou recém-chegada do sindicato. Mas acho que é um órgão ainda muito importante que muitos professores ainda não sabem disso. Minha interação com o sindicato foi através do primeiro movimento, digamos assim, o movimento mais ativo. Que foi a primeira greve, no primeiro ano que eu entrei. Mas, mesmo assim, eu enfrentei a greve. Muita gente no mesmo período que entrei, na mesma época não fez greve por conta das ameaças vindas do governo, que iria exonerar, iria ser demitido. Mas eu fiz mesmo assim, sem medo. O sindicato ele tem, ele deu um certo respaldo pra gente. Deixou a gente tranquila com relação a isso, aos nossos direitos. (Entrevista realizada com Camila Santos, Mossoró/RN, 03/02/2015).

Retomando a discussão sobre as questões de gênero e a condição de vida das mulheres submetidas a toda e qualquer forma de repressão, sendo tolhidas da participação na vida em sociedade, a narrativa da professora Ângela Fernandes reforça o que apresentamos nos capítulos anteriores, quando destacamos a persistência e a resistência de mulheres que bravamente enfrentaram a imposição da cultura patriarcal e suas manifestações machistas, no sentido de se perceberem sujeitos politicamente ativos e em igual condição de estar presente nas mobilizações populares e nas lutas coletivas.

A professora faz um desabafo bastante significativo com o que estamos afirmando, quando relata sobre o seu desejo em estar nos movimentos sociais e no enfretamento ao poder dominador de seu marido. A mesma casou ainda quando era adolescente e carregava consigo as marcas da infância rompida e o peso da obediência ao seu “dono”, seu marido, a quem devia obediência.

Eu sonhava com o sindicato quando eu via na televisão aquelas coisas. O meu marido não deixava, eu era presa. Ele me trancava e ia pra agronomia, eu ficava trancada, tinha que brincar de boneca porque eu não tinha brinquedo ou então pulava o muro e ia jogar bola no meio da rua. Eu via, chorava porque não podia ir. Comecei a dar minhas fugidas, sabe? Tava na rua, aí eu ficava de longe sabe? Ficava de longe olhando. Aquela vontade, aquela coisa de lutar. Aí lutava sem chegar perto porque eu não podia né? Senão ia ter muitos problemas. Ele até me bateu porque descobriu que eu tava lá. Às vezes até eu mentia pra não dizer que tava lá, porque quem ia pra lá era rapariga na boca dele, entendeu? Então às vezes eu ia, mas chegava em casa dizendo outra coisa. Aí ele sabia que eu tava lá e a confusão começava. Eu não sabia o que era melhor, se era mentir ou falar a verdade. Mas aí quando eu me separei, eu tinha uma amiga que já vivia na militância. Foi assim meu braço forte, até hoje considero ela a irmã que eu não tive. Aí pronto, entrei em campo pra brigar, ia pra o que tivesse na rua, até hoje. Foi em 93 ou 94. (Entrevista realizada com Angela Fernandes, Mossoró/RN, 13/01/2015).

Do ponto de vista político, os anos 80 ficaram marcados como a efervescência dos movimentos sociais, em que diversos setores se organizaram em sindicatos e associações, no

sentido de reforçar a luta e dar maior peso à pressão popular. Muitos confrontos e conflitos com o poder público também marcaram a visibilidade dos movimentos sociais, pois a dialogação era negada e como forma de repressão, o poder público usava de atos extremamente autoritários e antidemocráticos para calar a voz do movimento.

A falta de dialogação entre o poder público e a sociedade civil estabelecia um distanciamento e, ao mesmo estimulava a participação popular diante da falta de atenção com a vida dos sujeitos. Freire (2013) afirma que é através da dialogação que se faz a consciência crítica e a participação popular. E, por isso, o poder público veta todas as possibilidades de se estabelecer uma relação humana com a sociedade e, assim, continuar a existência de dominador e dominados.

Para o autor:

A distância social existente e característica das relações humanas no grande domínio não permite a dialogação. O clima desta, pelo contrário, é o das áreas abertas. Aquele em que o homem desenvolve o sentido da sua participação na vida comum. A dialogação implica a responsabilidade social e política do homem. Implica um mínimo de consciência transitiva, que não se desenvolve nas condições oferecidas pelo grande domínio. (FREIRE, 2013, p. 95)

O acúmulo de forças sociais represadas até então, passaram a se manifestar e fortalecer a organização da sociedade. Fatos de violência e agressão são marcados na história dos movimentos sociais. Mas, sobretudo, a resistência, a persistência, a teimosia e a ousadia dos movimentos e de seus/as bravos/as militantes são, sem dúvida, a maior riqueza de sua história. Pois, todas as conquistas que foram alcançadas vieram como frutos da não desistência e da fé na capacidade humana de cada um/a seguir firme na luta e doar seu sangue e suor pelo bem coletivo.

Fazemos-nos sujeitos quando não nos deixamos ser objeto. A resistência e a pressão popular nos dão a condição de, nos fazendo sujeitos da história, sermos responsáveis pela construção social das coisas. Pois, segundo Freire:

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas *objeto*, mas sujeito também da História. (FREIRE, 1996, p. 54)

Nesse sentido, fomos reconstruindo juntas, a partir das lembranças e memórias individuais e coletivas, das diversas situações presenciadas por elas em relação às mobilizações

nas ruas, os conflitos com o poder público, os medos pessoais, os entraves nas negociações e os ganhos conquistados com a luta popular.

Narrativas que demonstram mais a alegria da resistência e de se fazer parte da história do que o medo de ter suas vozes emudecidas nas agressões sofridas.

No governo de Wilma, eu era diretora, nós fomos pra Natal atacar Wilma lá na secretaria. E a gente chegou na secretaria da educação e não quiseram receber a gente. Nós invadimos. E eu no meio. Aí lá pras tantas ela mandou a polícia vir tirar a gente, chicotear a gente lá em cima. Eu subi na janela, no terceiro andar, e fiquei chamando o repórter, gritando, botei as pernas pra fora, e eu chamando “venha, pode me filmar, filme aqui essa mulher que não faz nada, não dá nada” Sabe? E eles ameaçando a gente, o povo querendo tirar a gente e tudo. Quer dizer, eu não esqueço essa. [...] Esse sindicato teve muito barraco com Wilma, a gente vinha em cima dela. “Chama a polícia” aí toda vida eu ia lá pra frente, eu era a cabeça, porque eu sou muito briguenta. Sou bem briguenta, eu vou pra frente. Brigo com todo mundo. Chego em Natal, eu brigo com eles todos. Aí “chama a polícia, chama a polícia” minha filha, diga quem foi a polícia que chegou... Meu filho. E as meninas me tirando. “Que conversa é essa? Aqui nem ele é filho, nem eu sou mãe.” Foi um movimento feio. Ele, pra evitar, se afastou, né? Se afastou e ficou ligando, só que eu não atendi. E não saí. Houve também, acho que você sabe, teve uma greve grande nossa, que a gente invadiu a DIREDE. Não sei quantos dias. Os estudantes da UERN... Aquela greve foi demais. Eu também tava lá, na DIREDE. Eu nunca deixei de lutar não, nem vou. E aí, a Cosern veio, desligou a luz, desligou a água, vocês souberam né? E aí lá pras tantas veio um aviso que a polícia vinha tirar a gente de lá. [...] Sei que assim, são movimentos que são importantes. [...] Se não fosse a nossa luta, não existia nada. Houve muitos, em Natal, em vários congressos, a gente lutava pelos nossos direitos. A gente já andou Natal todinho a pé, já tiveram muitos movimentos bons. Aqui em Mossoró nós somos muito fortes. (Entrevista realizada com Angela Fernandes, Mossoró/RN, 03/02/2015).

Então, a nossa luta era, eu achava, sinceramente, e ainda hoje acho bem forte, o povo ia com garra mesmo, se fazia piquet, se fechava os portões do Estadual, passava o cadeado mesmo, fechava a secretaria da educação. Acampava na DIREDE, se cortava energia. [...] Um dos movimentos mais fortes que teve agora, nessas décadas de agora foi com a participação dos meninos da UERN, onde nós acampamos ali na DIREDE. [...] A gente está aqui pra lutar e pra reivindicar nossos direitos, seja qual for o conflito. (Entrevista realizada com Genilda Maia, Mossoró/RN, 03/02/2015).

A gente não teve medo, pelo menos eu não tive medo. A gente tinha, claro, um certo receio com relação aos policiais. Mas como o nosso movimento é sempre pacífico, diferente de alguns outros movimentos, né... Tem movimentos que algumas pessoas claro que entram só pra bagunçar o movimento. Mas com relação a isso, nos nossos movimentos nunca houve nenhum problema, com relação a alguma atitude de quem tava participando, os professores. Houve, claro, alguns incidentes, mas por conta de outras pessoas que não estavam no movimento. (Entrevista realizada com Camila Santos, Mossoró/RN, 03/02/2015).

A conversa reunia sentimentos de saudade, alegria e orgulho dos momentos de bravura e conquistas, mas também, trazia um pouco de tristeza quando falava de certo enfraquecimento do movimento, decorrente da pouca participação dos/as professores/as nas mobilizações do sindicato e no interior do seu cotidiano.

Em suas narrativas, as professoras evidenciam fragilidade no movimento e apontam a falta de interesse dos/as profissionais da educação, assim como a necessidade de uma maior articulação do próprio sindicato junto aos/as associados/as.

Muitos professores não participam do movimento, não se engajam, e por isso mesmo talvez que o movimento tenha ficado mais fraco. Tô sentindo o movimento mais fraco a cada dia. Professores recém-contratados, recém-chegados ao Estado, eles não estão participando da luta. [...] Porque a gente tem, como as meninas falaram, direitos negados aos montes, mas os professores não estão participando desse movimento. Não sei se é do sindicato mesmo que não chega junto, não sei, reuniões que não participam, não entendo o que é. Sei que o movimento está enfraquecendo por causa disso. Muitos professores estão se aposentando, e quem está chegando que deveria ter todo gás pra participar, não participa, infelizmente. Eu esperava mais da categoria, né? A categoria tá fraca, tá muito falha no sentido de participação. (Entrevista realizada com Camila Santos, Mossoró/RN, 03/02/2015).

Eu vou dizer pra você Camila, que sempre esses tipos, que são nossos colegas, que não participam da nossa mesa quando estamos reunidos com os professores, na sala dos professores, infelizmente tem muitos deles que dizem “eu? De jeito nenhum. Vou participar não, como é que ficam minhas férias?” Ainda têm esse pensamento. [...] Politicamente elas ainda estão lá embaixo. Vamos dizer, não sei se é no zero. Porque professor ele não pode só ser professor, tem que ser educado. Ele tem que falar com seu aluno como é a situação lá fora, não to falando de política partidária, estou falando de politizada. Estou falando de pessoas politizadas, que pode chegar e dizer alguma coisa. [...] Quando nós começamos, não sei, em 1979, assim, o que mais me chamava atenção era que o pessoal tinha mais assim, mais garra, cê tá entendendo? Tinha garra, não importava não, ia, dava a cara pra bater, a gente fechava portão, trancava portão pra ninguém passar... mais ousados, sabe? Mais ousado. [...] Aí depois a gente sentiu um pouquinho amornar, né? (Entrevista realizada com Genilda Maia, Mossoró/RN, 03/02/2015).

Justamente, as pessoas que dizem isso é porque não frequentam, e quando frequentam com assiduidade, não participam. Eu brigo, eu vejo a hora me agarrar quando vejo uma professora abrir a boca e dizer “o sindicato só quer ganhar dinheiro no período de campanha” eu fico assim doente. Eu fico revoltada quando ela diz isso. Eu vou pra cima com gosto de gás. Porque não é assim. [...] Esquece que o que ela tem foi com a minha luta, com meus colegas, gritando, expondo você mesmo, a gente se expõe muito, eles esquecem isso. Tudo foi a gente correndo atrás. [...] Olha, assim, eu não vou dizer os professores em geral porque muitos deles só procuram o sindicato quando estão precisando. Por exemplo, tava olhando aqui agora, saiu uma tabela dizendo que um pessoal aí vai receber um dinheiro da época de Geraldo

Melo, aí luta o sindicato. Mas aí quando, vamos dizer, vai vir um professor tal pra Mossoró, aquele Gabriel veio pra dar a palestra, aí vem 15, 20 pessoas. (Entrevista realizada com Angela Fernandes, Mossoró/RN, 03/02/2015).

Nessas falas percebemos a importância da participação de cada profissional da educação nas lutas do sindicato para que o movimento reestabeleça a sua força e seu poder de articulação e mobilização. Narrativas que expressam saudade dos momentos em que havia mais engajamento dos/as professores/as, mais ousadia e determinação da categoria, marcas que estão presentes na moldura fotográfica do SINTE.

Elas expõem, ainda, o desejo comum de trazer essas marcas e de fortalecer o papel mobilizador do sindicato que o mesmo vem perdendo ou deixando amornar. E essa vontade de retomar o papel do sindicato e ver novamente a categoria unida e participativa é que alimenta a esperança no movimento, pois reconhecem os ganhos e as conquistas trazidas como resultado da luta coletiva.

Reforçam em suas narrativas a continuidade no movimento e a permanência na luta, pois acreditam que os direitos só são respeitados e efetivados quando todos/as dão-se as mãos e buscam coletivamente a felicidade numa sociedade mais justa e humana. São as práticas coletivas que impulsionam o indivíduo e o faz acreditar que essa sociedade pode ser conquistada. Pois, como diz Gohn:

Organizar a resistência a partir dos indivíduos, de suas singularidades, de seus desejos e aspirações. Da felicidade reconstruir a utopia. O que importa é ser feliz numa sociedade mais justa. Novos projetos precisam ser construídos, novas esperanças gestadas. A partir desses pressupostos é que deveremos construir novas práticas coletivas. (GOHN, 2012, p. 61)

As falas eram ancoradas no sentimento de pertença ao sindicato e as professoras transpareciam o tempo todo de que são conscientes de sua responsabilidade com a luta e que, mesmo diante de tantas dificuldades e da recaída na participação dos demais profissionais da educação, não se deve parar de acreditar e nem retroceder na viagem depois de um caminho percorrido com tantos espinhos superados e tantas flores colhidas. “E não vamos parar não, né? Nem pode. Hoje em dia estamos passando por uma situação muito ruim, o país, o estado e o município. Quem sobreviver, tem muito o que contar.” (Entrevista realizada com Angela Fernandes, Mossoró/RN, 03/02/2015).

Vale a pena sim. Sempre vale a pena lutar pelo que a gente acredita. Se a gente não lutar, quem é que vai lutar? Eu não vou fazer o que os outros fazem... Deixar alguém lutando por mim, pelos meus direitos, pra garantir os meus

direitos, eu ter que ter outra pessoa pra fazer isso. Eu quero participar ativamente disso. Tô lutando, eu vou conquistar por mérito meu e de quem está lutando. Não houve nenhum desestímulo, espero que não haja. Lutar pelos nossos direitos, sempre. (Entrevista realizada com Camila Santos, Mossoró/RN, 03/02/2015).

Não deixar a peteca cair. Cada vez mais se encher de entusiasmos, dessa força que tem dentro de cada um de nós. Seja qual for o momento, nós não podemos perder essa garra de lutar pelos nossos direitos. E também mostrar isso em sala de aula para os nossos alunos, pra que eles sejam futuros cidadãos onde quer que eles estejam, e lutem pelos direitos deles. (Entrevista realizada com Genilda Maia, Mossoró/RN, 03/02/2015).

As imagens que seguem ilustram a nossa roda de conversa e registram momentos de socialização de histórias de vida individuais e particulares, mas enriquecidas pelas situações coletivas vividas no universo dos movimentos sociais. Trazem um valor bastante significativo para a nossa (auto) formação enquanto educadoras e sujeitos comprometidos com a (re) construção da sociedade. Capturadas durante o nosso encontro no interior da sede do SINTE Mossoró, nas tardes afagadas pelo calor humano das mulheres professoras e pela acolhida dos/as dirigentes do sindicato e os/as funcionários/as que ali estavam naquele momento.



Foto 36: Mulheres professoras militantes durante a roda de conversa na sede do SINTE Mossoró.  
Data: 03/02/2015.  
Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 37: Mulheres professoras militantes durante a roda de conversa na sede do SINTE Mossoró.  
Data: 03/02/2015.  
Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 38: Mulheres professoras militantes durante a roda de conversa na sede do SINTE Mossoró.  
Data: 03/02/2015.  
Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 39: Mulheres professoras militantes durante a roda de conversa na sede do SINTE Mossoró.  
Data: 03/02/2015.  
Fonte: Arquivo Pessoal.

As histórias de vida dessas três mulheres professoras e militantes, a trajetória do SINTE contada por elas e todas as situações até aqui narradas, trazem reflexões acerca da importância dos movimentos sociais – representados aqui pelo sindicato – em suas vidas pessoais e profissionais, o poder da mobilização popular na conquista dos direitos e na transformação da sociedade.

Conhecer a história do sindicato através das narrativas das mulheres professoras nos dá outra dimensão quanto à ressignificação daquilo que foi vivido e sentido por elas, no sentido de despertarmos outro olhar para a presença do sindicato em suas vidas e o que elas consideram ser o verdadeiro papel deste espaço representativo.

Os momentos resgatados de suas memórias e trazidos nas viagens de suas lembranças nos remetem de volta à história dos movimentos sociais e provocam novas percepções no sentido de buscarmos compreender até que ponto o sindicato tem conseguido provocar nas mulheres professoras e militantes reflexões sobre suas práticas docentes e como elas têm agregado as experiências adquiridas com as lutas sociais nas suas rotinas pedagógicas. Mais, ainda, como elas percebem a contribuição do sindicato para suas vidas pessoais e profissionais. Reflexões que surgiram no decorrer deste capítulo e nos tópicos que seguem.

### **3.3 – Bandeiras em punho: A participação das mulheres na luta sindical e a contribuição do sindicato para a formação humana e profissional.**

Nos últimos anos a concepção do mundo tem evoluído no sentido da valorização de novos conceitos de formação, considerando a subjetividade dos sujeitos e suas relações com o meio externo. As ciências vêm ampliando e aprofundando cada vez mais as reflexões metodológicas, abrindo espaço para novas pesquisas, pois o mito dos métodos quantitativos enquanto únicos e verdadeiros foi abatido e, hoje, as pesquisas fundamentadas nas análises e interpretações do universo coletivo vivido em diversos contextos sociais, são consideradas de extrema importância para a compreensão sobre a formação profissional nos espaços (in) formais da educação.

Compreendendo que a identidade do sujeito enquanto ser universalmente humano ultrapassa as aprendizagens adquiridas dentro da academia, pois esta ainda tem dado pouca abertura para as questões subjetivas, os modos de vida e as percepções de mundo dos sujeitos, as pesquisas vão percorrendo outros espaços que legitimam as questões mais complexas da vida em sociedade: o eu e os outros, o eu com os outros e nós com o todo.

A profissão docente é muito maior do que a habilidade técnica da sala de aula. Para ser uma docência competente e reflexiva, que contribua para as transformações sociais, ela precisa considerar o sujeito no seu todo, enquanto profissional e ser humano na sua totalidade.

Nóvoa (1995) há muito vem estudando sobre a questão da profissionalização e suas dimensões que podem e devem compreender o profissional enquanto sujeito que carrega suas histórias e suas experiências extraídas da vida em sociedade. Para ele, uma formação que se defina como processo reflexivo e transformador precisa, necessariamente, considerar que não há como dissociar o profissional do indivíduo e seu contexto identitário.

Para o autor:

É neste quadro que o estudo das problemáticas relativas às questões de ensino/educação/formação tende a diversificar-se e aprofundar-se, contemplando também a figura do professor, através de uma perspectiva poliédrica, multifacetada. Ultrapassam-se as visões clássicas que o situam na eficácia do seu fazer, como agente social, no espaço restrito da sala de aula, para o considerarmos de forma integrada, como homem/cidadão/profissional, em devir, inserido e em ação, na sociedade do seu tempo. (NÓVOA, 1995, p. 159)

Mais adiante o mesmo autor aponta que na construção da identidade docente está vinculada a dimensão pessoal e seu percurso de vida trilhado com outros sujeitos, nos diversos contextos e, por isso, é importante considerar e refletir sobre as diversas situações pessoais e profissionais e seus efeitos para sua formação. Segundo Nóvoa (1995, p. 161), “é neste sentido que posteriormente temos vindo a trabalhar, questionando o valor das mudanças de práticas e dos projetos pedagógicos como vias alternativas de formação, enquanto reconsideramos a metodologia de histórias de vida [...]”.

As pesquisas no campo da educação sobre as histórias de vida no processo de formação docente crescem no Brasil a partir dos anos 90, e muitos estudos voltam seus olhares para o modo como os professores/as passam pelos processos de formação, enfatizando a reflexão sobre as experiências adquiridas com a prática.

Os trabalhos baseados nas histórias de vida dos/as professores/as como método de pesquisa qualitativa e como processo de formação, buscam compreender várias questões inerentes ao campo educacional, desde a escolha pela profissão e a relação da docência com as mudanças sociais.

Estudos em Passeggi, Souza e Vicentini (2011) revelam que, a partir dos anos 2000, diversificam-se as pesquisas sobre as histórias de vida no processo de formação e profissionalização docente, trazendo novas abordagens. Nesse interim, encontramos a pesquisa

(auto) biográfica como um território que favorece o diálogo entre o/a pesquisador/as e os sujeitos, valorizando seus saberes e suas experiências pessoais. Pois, compreendemos que conhecer a vida do/a outro/a é um modo de formação e (auto) formação, e para esse processo é preciso um retorno reflexivo sobre a sua trajetória pessoal para, a partir dele, se efetuar a ação-formação.

Este tópico traz a vivência das mulheres professoras no sindicato, o seu engajamento nas lutas sociais e as contribuições deste para sua formação humana e profissional. Pois, de acordo com Passeggi, Souza e Vicentini, “assim, a escrita de relatos autobiográficos dá aos indivíduos a possibilidade de articular, por meio das narrativas que produzem sobre si, as “experiências referências” pelas quais passam, dotando a própria trajetória profissional de sentido.” (PASSEGGI, SOUZA e VICENTINI, 2011, p. 378)

Utilizamos das narrativas das mulheres professoras e militantes, destacando, sobretudo, as questões referentes à formação no sentido de compreender como se dá esse processo no interior do sindicato e de como elas expressam dentro da sala de aula, contribuindo para a consciência crítica e reflexiva de seus/as alunos/as. Isso nos reforça essa dimensão de pensamento quando diz que “[...] o ato de escrever uma narrativa de vida, centrada na formação, constitui um espaço de reflexão e de conceitualização que pode existir por si mesmo.” (JOSSO, 2010, p. 202).

Para melhor compreendermos como se dá a formação das professoras – sujeitos desta pesquisa – iniciamos por buscar identificar os motivos ou influências que as levaram para a escolha da profissão, no sentido de percebermos o nível de imersão pessoal na profissão. Cada uma narrou um pouco do seu histórico pessoal, família, relações afetivas, casamento, filhos... Porém, sendo o foco central a profissão docente e seu processo de formação, atendo-me às informações pertinentes.

Fugindo um pouco da metodologia, esse momento aconteceu entre mim e cada uma, de forma individual, dada a dificuldade inicial de um encontro coletivo. Destaco a facilidade da cumplicidade que foi se estabelecendo entre mim e elas, no sentido da leveza e tranquilidade de suas narrativas confidenciais em suas histórias particulares.

No decorrer de nossas conversas, íamos percebendo muitas semelhanças em nossas vidas, no nosso universo feminino e nas condições peculiares de sermos mulheres e militantes. As dificuldades e os entraves que ousamos viver e que fomos superando ao longo de nossas vidas.

Nas (auto) biografias, elas foram trazendo suas histórias e falando como abraçaram o magistério e como consideram a profissão em suas vidas, as motivações e influências que receberam.

[...] Sou professora graças a Deus há 36 anos. Comecei, iniciei no Jeronimo Rosado, né, o nosso Estadual. [...] Quando eu era pequena eu tinha uma tia, meu avô tinha um sitiozinho aqui perto da passagem de oiticica, e ela era professora da zona rural, ela passava a mão na minha cabeça e dizia, se Deus quiser minha filha vai ser professora. [...] eu fiz vestibular pra medicina em Natal, mesmo sem quase nenhuma condição, minha família me ajudou e lá eu fui, enfim. E graças a Deus não passei. Graças a Deus estou aqui, e não sei não, eu sou cada dia mais apaixonada. Pode me chamar quem quiser de alienada, mas eu me sinto muito bem. Eu fora da minha sala sou como um peixinho fora d'água, eu sou apaixonada pelo que faço. [...] eu entrei meio assim, perdidazinha na sala de aula, fui me ajeitando, e fui gostando, gostando, até hoje. (Entrevista realizada com Genilda Maia, Mossoró/RN, 09/01/2015).

[...] comecei minha profissão de professora bem cedinho, porque minha mãe era professora, ensinava em casa, ainda era naquela época da palmatória né? Ela ia pra rua e eu ficava né? Pra eu poder ficar com os meninos, e aquilo ali também foi né, eu acho, que me acostumando, já gostando né, de ser alguma coisa. [...] Pra melhor dizer, eu nem cheguei a terminar o curso pra ir pra sala de aula. Porque foi assim, na época eu era casada, e meu marido era formado em agronomia, projeto sertanejo. Nós saímos de Mossoró pra ir pra Santa Cruz. Eu tava já no finalzinho da formatura. Aí chegamos lá, quem era formado, era doutor. Naquela época não tinha ninguém formado, né? E aí ele não podia, ele já era contratado do Estado, era professor de biologia do Estadual, né? [...] Eu comecei a dar aula no lugar dele. Quer dizer, aí quando eu me formei, eu já estava em sala de aula. [...] naquela época tudo era diferente de hoje, não era concurso. E no município, quando eu voltei depois de bem 15 anos, que eu cheguei aqui, minha mãe se aposentou pelo município. Naquela época, o Dix-uit Rosado tinha uma lei, que quando se aposentava um funcionário, a vaga era do filho ou do irmão. Então minha mãe se aposentou e eu ganhei o emprego. (Entrevista realizada com Angela Fernandes, Mossoró/RN, 13/01/2015).

A minha escolha pela licenciatura foi a questão de compartilhar, compartilhar ideias, compartilhar experiências, compartilhar vivências, compartilhar o próprio conhecimento, né? Antes de ir pra sala de aula eu já fazia isso, já ajudava os colegas que tinham alguma dificuldade. Eu sempre fui uma aluna muito dedicada, não é questão de inteligência, mas eu sempre busquei estudar bastante pra não depender, por exemplo, de uma recuperação, e sempre buscava também a ajudar os colegas que estavam com dificuldade também na sala de aula. [...] Não, não teve nenhuma influência familiar, teve só um incentivo, mas eu não tenho na família alguém que seja professora, que seja professor, que tenha dado essa influência. (Entrevista realizada com Camila Santos, Mossoró/RN, 28/01/2015).

Mesmo que as histórias de vida das professoras demonstrem algumas diferenças quanto à escolha pela docência, elas mostram algumas particularidades no sentido de como a docência

surgiu em suas vidas de forma espontânea como se fosse destino, na visão do senso comum. No entanto, há uma singularidade em suas narrativas quanto à essência principal de terem se tornado professoras e entrado no espaço do sindicato. A coletividade talvez seja a palavra que melhor defina o caminho que as levou para o magistério, e a aproximação com o sindicato veio como via de manifestação e do exercício desse sentimento comum entre elas.

Em seus estudos, Freire (1996) nos mostra que é nos espaços coletivos que a solidariedade e o verdadeiro espírito de humanidade se revelam. Porque é através da organização popular que poderemos construir uma sociedade menos espinhosa em que podemos atuar conforme aquilo que somos, pensamos e agimos. Para ele “a solidariedade social e política de que precisamos para construir a sociedade menos feia e menos arestosa, em que podemos ser mais nós mesmos, tem na formação democrática uma prática de real importância” (FREIRE, 1996, p. 42).

Mais adiante, ao discutir ainda sobre o processo de formação desenvolvido a partir da vivência nos espaços coletivos, o mesmo autor considera que a docência não pode jamais estar alheia ao olhar crítico sobre a realidade e nem desconsiderar o sujeito e sua subjetividade.

Segundo o autor:

Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, e de outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou adivinhação. (FREIRE, 1996, p. 45)

Entramos, assim, no foco central da nossa pesquisa. A formação docente a partir da participação no sindicato e as contribuições deste para a prática docente das professoras em suas rotinas pedagógicas, no sentido de percebermos como elas consideram o processo e de que forma isso tem influenciado na sua vida pessoal e profissional.

Essas três mulheres professoras que poderiam, assim como tantas outras profissionais da educação, estar em suas “vidinhas” acomodadas, sem o desgaste do sol lhes queimando a pele exposta nas ruas, as vozes roucas gastas em gritos de protestos, o olhar furioso e reprovador do poder público, enfim... Mas, elas enfrentam as adversidades diárias que carregam ao longo da vida por acreditarem que somente a organização popular e a luta coletiva são capazes de promover as transformações necessárias para o bem comum.

Compreendem, ainda, que não se pode aquietar diante das injustiças e que a docência tem um papel fundamental de intervenção na sociedade, no sentido de provocar reações e

questionamentos para a reconstrução de novos caminhos que apontem para uma vida humanamente feliz. Pois, como bem afirma Rios:

Do ponto de vista do senso comum, que se constitui a partir de uma visão ideologizada da vida social, costuma-se afirmar que respeitamos os outros quando não interferimos em suas vidas. No espaço da prática docente competente não pode ser esse o entendimento. Respeitar não deve significar “deixar ficar como está”, e sim, intervir no sentido de permitir o desenvolvimento das potencialidades e de estimular novas capacidades. (RIOS, 2001, p. 126)

Ao serem estimuladas a falar sobre os processos de formação em que participaram durante a militância com o sindicato, as professoras enfatizaram a importância desses espaços, expressando veemente a falta que sentem de uma maior sistemática nas atividades e na participação dos/as demais companheiros/as profissionais da educação. “Eu vejo que antes tinha mais formação” (Entrevista com Genilda Maia, Mossoró/RN, 09/01/2015).

Todos os eventos foram muito importantes, cada mobilização referente, por exemplo, a uma greve, quando a gente se comunica mais, as reuniões dos professores, a troca de experiências, tudo são muito importantes. [...] Infelizmente a nossa categoria da educação ela é desunida. Os professores eles não tem participado ativamente desses movimentos. Professor ele quer o direito, mas ele não quer lutar por isso. Não digo todos os professores, tem alguns sim que participam, mas é a minoria, infelizmente é minoria. Por outro lado, o sindicato poderia ser mais atuante, poderia ter mais formações, a gente poderia ter mais encontro. Não só os encontros referentes à greve, a uma mobilização ligada à greve mesmo. A gente poderia, não sei, fazer um calendário anual, fazer uma reunião semestral, mensal, bimestral, não sei. Mas deveria ter mais encontros, mais atuação, mais comunicação entre os professores do sindicato, porque eu acho que ajudaria os professores a se inteirar dos próprios direitos, a se inteirar no que é realmente sindicato, muitos não sabem o que é, nem o que faz, e pra fazer com que ele se sentisse parte mesmo do sindicato. (Entrevista realizada com Camila Santos, Mossoró/RN, 28/01/2015).

Percebe-se na narrativa da professora Camila Santos o desejo de que mais profissionais da educação participem da vida nos movimentos sociais e que o próprio sindicato retome o seu papel articulador e mobilizador, no sentido da formação para esses profissionais. Também é perceptível o seu compromisso com a luta e certeza de continuar em frente mesmo com as fragilidades que ela observa.

Mobilização eu sempre participo, todas elas. Não tem assim uma mobilização, um movimento desses que aconteça que eu não esteja participando, eu sempre gosto de participar. Eu não gosto deixar o outro lutar pelo que é meu, pelo

meu direito. Eu gosto sempre de participar. [...] Sempre vale a pena lutar pelo que a gente acredita. Se a gente não lutar, quem é que vai lutar? Eu não vou fazer o que os outros fazem. Deixar alguém lutando por mim, pelos meus direitos, pra garantir os meus direitos eu ter que ter outra pessoa pra fazer isso. Eu quero participar ativamente disso. To lutando, eu vou conquistar por mérito meu e de quem está lutando. (Entrevista realizada com Camila Santos, Mossoró/RN, 28/01/2015).

A conversa era sempre adornada pelo saudosismo e pela vontade comum de ver o sindicato recheado com as caras, as cores e a presença atuante de seus/as associados/as. As fragilidades sentidas e apontadas davam lugar ao sentimento de gratidão e reconhecimento pela valiosa contribuição que o mesmo tem dado para suas vidas pessoais e profissionais. Mudanças que elas percebem em suas maneiras de ver, compreender e interferir na sociedade.

Aprendi muito com o sindicato, muito, muito. Se eu sei um pouquinho de, não politicagem, mas um pouquinho de política, meus direitos, os direitos, os nossos direitos, foi aqui. [...] Se eu sou um pouquinho, um pouquinho de nada politizada, o que eu aprendi, eu agradeço tudo ao sindicato. É por isso que eu não aceito, não aceito ninguém falar da direção do sindicato. [...] É como eu disse a você, se hoje eu sou uma pessoa que tem um certo conhecimento, não sei tudo, mas eu tenho um pouco de conhecimento, se tem uma pinceladazinha em termo de ser uma pessoa mais politizada, eu devo principalmente ao sindicato. [...] Foi aqui que eu cresci como educadora, como professora, como pessoa. (Entrevista realizada com Genilda Maia, Mossoró/RN, 09/01/2015).

Como professora eu recebi do sindicato muitos conhecimentos. E lutei muito também. [...] Até mesmo entre colegas, na sala de aula, até mesmo na sala dos professores, eu recebi e ao mesmo tempo transmiti aos colegas. Eu cresci muito no sindicato. Cresci e to crescendo, porque eu não parei. Eu sempre to aqui, quando eu me afasto, eu sinto falta. [...] Eu posso dizer que o sindicato me ajudou em tudo. Até mesmo na minha separação. Porque assim, eu não estudava, eu vivia entre quatro paredes sem ter amizade com ninguém, certo? Sem nada. Então, quando eu parti pra cá, eu me desenvolvi, eu fui trabalhar, eu trabalhava e trabalho com amor, porque eu gosto. E quem me ensinou foi aqui. Não adianta eu fazer sem gostar. Eu não faço. Faço porque eu gosto, eu me sinto bem. Então eu acho que, pra mim, eu tenho toda parte de mim, conhecimentos, posição, amizade, em todos os sentidos, eu tenho muita contribuição do sindicato. (Entrevista realizada com Ângela Fernandes, Mossoró/RN, 13/01/2015).

Depois que eu participo, que eu estou atuando nos movimentos do sindicato, ligados ao sindicato, eu tenho valorizado mais os meus direitos. Eu tenho buscado mais compreender algumas coisas, por exemplo, leis que a gente costuma ler, que de vez em quando a gente precisa ler pra ter uma ideia do que é nosso direito, do que não é, do que tá errado, do que está certo. E a questão de lutar mais, lutar pelo que é de direito. Que, infelizmente, a gente não tem os nossos direitos garantidos se a gente não lutar. Deveria ser diferente, com certeza, mas infelizmente não funciona desse jeito. (Entrevista realizada com Camila Santos, Mossoró/RN, 28/01/2015).

Quando Nóvoa (1992) nos diz que o sujeito deve ser considerado de forma indissociável e que se faz unificando o seu eu particular ao profissional, não conseguimos separar os discursos e as posturas das mulheres identificadas como professoras que carregam em suas identidades todo o universo feminino, as dimensões mais complexas de se ser mulher e as subjetividades peculiares a cada uma também presentes na sua função de professora. Essa mistura de definições ou de funções dá a forma como elas se comportam diante da realização de sua prática docente. No entanto, são seres inacabados na busca constante de novas formas de pensar e agir.

Corroborando com esse pensamento, Freire (1996) vem e nos afirma que somos eternos seres inconclusos e essa inconclusão torna a vida mais dinâmica e nos obriga a buscarmos aprender cada vez mais, ocupar todos os espaços pelo conhecimento para que estejamos com mais condições de intervir na sociedade.

Para ele:

A consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca. [...] É neste sentido que, para mulheres e homens, estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros. (FREIRE, 1996, p. 57:58)

Nessa perspectiva, conversamos sobre a formação recebida na academia e como o sindicato tem contribuído para a aquisição de outros conhecimentos e em que sentido o mesmo promove uma formação que lhes seja útil no exercício da docência.

La na universidade, a gente aprende conteúdo, mas aqui no sindicato eu aprendi muito mais. [...] No nosso dia-a-dia. Porque, como eu disse a você, a gente não pode ser professora só de conteúdo. Tem que ser professora também. Olha, é tanto que, não sei se vai caber o que eu to dizendo, quando a gente tá em sala de aula ou em nossos movimentos, quando era época de greve né, lá no estadual, que a gente vai conversar com alguns alunos. “Mas por que professora? Por que a senhora vai parar? A senhora podia continuar. A senhora tá trabalhando, tá ganhando dinheiro.” Aí eu vou mostrar o outro lado, esse outro lado que eu aprendi aqui no sindicato, certo? De se valorizar como profissional, de se valorizar como professor. Aí eu pergunto “você é trabalhador?” Quando eu trabalhei com educação de jovens e adultos, à noite, o pessoal mais adulto que trabalhava nas empresas, eu dizia assim: “você é trabalhador?”. “Sou sim”. “E como é o seu relacionamento patrão e empregado?” Aí ele me dizia que era um desastre, um massacre. É isso, gente, é isso que a gente também precisa conhecer os seus direitos, você precisa saber que você é um ser humano, você precisa aprender aqui na sala de aula com a gente. Eu acho que você no lugar de nos criticar por estar fazendo greve, é ficar do nosso lado como trabalhador. O que muda é a função, somente. Mas eu sou trabalhadora como você. (Entrevista realizada com Genilda Maia, Mossoró/RN, 09/01/2015).

A narrativa da professora evidencia a importância da relação academia e movimentos sociais, no sentido de se complementarem e se fortalecerem por uma formação que promova no profissional o conhecimento dos conteúdos necessários ao exercício da docência em sala de aula, mas também possibilite uma postura de agente crítico-reflexivo capaz de intervir na sociedade. Uma formação que associe política e pedagogia, no sentido de compreender a docência como prática transformadora.

O indissociável pessoal do profissional constitui característica fundamental para uma prática docente provocativa, reflexiva e transformadora. Compreender o/a outro/a considerando as infinitas particularidades que cada subjetividade carrega em sua condição humana, é tarefa que não se aprende somente nos bancos das universidades, mas, sobretudo, nos passos que damos nas estradas que vamos galgando em nossas vidas. Percebemos que as três professoras cumprem seu papel de agentes multiplicadoras de consciência crítico-reflexiva quando socializam suas experiências em sala de aula, destacando a sua relação com os/as alunos/as e com outros/as sujeitos que convivem e como o sindicato tem contribuído para essa postura.

Como eu disse, não só ver o aluno como, só passar conteúdo, mas ver o aluno como ser humano. Também dizer pra ele que como trabalhador, que eu já trabalhei com jovens e adultos, mostrando o valor que ele tem como trabalhador, como pessoa, né? E foi nesses congressos que a gente, eu, que eu vim aprender esse tipo de coisa, né. [...] O aprendizado, como eu falei pra você, né, pra minha vida trouxe muitos, muitos aprendizados, não só politicamente, mas a maneira de, vamos dizer assim, de ver o outro também né, de ver o outro como pessoa, como trabalhador. Pra mim foi uma lição de vida muito grande. Foi uma lição de vida. E até hoje eu trago comigo e levo pra minha sala de aula. (Entrevista realizada com Genilda Maia, Mossoró/RN, 09/01/2015).

Minha relação com os alunos é uma relação familiar, uma relação de amizade, certo? A gente costuma, claro tem, tem muitas regras, tem disciplinas, mas a gente se comunica, a gente interage mais com uma amizade, com um vínculo de amizade. [...] Tem contribuído muito. Claro que eu já lutava pelos meus direitos, mas com a participação no sindicato eu tenho lutado ainda mais. E ainda incentivado as pessoas a lutar pelo que é de direito. Por exemplo, os alunos, amigos, professores, a sociedade como um todo que tá próximo a mim. [...] Eu tenho incentivado os meus alunos a procurar os próprios direitos, a lutar pelo que eles acreditam que seja realmente certo, correto, pra não deixar que injustiças sejam cometidas. (Entrevista realizada com Camila Santos, Mossoró/RN, 28/01/2015).

A resistência é a principal característica dos movimentos sociais e de seus/as militantes. As fragilidades são passageiras diante dos processos fortalecedores que a luta coletiva vai sendo

lapidada por aqueles/as que a carregam como porta bandeira e estímulo pessoal para a conquista de uma vida humanamente feliz.

Construir um coletivo de homens e mulheres livres, conscientes de seus papéis na sociedade e capazes de se indignarem com qualquer injustiça cometida contra qualquer ser humano, também deve ser tarefa da educação, e a docência é a ferramenta fundamental para que isso aconteça. É na relação professor/a – aluno/a que as armaduras contra a guerra da injustiça social vão sendo construídas.

Para Rios:

É isso que se quer dizer quando se afirma que a ação docente pode ser criadora de felicidade. A felicidade não está presente na escola na hora do recreio, na festa junina ou na comemoração dos aniversários – ela está presente quando se aprende os conteúdos necessários para a inserção na sociedade, quando se respeitam os direitos de todos, quando se aprimoram as condições de trabalho. (RIOS, 2001, p. 131).

Essa busca pela felicidade, no sentido da plenitude enquanto sujeito e profissional motiva as professoras a continuarem o caminho da docência apostando na formação que absorveram com a vivência nos movimentos sociais. Uma formação que lhes dá a condição de despir a vida e enxergar a nudez de suas mazelas, mas também, de vislumbrar as possibilidades de mudanças que cada um/a é capaz de provocar para que sejamos de fato e de direito felizes.

Acreditar na luta sempre. A resiliência é a lição que elas nos dão quando falamos sobre persistir na caminhada de mãos dadas com o sindicato e com os demais segmentos organizados da sociedade civil. “[...] Tudo que nós temos, todos os nossos direitos, foi graças às nossas lutas. Tudo foram conquistas. Como se diz, com suor mesmo, sangue e suor” (Entrevista realizada com Genilda Maia, Mossoró/RN, 05/02/2015).

Corroborando com o pensamento de Genilda Maia, a professora Camila Santos afirma que “lutar pelos nossos direitos, sempre” (Entrevista realizada com Camila Santos, Mossoró/RN, 05/02/2015).

Essa consciência que as professoras demonstram reforça o que aprendemos com os estudos em Freire, quando o mesmo diz que:

Ter a consciência crítica de que é preciso ser o proprietário de seu trabalho e de que “este constitui uma parte da pessoa humana” e que “a pessoa humana não pode ser vendida nem vender-se” é dar um passo mais além das soluções paliativas e enganosas. É inscrever-se numa ação de verdadeira transformação da realidade para, humanizando-a, humanizar os homens. (FREIRE, 1987, p. 183)

É essa tomada de consciência que afirmamos ser a principal contribuição que o sindicato tem dado quanto ao processo de formação desenvolvido a partir de suas ações e dos estímulos repassados para as professoras se perceberem sujeitos proprietárias de seu trabalho e responsáveis pela humanização da sociedade. Professoras como Genilda Maia, Ângela Fernandes e Camila Santos que fazem da luta coletiva conteúdo indispensável em seus currículos pedagógicos, praticando em suas salas de aula aquilo que aprenderam na vivência com o SINTE e com outros/as companheiros/as de luta e de letra.



Foto 40: Da esquerda para a direita: Genilda Maia, Ângela Fernandes e Camila Santos.  
Data:09/01/2015; 13/01/2015; 28/01/2015.  
Fonte: Arquivo Pessoal

Mulheres fortes, professoras responsáveis com uma docência transformadora. Essas são as características que atribuo a essas três militantes ativas com a luta histórica do SINTE/RN pela valorização do/a profissional da educação e por uma pedagogia politicamente humana e social.

As imagens acima foram reproduzidas durante as nossas conversas calorosas e cheias de aprendizagens e que trazem os traços que as identificam como mulheres resistentes. Carregam, ainda, as marcas de grandes lutadoras em prol de uma vida digna para todos/as.

Tardes quentes pelo calor do clima semiárido da nossa região e pelas emoções exaladas de nossas almas enquanto trazíamos as bagagens de viagens percorridas há tempos atrás.

Compartilho com elas o que também vivi e aprendi enquanto educadora e militante, no sentido da minha (auto) formação a partir do contato com os movimentos sociais e que tento praticar cotidianamente nas relações que vou estabelecendo com os/as diversos/as atores/atrizes sociais em que partilho momentos dentro e fora da academia.

### **3.4 – Vidas partilhadas: Histórias na bagagem, jornada que se segue.**

Faço aqui uma retrospectiva dessa maravilhosa viagem em que me vi algumas vezes guiando o leme e n'outras sendo levada, assim como as espumas flutuantes que se deixam ir à leveza das marolas formadas em ondas que ajudam a empurrar o barco. Nossas mãos se davam para segurarmos juntas e firmes os remos, seguindo adiante sem deixar o barco afundar. Que bela viagem!

Na maioria das vezes me vi como passageira em um imenso vagão de um trem, carregado de bagagens. Não eram malas e nem qualquer outro objeto fechado. Era gente, rostos, vozes, sonhos, alegrias, lágrimas e esperanças. Memórias que, apesar de imersas nas lembranças e muitas vezes quietas no íntimo de cada uma, estavam ali, abertas a quem as desse a oportunidade de se exibirem e se fazerem necessárias para as reflexões acerca da vida e suas dimensões históricas.

Do meu lado, sentadas em círculo – pois essa maneira de ficarmos frente a frente nos permite o encontro dos olhares e a troca de nossas energias – três mulheres professoras. Suas bagagens, apesar de enormes, não parecia lhes pesar, uma vez que era perceptível a alegria com que elas as carregavam e se enchiam de orgulho ao mostrar cada uma.

Durante a viagem, fomos estabelecendo laços de cumplicidade e confiança que nos deixaram totalmente à vontade para abrirmos nossas bagagens e partilharmos o que estávamos carregando por tanto tempo em nossas vidas. Confesso que a bagagem que eu trazia era infinitamente menor do que as delas, que estavam abarrotadas de histórias tão significativas para elas e para tantos outros sujeitos que ajudaram a remendar a colcha dos retalhos rasgados pela sociedade.

O presente se faz do passado. Não se pode pensar o futuro sem retornar o olhar para o passado e buscar compreender os processos de transformação da sociedade. Nesse sentido, segundo Rios (2001, p. 127) “a educação, como todo fenômeno humano, tem um caráter

histórico. No presente do trabalho que aí se desenvolve, entrecruzam-se o passado, como memória e tradição, e o futuro, como *projeto*.”.

Para se tornar instrumento de compreensão e intervenção social, a pesquisa necessariamente precisa se valer das memórias e das lembranças de homens e mulheres que se fizeram presentes no decorrer de um processo histórico para, assim, construir projetos transformadores. Daí a riqueza do método (Auto) biográfico que dá o espaço e a valorização das histórias de vida oralizadas pelos próprios sujeitos e suas ressignificações pessoais.

A partir das narrativas das três mulheres, professoras e militantes procuro dar continuidade para a viagem que se propõe a compreender a formação humana dentro do universo dos movimentos sociais, as contribuições que o SINTE/RN – regional Mossoró tem dado no decorrer da vida de Ângela Fernandes, Camila Santos e Genilda Maia. Mulheres, professoras e militantes que continuam fazendo da letra sua bandeira de luta por uma docência humanizadora e consciente.

Não é tarefa fácil transformar as vozes em narrativas escritas, mas a fidelidade será a minha ferramenta principal nesta tarefa que me faz ser pesquisadora e ouvinte. Tratarei de socializar com a mesma verdade e emoção as histórias orais das (Auto) biografias das mulheres professoras que me acompanham nesta viagem e dão toda a essência do tema aqui pesquisado nos detalhes de nossas conversas, sob as questões que são discorridas agora.

Com o propósito da organização metodológica e para maior entendimento do que esta pesquisa propõe, dividimos em pontos centrais as narrativas desenvolvidas com as professoras.

### 1. Escolha pelo magistério

Ao narrarem sobre suas vidas pessoais e sobre a escolha pela docência e as possíveis influências que receberam, as professoras deixaram clara a paixão pelo magistério e a forma espontânea como este surgiu em suas vidas. Genilda abraçou o magistério a partir do convívio com uma tia professora, e mesmo sendo estimulada a seguir a carreira da medicina, não sendo aprovada no vestibular que fizera, agarrou a oportunidade que a vida lhe deu de ser professora, profissão que ama até hoje.

Para Camila ser professora é uma forma de ajudar às pessoas a enxergarem o mundo de maneira diferente, no sentido de buscar seus direitos e exercer os deveres. As características de ser solidária e gostar de ajudar foram os estímulos que a influenciaram para estar na docência, apesar de considerar uma profissão extremamente desvalorizada por alguns na sociedade.

Ao acompanhar a rotina de sua mãe como professora, Ângela começou a gostar da ideia de ser também professora, brincava de escola com as amigas e ajudava aos colegas nos deveres

escolares. Essa prática lhe levou à habilidade que foi despertada para assumir a docência em substituição de seu marido – o mesmo não podia acumular dois vínculos porque também era professor em outra escola – e quando sua mãe se aposentou deixando a vaga de professora para ela.

Considero importante destacar a influência de mulheres na vida de Ângela e Genilda e retomar a discussão acerca da docência como função feminina, reforçando as questões levantadas nesta pesquisa sobre a feminização do magistério. Embora elas afirmem a espontaneidade como se viram professoras, é inegável que há uma influência de outras mulheres para que as mesmas adquirissem o gosto e a habilidade de serem professoras.

O gosto e a habilidade têm a ver com o fato de serem mulheres, de observarem outras mulheres zelando pelos saberes de crianças e, assim, se perceberem com as mesmas condições de exercerem a função de cuidadoras. Por isso mesmo adoraram a possibilidade de continuar a função e de serem reprodutoras desse papel, mesmo que inconscientemente não tenham percebido a maternidade como característica (in) visivelmente exigida para o exercício do magistério na época em que essas mulheres que lhes serviram de inspiração foram professoras.

De certa forma, essa habilidade no cuidado e zelo com o/a outro/a também pode ser considerada como uma função estereotipada do magistério – e isso também se aplica ao caso de Camila – pelo fato de que, ao longo da história, às mulheres foi incumbida a função de zelar pelo bem estar da família, dotando-a de adjetivos maternais como ser afetuosa, zelosa e paciente. Características naturalizadas e expressadas na prática da docência.

## 2. A história do SINTE nas memórias das professoras

A história do Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Rio Grande do Norte – SINTE RN está escrita nas atas, nos relatórios, nos folhetos, nos jornais e nos álbuns de fotografias. Materiais palpáveis com descrições de fatos e situações que foram construídas ao longo da história do sindicato.

No entanto, ela também está nas memórias de diversas pessoas que têm ajudado nessa construção. Entre tantas pessoas que compõem o quadro de sócios/as do sindicato estão três mulheres que carregam consigo detalhes ricos e importantes para suas vidas e para a história do SINTE. Histórias que elas contam orgulhosas e felizes pelo que viveram e vivem enquanto ativas no movimento sindical.

Ao abrirem seus diários pessoais extraídos de suas memórias, falam da história do sindicato como se narrassem de suas próprias vidas, tão grande é a pertença ao processo de construção e fortalecimento do sindicato.

Discorrem desde a criação do SINTE após a extinção da antiga APM, os primeiros colaboradores, as diversas mobilizações, os entraves, as derrotas e as muitas conquistas da categoria. Obviamente que, entre elas, há umas que estão há mais tempo do que outras, e isso se torna bem interessante do ponto de vista das complementações que cada uma vai fazendo na narrativa da outra, de modo a construírem juntas a história do SINTE.

Nesse (re) contar da história do SINTE, elas deixam registrados fatos que talvez nem estejam nas memórias físicas da instituição, como as suas reflexões, os seus olhares para as questões mais subjetivas e não menos significativas do que as atas e os relatórios.

Elas apontam, por exemplo, da necessidade que sentem de mais sócios/as participando ativamente nas atividades e decisões do sindicato. Sugerem uma retomada nas ações de mobilização e na sistemática de reuniões com todos/as os sócios/as, no sentido de não perder o principal motivo de criação do próprio sindicato, que é a mobilização popular.

Sugerem, também, como forma de garantir a presença na rotina do sindicato um calendário de reuniões com uma periodicidade definida e já agendada, de modo que seus/as sócios/as organizem seus calendários e se façam presentes nas assembleias, posto que nos últimos anos tem acontecido poucos encontros e, de certa forma, esfria a relação sindicato-militantes.

Ou seja, ao fazerem uma trajetória na história do SINTE, as professoras retomam em suas lembranças os caminhos desbravados enquanto movimento de luta e resistência e apresentam suas preocupações com a fragilidade em que se encontra o movimento sindical, atribuindo um distanciamento dos/as demais profissionais da educação.

Para elas, se por um lado há um descompromisso da categoria com a luta, também, em suas visões, há um resfriamento na mobilização do próprio sindicato. Uma questão que elas próprias se disponibilizam a discutir e colaborar com o sindicato para buscar caminhos de superação a este enfraquecimento e de retomada de seus/as sócios/as.

### 3. A formação dentro do sindicato

Consideramos um bom profissional aquele que carrega o conhecimento adquirido na academia, exercendo de forma eficiente os conteúdos e as metodologias que aprendeu. Mas, carrega, também, as experiências e aprendizagens que o tornam politicamente humano, no sentido perceber a si e ao outro enquanto sujeitos capazes de interferir na sociedade e de construir novas relações.

Em suas narrativas, Camila, Genilda e Ângela versam sobre as atividades de formação que têm participado dentro do sindicato e destacam a importância desse processo em suas vidas,

na forma como assumem posturas de educadoras e estabelecem as relações na sala de aula. Expõem a necessidade de mais atividades de formação, pois sentem a ausência desse processo de forma sistemática e assídua, compreendendo que professores são seres inconclusos e necessitam estar em constante processo de formação para não perderem a dinamicidade da vida e dos sujeitos que nela se movimentam.

Compreendemos que a ausência a que se referem as professoras está relacionada às atividades de formação pedagógica, voltadas especificamente para a prática docente. No entanto, elas consideram que as mobilizações e eventos coletivos, como por exemplo, as greves e outras atividades de rua, acontecem com maior frequência. Ainda, assim, sentem falta das assembleias periódicas para o envolvimento de outros/as companheiros/as.

Genilda destaca a formação recebida através da sua participação nos movimentos sociais, e mostra compreender que as aprendizagens repassadas pela academia, por si só não são capazes de promover uma formação reflexiva e humana, no sentido de provocar nos professores inquietações acerca das condições de vida de seus alunos e dos demais sujeitos em sociedade. Para ela, é na experiência do dia a dia que se confirma aquilo que aprendeu e vai moldando a sua condição de agente transformador da educação.

Nesse aspecto, as narrativas das professoras reafirmam o que apontamos no decorrer desta pesquisa, da necessidade de trazer as discussões da luta dos movimentos sociais para a academia, compreendendo que sujeito e profissional não podem ser vistos de forma isolada, nem tão pouco indissociados do contexto político em que vivem.

O pedagógico é político e vice versa. Nenhum profissional da educação estará em condições de intervir na sociedade e provocar as transformações necessárias na educação, se não tiver um mínimo de formação que lhe provoque novos olhares e novas posturas frente às diversas situações sociais que ainda não são consideradas pela academia ou são vistas com superficialidade. Estar em contato com o outro e com o mundo possibilita as reflexões necessárias para, tornando-se humano, o professor é capaz de humanizar os seus alunos.

A formação recebida pelas professoras através do sindicato, nas mobilizações de rua, nas greves, nos congressos, seminários e eventos tem contribuído para as profissionais que hoje se consideram e demonstram ser na prática docente. Politicamente preocupadas com uma docência humana e transformadora.

Suas narrativas, as histórias de suas vidas confirmam e reforçam a importância da formação que recebem na militância junto ao SINTE e na vivência com outros sujeitos que, também, acreditam na luta coletiva.

#### 4. As contribuições do SINTE para a vida das professoras

Retomando as discussões do ponto anterior, em suas narrativas as professoras afirmam que reconhecem as contribuições que o SINTE tem dado para suas vidas. A vivência nos movimentos sociais e o convívio com diversos sujeitos de diversas identidades lhes trouxeram mudanças significativas no jeito de se verem diante de si e do/a outro/, compreendendo as complexidades subjetivas de cada um/a.

E como já afirmamos anteriormente, ao considerarmos que sujeito e profissional são indissociáveis, as contribuições que o SINTE trouxe para as professoras refletem tanto em suas identidades individuais quanto no perfil profissional que desenvolvem com os/as alunos/as em salas de aula.

No contato com os alunos, Ângela, Genilda e Camila procuram estimulá-los a lutarem por seus direitos e a questionarem a sociedade e os conflitos que emergem da ausência de políticas públicas que sejam eficientes e aplicadas para todos e todas indistintamente. Reforçam, em suas rotinas docentes sobre a importância da coletividade para se alcançar aquilo que almejam para o bem comum.

A própria relação que as professoras têm com seus/as alunos/as, baseada no respeito e companheirismo, é fruto da formação que receberam do sindicato e elas mesmas reconhecem que não teriam essa postura se não fosse o convívio com os movimentos sociais.

Em todas as narrativas deixam claro que muito aprenderam com o sindicato e isso faz com que não desistam nunca de participar e continuem firmes na luta por uma educação inclusiva e transformadora.

Para elas, as mudanças estruturais e políticas que ocorreram em suas vidas são consequências de estarem ativamente participando das atividades promovidas pelo sindicato e nas parcerias estabelecidas com outros segmentos da sociedade civil, como por exemplo o movimento de mulheres e de estudantes.

Reconhecem, ainda, que todos os ganhos e conquistas são frutos da luta de milhares de militantes que, juntamente com o SINTE, constroem e dão vida à luta por melhores condições de trabalho e pela valorização do profissional da educação.

#### 5. Um convite à luta

Ao contarem a história do SINTE/RN, as professoras destacaram com saudosismo a euforia, ousadia e resistência dos/as militantes com suas bandeiras em punho e os gritos ecoados. Segundo elas, até final dos anos 90 eram muitos os que participavam ativamente e não esmoreciam de jeito nenhum quando a repressão do poder público e seu jeito autoritário de

relacionar-se com os/as trabalhadores parecia serem maiores do que a certeza da conquista de seus direitos.

Atualmente consideram que há um enfraquecimento quanto à participação dos profissionais da educação nas atividades do sindicato, inclusive no decorrer das greves. Atribuem o comodismo de alguns, a transferência de suas responsabilidades para aqueles/as que estão nas ruas, “dando a cara à tapa” – expressão usada pela professora Genilda – porque acreditam que as conquistas quando são alcançadas vêm para todos/as e isso os tira a “obrigação” de ir às ruas e abraçar a luta, deixando que outros/as companheiros/as faça isso em seu lugar.

Também consideram a necessidade de um retorno do próprio sindicato até os/as sócios/as, seja através do contato direto ou com a construção de uma agenda de atividades programadas e rotineiras.

E nas considerações que as professoras fazem, reforçam que a luta é de todos e de todas, e cabe à cada um/a o dinamismo da funcionalidade do sindicato, pois o sindicato é um espaço de representação dos profissionais da educação pública, portanto, o seu fortalecimento depende da participação de seus/as sócios/as.

Com isso, chamam os companheiros e as companheiras, militantes do sindicato para reacender a chama da ousadia, da alegria e da esperança que formam os adornos da bandeira da luta em prol da educação pública.

Ao concluir este capítulo, lanço mão das leituras em Freire (1987) quando o mesmo, sabiamente, diz que “a organização das massas populares em classes é o processo no qual a liderança revolucionária, tão proibida quanto estas, de dizer sua palavra, instaura o aprendizado da *pronúncia* do mundo, aprendizado verdadeiro, por isso dialógico” (FREIRE, 1987, p. 177).

No diálogo com Camila, Ângela e Genilda, mulheres, professoras e militantes com suas experiências acumuladas e adquiridas na vivência com o SINTE/RN – regional de Mossoró, aprendo a pronunciar o mundo através de suas narrativas ricas e contagiantes.

As considero verdadeiras lideranças revolucionárias. Os conhecimentos e, sobretudo, as percepções de mundo e as reflexões que elas fazem da vida e dos sujeitos são os ensinamentos que elas repassam para mim enquanto pesquisadora, para os/as leitores/as e para seus/as alunos/as. Vejo em cada uma delas as marcas que o sindicato e a luta deixam em suas vidas enquanto processo de formação humana, transformando-as em agentes políticos e comprometidos com uma prática docente que direcione para as ações capazes de interferir e transformar a sociedade, no sentido de considerar homens e mulheres iguais e com direito à participação coletiva.

Assim como eu, são mulheres que, apesar das constantes situações de discriminação e desrespeito ao nosso gênero feminino, abraçam o magistério e a luta popular como elementos constituintes da própria identidade.

Somos múltiplas nas responsabilidades femininas, nas funções a nós socialmente atribuídas enquanto genitoras e mantenedoras da moral de nossas famílias, na luta diária pela garantia de nossos espaços e tendo que confirmar o tempo todo de que somos capazes de assumir e dar conta de coisas que antes consideravam impossíveis de serem realizadas por mulheres e, ainda, cumprimos com responsabilidade e compromisso ético, político e profissional com a prática da docência, sem perder de vista o encantamento e a fé na vida.

Encontrar e partilhar com Genilda, Ângela e Camila de suas histórias de vida me dão a certeza da escolha por esta pesquisa e reforçam a minha credibilidade nos movimentos sociais enquanto espaços de formação humana. Seguiremos nossos caminhos com nossas bagagens refeitas por histórias contadas, recontadas e ressignificadas a partir de nossas memórias.

Despedimos-nos com um até breve, motivadas pelo desejo de nos reencontrarmos, revisitarmos de novo, e de novo, as nossas memórias e fazermos novas leituras e novas reflexões sobre a docência e seu papel transformador. A jornada segue e estaremos, sem dúvidas, juntas na militância com os movimentos sociais e na luta com o SINTE/RN – regional Mossoró, buscando construir processos de formação que nos façam cada vez mais professoras reflexivas e mulheres humanamente livres e felizes.

Caminhando e cantando e seguindo a canção.  
Somos todos iguais, braços dados ou não.  
Nas escolas, nas ruas, campos, construções.  
Caminhando e cantando, e seguindo a canção.

*Vem, vamos embora que esperar não é saber.  
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.*

Pelos campos há fome em grandes plantações.  
Pelas ruas marchando indecisos cordões.  
Ainda fazem da flor seu mais forte refrão.  
E acreditam nas flores vencendo o canhão.

Há soldados armados, amados ou não.  
Quase todos perdidos de armas na mão.  
Nos quartéis lhes ensinam uma antiga lição.  
De morrer pela pátria e viver sem razão.

Nas escolas, nas ruas, campos, construções.  
Somos todos soldados, armados ou não.  
Caminhando e cantando, e seguindo a canção.  
Somos todos iguais, braços dados ou não.

Os amores na mente, as flores no chão.  
A certeza na frente, a história na mão.  
Caminhando e cantando, e seguindo a canção.  
Aprendendo e ensinando uma nova lição.

**Pra não dizer que não falei das flores – *Geraldo Vandré.***

## CONSIDERAÇÕES

Quando iniciei a viagem pelos caminhos da pesquisa, trazia uma bagagem cheia de retalhos confeccionados durante a estadia nos movimentos sociais. Cada retalho representa pessoas e situações que, historicamente, vêm construindo a luta por uma sociedade justa e humana.

Por um bom tempo percorri no movimento de mulheres, buscando compreender as razões pelas quais a sociedade estabeleceu papéis tão diferenciados entre homens e mulheres, de modo a nos condicionar como sujeitos subordinados e, discriminatoriamente, inferiores na ocupação dos diversos espaços.

Somos resistentes e é na resistência de cada uma que temos conseguido transformar a sociedade através de ações de desconstrução da cultura machista que alicerçou secularmente as relações estabelecidas e reforçadas pelas outras instituições, como a igreja, a escola e o Estado.

Mesmo com as repressões que sofremos, nós mulheres fomos abrindo as valas e demarcando nossos espaços, mostrando a nossa capacidade de contribuir com a construção de uma sociedade que seja igual para todos e todas.

O magistério chegou às mulheres como processo de busca por esta construção social. Apesar de estereotipada como uma função maternal, abraçamos a profissão e mostramos a responsabilidade com a educação quando nos dispomos a exercê-la de forma humana e solidária, porque não escolhemos a quem educar. Educamos gente.

Sou mulher, militante e pedagoga. Condições que me possibilitaram o convívio com outras mulheres de identidades semelhantes e me trouxeram as diversas inquietações que provocaram o percurso desta pesquisa.

O trabalho com grupos de mulheres de Mossoró e região oeste do RN me fez refletir sobre as questões de gênero e me permitiu contribuir com o fortalecimento do movimento de mulheres na luta por uma sociedade sem machismo e sem qualquer tipo de preconceito sexista.

Na academia aprendi os conceitos, os conhecimentos e as técnicas de como ser professora quando escolhi o curso de Pedagogia. A escolha, mesmo que ainda não tivesse consciência disso, vinha da vontade de ser professora – quando menina brincava de escolinha com as outras colegas – e a feminização do magistério, assunto discutido no percurso desta pesquisa, justifica bastante sobre isso.

Nunca me arrependi pela escolha, sou feliz em poder compartilhar o que vou aprendendo e, sobretudo, pela construção das relações com outras pessoas que o magistério nos permite. Vivemos cercadas por identidades diversas e isso é maravilhoso.

Mas, os conhecimentos sobre a vida, as relações entre os sujeitos e as reflexões sobre a dinamicidade em que elas se constroem, fui aprendendo no convívio com diversos sujeitos e em diversas situações de conflitos, de rupturas, de dores, de alegrias e de conquistas. Situações que vivi, percebi e senti dentro dos movimentos sociais.

Se por um lado, recebi a formação conceitual da profissão docente dentro da academia, e isso me credencia para assumir a sala de aula, por outro, através da participação nos movimentos sociais desenvolvi a percepção crítica e reflexiva diante da sociedade.

No universo dos movimentos sociais e, através do trabalho com mulheres, tive a oportunidade de participar de diversos momentos junto aos trabalhadores da educação pública, especificamente nas atividades promovidas pelo SINTE/RN, compartilhando com outras mulheres professoras das discussões e mobilizações em defesa da educação pública.

Nesses momentos via-me mergulhada nas inquietudes que me acompanhavam sobre as questões de gênero e a condição de vida daquelas mulheres professoras e de como a participação delas nos movimentos sociais poderia afetar na sua vida pessoal e no seu desempenho enquanto docentes.

A pesquisa nasceu do desejo de se compreender *como as ações do SINTE/RN contribuem para a vida das professoras no sentido da formação para a prática da docência*. Ou seja, o que significava para aquelas mulheres as mobilizações promovidas pelo sindicato e que contribuições o mesmo dava no sentido da formação, de modo a lhes permitir uma docência diferenciada na perspectiva da prática voltada para o sujeito e sua consciência crítica diante de si, do/a outro/a e do mundo.

A escolha pelo método (Auto) biográfico apontava os caminhos para se chegar às informações que nos levaram aos entendimentos que buscamos e, assim, procuramos nas narrativas das mulheres professoras compreender as ações promovidas pelo sindicato que trouxeram as contribuições necessárias para a formação delas, no sentido de se perceberem professoras conscientes do seu papel de agentes da transformação social.

Com o objetivo de *refletir, a partir das narrativas das professoras militantes, a contribuição do SINTE/RN para a formação docente*, desenvolvemos atividades de entrevista com grupo focal a partir da realização de rodas de conversas com os diversos sujeitos envolvidos, sendo estes membros da diretoria do SINTE/RN – regional Mossoró e três mulheres professoras que estão ativamente nas atividades do sindicato e, ao mesmo tempo, na prática da docência.

Procuramos os caminhos para alcançarmos o objetivo central da pesquisa e definimos como específicos os objetivos seguintes, trazendo as considerações sobre cada um e de que

forma conseguimos alcançá-los dando elementos para a proposição principal da pesquisa pautada na formação humana.

Para *identificar as ações desenvolvidas pelo SINTE/RN para a formação docente no RN*, realizamos diversos encontros com membros da diretoria do sindicato em Mossoró, em que os mesmos nos disponibilizaram as memórias físicas (fotografias, relatórios, atas – alguns anexados nos capítulos desta pesquisa) e suas narrativas para que pudéssemos conhecer as diversas atividades desenvolvidas pelo sindicato no decorrer de sua trajetória.

Queríamos encontrar subsídios que nos mostrassem se realmente o sindicato desenvolvia em sua dinâmica de atuação ações de formação destinadas para seus/as sócios/as e, através das memórias de seus membros, pudemos verificar que o sindicato vem desenvolvendo atividades voltadas para a formação política, reforçando, assim, o seu papel enquanto espaço representativo dos profissionais da educação pública.

Os encontros com as três mulheres professoras e militantes nos deram condições de construirmos os caminhos que até aqui trilhamos e para *inventariar com as professoras sindicalizadas e em exercício do magistério as suas histórias de vida dentro do sindicato*, promovemos momentos de resgate de suas memórias e através de suas lembranças (re) contamos a história do SINTE a partir do que elas viveram e sentiram ao estarem boa parte de suas vidas partilhando dos diversos momentos dentro do sindicato, as relações que construíram com outros sujeitos e as reflexões que lhes provocaram novos olhares e posturas de intervenção na sociedade.

As histórias de vida das três mulheres professoras militantes, carregadas de subjetividades e ressignificações, trouxeram diversas reflexões no sentido de se compreender a formação enquanto elemento fundamental para a prática docente. As histórias orais, os detalhes que foram apresentados em suas narrativas nos deram condições de *analisar, a partir das vozes das professoras militantes, a relação do sindicato com a formação docente e como este se constitui espaço formativo*, evidenciando que elas reconhecem a contribuição que o sindicato tem dado no sentido de se verem mais humanas e mais conscientes de sua função enquanto professoras.

Em suas falas, se mostram terem adquirido a formação necessária para exercerem a docência de forma solidária e respeitosa com seus/as alunos/as e todas as pessoas envolvidas com a educação, bem como de serem conscientes de seus direitos e saberem como reivindicar aquilo que acreditam como sociedade justa e humana para homens e mulheres.

Na prática, procuram repassar os princípios da justiça, da solidariedade e da cidadania, pois acreditam que a educação tem o poder de provocar nos sujeitos as reflexões que lhes

estimulem a intervirem na sociedade, transformando e alterando a vida das pessoas para melhor. As três mulheres professoras militantes são enfáticas ao reconhecerem que o sindicato tem contribuído significativamente para sua vida pessoal e, conseqüentemente, para a vida profissional, pois não se percebem dissociadas.

Ao chegarmos neste momento da pesquisa aumentamos nossas bagagens e realizamos alguns remendos na colcha que iremos tecendo no decorrer de nossas vidas. O olhar para as questões sociais e de gênero me fizeram mais solidária e mais reflexiva sobre a pluralidade de situações a que estão imersas tantas mulheres, em que umas se mostram resilientes e continuam a luta por mais mudanças. Enquanto outras ainda se deixam acorrentadas nas algemas da cultura machista que continua percorrendo a sociedade.

A troca de experiências com as mulheres professoras reforçam a importância dos movimentos sociais para a formação docente, no sentido de nos tornar mais humanas e conscientes do nosso espaço na sociedade, não permitindo as injustiças e procurando intervir nos processos que elaboram e executam a política para a educação pública.

Quando nos definimos enquanto seres inacabados, continuamos o dinamismo de se estar vivo e na busca constante por uma formação que nos faça cada vez mais humanos/as. *A luta e a letra* se entrelaçam por essa inconclusão e permitem apontar caminhos para que o elo entre a *academia* e os *movimentos sociais* seja estabelecido, contribuindo dessa forma para uma formação verdadeiramente humana e contínua.

Desenvolver esta pesquisa revela a necessidade de trazer de forma mais consistente e provocativa as questões relacionadas à subjetividade humana e as dimensões mais complexas do ser, compreendendo o profissional individual e, ao mesmo tempo, coletivo pelas relações que vai construindo no seu dia a dia.

Percorremos a pesquisa trilhando os caminhos pelos movimentos sociais, e escolhemos o SINTE/RN para compreendermos como a formação do sujeito acontece nos espaços distantes da academia. Chegamos até aqui com uma bagagem cheia de narrativas que nos comprovam a grande contribuição que os movimentos sociais têm dado para a formação humana.

A sociedade é composta por uma infinidade de sujeitos organizados em torno de ideais de coletividade e solidariedade, tendo como processo de intervenção social a formação política. Nesse sentido, acredito que muitos atores e atrizes encontram-se espalhados/as pelas veredas dos movimentos sociais e ainda não aparecem no cenário acadêmico. Tornar visíveis os processos de formação desenvolvidos pelos diversos segmentos sociais, pode se tornar um enorme e importante acervo para a política de formação da academia.

Quando chego nessa etapa, trago outra inquietação e provoco o desejo de identificar quais outros setores dentro dos movimentos sociais também podem contribuir para a formação de práticas pedagógicas cada vez mais humanas? e como estes têm desenvolvido ações na perspectiva de profissionais mais reflexivos e comprometidos com a transformação da sociedade?

A pesquisa aqui apresentada se mostra como uma porta aberta para novas reflexões e novos caminhos a serem desbravados na perspectiva de inquietações futuras sobre os processos de formação que acontecem em espaços para além da academia, e de como estes espaços podem continuar contribuindo para a formação de professores/as com habilidade para serem interventores nas questões relevantes da sociedade que afetam diretamente a vida de homens e mulheres, compreendendo que a educação tem o dever de exercer o seu papel político de intervenção social.

Façamos da letra – não de forma estática, mas viva em nossas vozes e nas nossas práticas – a nossa luta diária por uma educação e uma sociedade mais humanas. Sejamos cada um e cada uma retalhos que se permitam rasgar-se e remendar-se num dinamismo constante, nos fazendo com cores, texturas e fios que irão compoendo esta colcha imensa chamada vida.

Eu fico com a pureza da resposta das crianças  
É a vida, é bonita e é bonita

Viver e não ter a vergonha de ser feliz  
Cantar e cantar e cantar  
A beleza de ser um eterno aprendiz  
Ah meu Deus!

Eu sei que a vida devia ser bem melhor e será  
Mas isso não impede que eu repita  
É bonita, é bonita e é bonita  
E a vida

E a vida o que é? Diga lá, meu irmão  
Ela é a batida de um coração  
Ela é uma doce ilusão  
E a vida

Ela é maravilha ou é sofrimento?  
Ela é alegria ou lamento?  
O que é, o que é meu irmão?

Há quem fale que a vida da gente é um nada no mundo  
É uma gota, é um tempo que nem dá um segundo  
Há quem fale que é um divino mistério profundo  
É o sopro do criador numa atitude repleta de amor

Você diz que é luta e prazer  
Ele diz que a vida é viver  
Ela diz que melhor é morrer, pois amada não é  
E o verbo é sofrer  
Eu só sei que confio na moça  
E na moça eu ponho a força da fé  
Somos nós que fazemos a vida, como der, ou puder, ou quiser  
Sempre desejada

Por mais que esteja errada ninguém quer a morte  
Só saúde e sorte. E a pergunta roda  
E a cabeça agita

Eu fico com a pureza da resposta das crianças  
É a vida, é bonita e é bonita...

**O que é, o que é – Gonzaguinha**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### A) DAS NARRATIVAS:

Ângela Fernandes, Camila Santos e Genilda Maia. Entrevistas realizadas nos dias 09, 13 e 28 de janeiro de 2015 e no dia 05 de fevereiro de 2015 em Mossoró/RN. Entrevistadora: Maria da Conceição Fernandes de França.

Aparecida Silva, Dolores Gregório, Luzia Costa e Telma Marinho. Entrevista realizada em 15 de janeiro de 2015, em Mossoró/RN. Entrevistadora: Maria da Conceição Fernandes de França.

Josué Damasceno e José Maria de Melo. Entrevista realizada em 24 de abril de 2014, em Mossoró/RN. Entrevistadora: Maria da Conceição Fernandes de França.

Padre Sátiro Cavalcanti Dantas. Entrevista realizada em 07 de julho de 2015, em Mossoró/RN. Entrevistadora: Maria da Conceição Fernandes de França.

### B) DOS LIVROS:

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e Educação: a Paixão pelo Possível**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ARIËS, Philippe. **A História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1981.

BUENO, Belmira Oliveira.; CATANI, Denice Barbara.; SOUSA, Cynthia Pereira de. (Org.). **A vida e o ofício dos professores: formação contínua, autobiografia e pesquisa em colaboração**. São Paulo: Escrituras Editora, 1998.

\_\_\_\_\_. **O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p. 11-30, jan./jun. 2002.

CENTRO FEMINISTA 8 DE MARÇO. **Ata da reunião ordinária**. Mossoró: 18 de setembro de 2003.

FARIA, Nalu. **Gênero e Políticas Públicas: Uma breve abordagem das relações de gênero**. In: *Feminismo e Luta das Mulheres. Análises e Debates*. São Paulo: Fabracor, 2005.

FETASE – Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Sergipe – Marcha das Margaridas. Disponível em: <<http://fetase.org.br/mobilizacoes/marcha-das-margaridas/>> Acesso: 18 dez. 2014.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GERMANO, Marcelo Gomes. **Uma nova ciência para um novo senso comum.** Campina Grande, PB: Eduepb, 2011.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais na contemporaneidade.** Revista Brasileira de Educação. v. 16 n. 47. Campinas, maio-ago. 2011.

\_\_\_\_\_. **Movimentos Sociais e Educação.** São Paulo: Cortez, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação.** Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

Memorial das Ligas Camponesas. Disponível em: <<http://www.ligascamponesas.org.br/>> Acesso: 25 Nov. 2013.

NOBRE, Miriam. **Relações de Gênero e Agricultura Familiar.** In: *Feminismo e Luta das Mulheres. Análises e Debates.* São Paulo: Fabracor, 2005.

NÓVOA, Antonio. **Vidas de Professores.** Porto: Editora Porto, 1992.

\_\_\_\_\_. **O passado e o presente dos professores.** In: NÓVOA (Org.) et al. *Profissão Professor.* Portugal: Porto Editora, 1995.

\_\_\_\_\_. **Os professores e o “novo” espaço público da educação.** In: TARDIF; LESSARD. *O ofício de professor: História, perspectivas e desafios internacionais.* Petrópolis: Vozes, 2008.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. **Os trabalhadores da educação e a construção política da profissão docente no Brasil.** Educar em Revista, Curitiba, n.1, p. 17-35, 2010.

PASSEGGI, Maria da Conceição.; SOUZA, Eliseu Clementino de.; VICENTINI, Paula Perin. **Entre a vida e a formação: pesquisa (auto) Biográfica, Docência e Profissionalização.** Educação em Revista: Belo Horizonte, 2011.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social.** In: *Estudos Históricos.* Rio de Janeiro: vol. 5, n. 10, p. 200-212, Dora Rocha, 1992.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Compreender e Ensinar: Por uma docência da melhor qualidade.** São Paulo: Cortez, 2001.

SINTE – Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Rio Grande do Norte. Disponível em: <<http://www.sintern.org.br>> Acesso: 04 jun. 2013.

SOUZA, Eliseu Clementino de. **História de vida e formação de professores: um olhar sobre a singularidade das narrativas (auto) biográficas.** In: MACEDO, Roberto Sidney. (Org.). *Currículo e Docência: tensões contemporâneas interfaces pós-formais.* Salvador: Editora da UNB, 2003.

THOMPSON, Edward Palmer. **A Formação da Classe Operária Inglesa: A Árvore da Liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

VIANNA, Claudia Pereira. **O Sexo e o Gênero da Docência.** Cadernos Pagu. n.º 17/18. Ano 2001/02: pp. 81-103.

\_\_\_\_\_. **Os nós do nós: crise e perspectivas da ação coletiva docente em São Paulo.** São Paulo: Xamã, 1999.

VIEIRA, Josenilton Nunes. **O Sindicato como espaço de construção da profissão docente.** 221 f. Tese (Pós-Graduação em Educação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2009.

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DOCUMENTO

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização das imagens e documentos, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos, filmagens, atas e demais registros de documentos a título de ilustrações no projeto de pesquisa a seguir discriminado:

Programa de Pós-Graduação – POSEDUC/UERN Mossoró

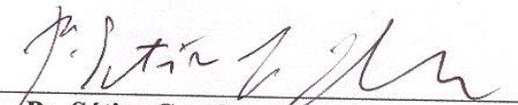
Título do projeto: De luta e de letra: a contribuição do SINTE/RN para a formação docente nas vozes das professoras militantes

Pesquisadora: Maria da Conceição Fernandes de França

Orientadora: Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar

As imagens e documentos poderão ser exibidos nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas impressas e na internet, em eventos nacionais e internacionais. Autorizo, ainda, que a aluna possa executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, respeitando sempre o fim aqui estipulado.

Mossoró/RN, 07 de Julho de 2015.



---

**Pe. Sátiro Cavalcanti Dantas**

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DOCUMENTO

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização das imagens e documentos, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos, filmagens, atas e demais registros de documentos a título de ilustrações no projeto de pesquisa a seguir discriminado:

Programa de Pós-Graduação – POSEDUC/UERN Mossoró

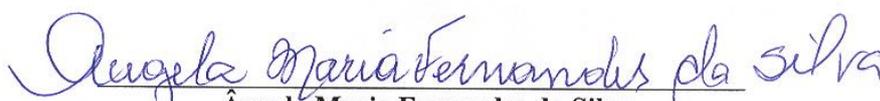
Título do projeto: De luta e de letra: a contribuição do SINTE/RN para a formação docente nas vozes das professoras militantes

Pesquisadora: Maria da Conceição Fernandes de França

Orientadora: Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar

As imagens e documentos poderão ser exibidos nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas impressas e na internet, em eventos nacionais e internacionais. Autorizo, ainda, que a aluna possa executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, respeitando sempre o fim aqui estipulado.

Mossoró/RN, 20 de Fevereiro de 2015.

<sup>1</sup>  
  
Angela Maria Fernandes da Silva

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DOCUMENTO

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização das imagens e documentos, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos, filmagens, atas e demais registros de documentos a título de ilustrações no projeto de pesquisa a seguir discriminado:

Programa de Pós-Graduação – POSEDUC/UERN Mossoró

Título do projeto: De luta e de letra: a contribuição do SINTE/RN para a formação docente nas vozes das professoras militantes

Pesquisadora: Maria da Conceição Fernandes de França

Orientadora: Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar

As imagens e documentos poderão ser exibidos nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas impressas e na internet, em eventos nacionais e internacionais. Autorizo, ainda, que a aluna possa executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, respeitando sempre o fim aqui estipulado.

Mossoró/RN, 20 de Fevereiro de 2015.

  
**Camila Santos Oliveira**

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DOCUMENTO

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização das imagens e documentos, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos, filmagens, atas e demais registros de documentos a título de ilustrações no projeto de pesquisa a seguir discriminado:

Programa de Pós-Graduação – POSEDUC/UERN Mossoró

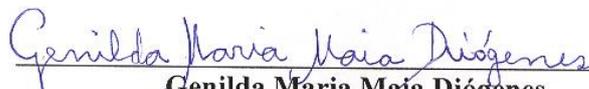
Título do projeto: De luta e de letra: a contribuição do SINTE/RN para a formação docente nas vozes das professoras militantes

Pesquisadora: Maria da Conceição Fernandes de França

Orientadora: Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar

As imagens e documentos poderão ser exibidos nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas impressas e na internet, em eventos nacionais e internacionais. Autorizo, ainda, que a aluna possa executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, respeitando sempre o fim aqui estipulado.

Mossoró/RN, 20 de Fevereiro de 2015.

  
\_\_\_\_\_  
**Genilda Maria Maia Diógenes**

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DOCUMENTO

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização das imagens e documentos, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos, filmagens, atas e demais registros de documentos a título de ilustrações no projeto de pesquisa a seguir discriminado:

Programa de Pós-Graduação – POSEDUC/UERN Mossoró

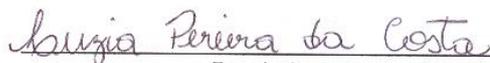
Título do projeto: De luta e de letra: a contribuição do SINTE/RN para a formação docente nas vozes das professoras militantes

Pesquisadora: Maria da Conceição Fernandes de França

Orientadora: Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar

As imagens e documentos poderão ser exibidos nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas impressas e na internet, em eventos nacionais e internacionais. Autorizo, ainda, que a aluna possa executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, respeitando sempre o fim aqui estipulado.

Mossoró/RN, 20 de Janeiro de 2015.



**Luzia Pereira da Costa**

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DOCUMENTO

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização das imagens e documentos, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos, filmagens, atas e demais registros de documentos a título de ilustrações no projeto de pesquisa a seguir discriminado:

Programa de Pós-Graduação – POSEDUC/UERN Mossoró

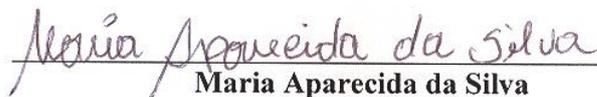
Título do projeto: De luta e de letra: a contribuição do SINTE/RN para a formação docente nas vozes das professoras militantes

Pesquisadora: Maria da Conceição Fernandes de França

Orientadora: Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar

As imagens e documentos poderão ser exibidos nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas impressas e na internet, em eventos nacionais e internacionais. Autorizo, ainda, que a aluna possa executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, respeitando sempre o fim aqui estipulado.

Mossoró/RN, 20 de Janeiro de 2015.



Maria Aparecida da Silva

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DOCUMENTO

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização das imagens e documentos, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos, filmagens, atas e demais registros de documentos a título de ilustrações no projeto de pesquisa a seguir discriminado:

Programa de Pós-Graduação – POSEDUC/UERN Mossoró

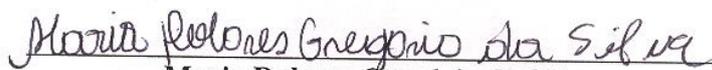
Título do projeto: De luta e de letra: a contribuição do SINTE/RN para a formação docente nas vozes das professoras militantes

Pesquisadora: Maria da Conceição Fernandes de França

Orientadora: Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar

As imagens e documentos poderão ser exibidos nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas impressas e na internet, em eventos nacionais e internacionais. Autorizo, ainda, que a aluna possa executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, respeitando sempre o fim aqui estipulado.

Mossoró/RN, 20 de Janeiro de 2015.

  
Maria Dolores Gregório da Silva

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DOCUMENTO

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização das imagens e documentos, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos, filmagens, atas e demais registros de documentos a título de ilustrações no projeto de pesquisa a seguir discriminado:

Programa de Pós-Graduação – POSEDUC/UERN Mossoró

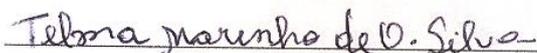
Título do projeto: De luta e de letra: a contribuição do SINTE/RN para a formação docente nas vozes das professoras militantes

Pesquisadora: Maria da Conceição Fernandes de França

Orientadora: Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar

As imagens e documentos poderão ser exibidos nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas impressas e na internet, em eventos nacionais e internacionais. Autorizo, ainda, que a aluna possa executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, respeitando sempre o fim aqui estipulado.

Mossoró/RN, 20 de Janeiro de 2015.

  
\_\_\_\_\_  
Telma Marinho de Oliveira



## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DOCUMENTO

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizamos expressamente a utilização das imagens e documentos, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos, filmagens, atas e demais registros de documentos a título de ilustrações no projeto de pesquisa a seguir discriminado:

Programa de Pós-Graduação – POSEDUC/UERN Mossoró

Título do projeto: De luta e de letra: a contribuição do SINTE/RN para a formação docente nas vozes das professoras militantes

Pesquisadora: Maria da Conceição Fernandes de França

Orientadora: Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar

As imagens e documentos poderão ser exibidos nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas impressas e na internet, em eventos nacionais e internacionais. Autorizamos, ainda, que a aluna possa executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, respeitando sempre o fim aqui estipulado.

Mossoró/RN, 25 de Abril de 2014.

*Francisca Eliane de Lima*

**Centro Feminista 8 de Março**  
Coordenação



## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DOCUMENTO

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizamos expressamente a utilização das imagens e documentos, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos, filmagens, atas e demais registros de documentos a título de ilustrações no projeto de pesquisa a seguir discriminado:

Programa de Pós-Graduação – POSEDUC/UERN Mossoró

Título do projeto: De luta e de letra: a contribuição do SINTE/RN para a formação docente nas vozes das professoras militantes

Pesquisadora: Maria da Conceição Fernandes de França

Orientadora: Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar

As imagens e documentos poderão ser exibidos nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas impressas e na internet, em eventos nacionais e internacionais. Autorizamos, ainda, que a aluna possa executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, respeitando sempre o fim aqui estipulado.

Mossoró/RN, 25 de Abril de 2014.

**Grupo Mulheres em Ação**  
Coordenação

Jenania de Lima Santos

Maria Rêlda da Silva Moura

Isone Inalme de Medeiros Melo



## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DOCUMENTO

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizamos expressamente a utilização das imagens e documentos, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos, filmagens, atas e demais registros de documentos a título de ilustrações no projeto de pesquisa a seguir discriminado:

Programa de Pós-Graduação – POSEDUC/UERN Mossoró

Título do projeto: De luta e de letra: a contribuição do SINTE/RN para a formação docente nas vozes das professoras militantes

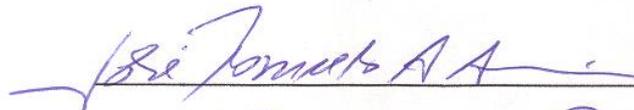
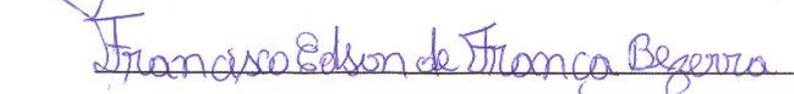
Pesquisadora: Maria da Conceição Fernandes de França

Orientadora: Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar

As imagens e documentos poderão ser exibidos nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas impressas e na internet, em eventos nacionais e internacionais. Autorizamos, ainda, que a aluna possa executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, respeitando sempre o fim aqui estipulado.

Mossoró/RN, 03 de Abril de 2014.

Diretoria do SINTE/RN – Regional Mossoró

  
\_\_\_\_\_  
  
\_\_\_\_\_  
  
\_\_\_\_\_